

XP inc.

Jornalistas & Cia

Edição 1.353 - 6 a 12 de abril de 2022

SAMSUNG

GERDAU
O futuro se molda



vivo



Com o Jornalismo nas veias, a Liberdade na mente e a Democracia no coração

Assim são os filhos e filhas de jornalistas que abraçaram a profissão, inspirados nos exemplos paternos e maternos, num tempo tão ou mais desafiador para essa que todos eles, quase com certeza, consideram a melhor de todas as profissões

Nem sempre se ganha bem, na maioria das vezes se trabalha muito, a qualidade de vida... hummm... uma utopia, vida familiar castigada por jornadas e horários que variam como o vento, pressão constante de todos os lados, azedumes de chefes, fontes e, por vezes, dos próprios colegas. Mas, afinal, qual é a mágica que essa profissão, por muitos apontada como encantadora, tem para atrair gerações de profissionais, que, mesmo vendo tudo isso acontecer em casa, desde a mais tenra idade, ainda assim escolhem casar-se profissionalmente com o Jornalismo, prometendo fidelidade, amor eterno, na alegria e na tristeza?

Foi essa reflexão que fez Jornalistas&Cia e Portal dos Jornalistas dedicarem o seu especial do *Dia do Jornalista* à saga dos filhos e filhas que decidiram seguir a trilha dos pais e mães, num testemunho de que, por maiores que sejam os problemas e os desafios, o Jornalismo pode, sim, contagiar gerações e ser o elo gravitacional de famílias que querem transformar o mundo e a sociedade pela informação de qualidade.

Mas quisemos fazer algo diferente. Propusemos aos pais e mães que escrevessem sobre os filhos

e filhas jornalistas, não para os exaltar – embora corujice não seja defeito e sim qualidade de quem ama –, mas para mostrar, como bons repórteres que foram a vida toda, uma reportagem sobre suas crias, que revele o que pensam da profissão que abraçaram, que legado esperam aportar ao jornalismo, que futuro aspiram, qual o Brasil que querem e que lutam para ter.

Ao longo das próximas páginas, pais e mães vão se desnudar e também desnudar seus filhos e filhas, revelando um pouco de como é, por dentro, uma família impregnada pelo Jornalismo. Histórias inspiradoras que nos chegam do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, uma delas do time aqui do Jornalistas&Cia. Muitas outras também o são e poderiam ser contadas neste especial, como as de **Juca** e **André Kfourri**, **Pedro** e **Renata Cafardo**, **Fernando** e **Júlio Molicca**, **José Hamilton** e **Teté Ribeiro**, **Hermano** e **André Henning**, **Flávia Oliveira** e **Isabela Reis**, por exemplo. Mas mesmo eles certamente vão se enxergar e se deliciar com as histórias que este especial traz com tanto carinho para celebrar data tão marcante para os jornalistas.

Boa leitura!

Equipe Jornalistas&Cia/
Portal dos Jornalistas



PARA CONHECER **O MERCADO AGRO,**

VOCÊ PRECISA CONHECER O BRUNO ANTES.

A Fato Relevante tem orgulho de contar, em seu time, com **a maior referência** em temas fundamentais para o futuro da humanidade: sustentabilidade, meio ambiente e agronegócio. Tão essenciais que ele foi convidado para participar de um painel em Harvard. Boa viagem, Bruno!



Bruno Blecher é jornalista especializado em agronegócio e meio ambiente.

É sócio-diretor da Agência Fato Relevante. Trabalhou nos jornais O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo. Foi diretor de Redação da revista Globo Rural e comentarista de agronegócio da rádio CBN.

Instigando a Competitividade Agrícola | 10/04 às 10h45

Acompanhe a palestra pelo YouTube:

 /BrazilConference





Jornalista precisa se posicionar, sempre

(Ricardo Kotscho, colunista de política do UOL e titular do blog Balaió do Kotscho, e a filha, Mariana Kotscho)

Entrevistar filha jornalista multimídia 24 horas não é fácil. O maior problema foi ela encontrar um espaço na agenda.

Minha ideia era fazer um bate-papo, trocando ideias sobre a nossa profissão, mas só foi possível fazer esta entrevista por e-mail, um pingue-pongue, bem no dia do aniversário dela (1º/4), em cima do laço do *deadline*.

Meu bebezão já é uma jovem senhora: 49 anos, 30 de profissão. Nunca tive uma filha tão velha...

Ao ler as respostas, tive a certeza de que Mariana é mesmo uma prova da evolução da espécie.

Como ela consegue fazer tantas coisas ao mesmo tempo e ainda cuidar de três filhos adolescentes, Laura, Bebel e André?

Nas horas vagas, cuida também do pai e do marido, o doutor Rodrigo, jornalista e professor.

Mariana não parece ser uma só, mas são várias, em diferentes papéis, sem perder a ternura e a profunda consciência de cidadania.

Claro que sou suspeito pra falar, mas leiam a entrevista e vejam se não tenho razão de sentir muito orgulho desta minha primogênita.

Vida que segue. (R.K.)



Mariana e Ricardo Kotscho

Ricardo Kotscho – Como, quando e por quais motivos você decidiu ser jornalista? Em algum momento da carreira você se arrependeu da escolha?

Mariana Kotscho – Eu acho que sempre quis ser jornalista, desde criança. Convivia não só com você, mas com todos os seus amigos e amigas e ficava encantada com tantas histórias que eles contavam. Eu pensava que ser adulto e jornalista era algo muito bom, você conhecia pessoas, lugares, tinha muitas histórias para contar. Além disso, cresci nas redações dos jornais, nos corredores do sindicato. Me sinto jornalista desde criança, para mim era algo natural. Mas sempre quis trabalhar em televisão, até porque já tinha um pai com um nome muito forte, que tinha passado pelas redações dos principais impressos e eu precisava trilhar meu próprio caminho. E eu sentia que redação de jornal eu já conhecia – afinal, desde criança, para quantos plantões você me levou? –, então eu precisava de algo novo. Nunca me arrependi da escolha e nunca pensei em fazer outra coisa. Pior que essa paixão de família pela profissão já influenciou a nova geração e sua

neta mais velha, minha filha Laura, segue agora pelo mesmo caminho. Sabemos que ser jornalista não é escolher uma profissão, é uma opção de vida.

Ricardo – Em mais de 30 anos de profissão, qual foi a decisão mais difícil que você tomou?

Mariana – Foram várias. Mas a mais difícil foi pedir demissão da Globo, no auge da minha carreira de repórter. Afinal, eu tinha três filhos bebês, os três nasceram em menos de quatro anos e a rotina de repórter de rua tornou-se incompatível com a de uma mãe de crianças pequenas. Vivi um dilema porque eu queria ser repórter e queria ser mãe. Mas, no fim, acabei juntando as duas coisas e criando o *Papo de Mãe*, programa de TV independente que ficou 12 anos no ar em TV aberta (TV Brasil e TV Cultura). E agora, com os filhos já adolescentes, voltei para a Globo, como jornalista especialista em relações familiares e questões de gênero. A prova de que o mundo dá voltas. Especializar-me no que dei o nome de “jornalismo materno” me abriu muitas portas e hoje sou também mentora de um curso da Universidade de Columbia para jornalistas da



Jornalista, este prêmio é para você!

São diversas categorias. Escolha uma e participe!

Mais informações e inscrições em: premiodejornalismo.ens.edu.br

Realização:

Apoio Institucional:

A sua Escola
de Negócios
& Seguros.

ens

Fenacor

CNseg

INSCRIÇÕES ATÉ
31/5/22



América Latina com o tema da cobertura da primeira infância.

Ricardo – *Nesse meio tempo, qual foi a maior mudança que você notou na missão social do jornalista?*

Mariana – Eu sempre acreditei no jornalismo com uma missão social: a de informar para ajudar a população, ou para denunciar, ou para ser a ponte para lutar por direitos. Não podemos nos calar e não podem nos calar. Sabemos que sem uma imprensa livre não existe democracia. Claro que, como em todas as profissões, há todos os tipos de profissionais. Mas procuro estar perto daqueles que pensam como eu, que amam esta profissão e acreditam que é possível fazer a diferença – nem que seja para melhorar a vida de uma única pessoa. Hoje, nossa maior missão é lutar contra *fake news* e pela liberdade de imprensa.

Ricardo – *Se tivesse que começar de novo, você faria tudo igual? O que mudaria?*

Mariana – Esta é sempre uma pergunta difícil. Porque, na verdade, nem tudo é a gente que faz, algumas coisas simplesmente acontecem. Por exemplo, eu nunca pensei em ser repórter da Globo no Ceará e quando veio o convite da emissora, aceitei na hora. Foi uma das experiências mais importantes da minha vida, não só profissionalmente, mas também pessoalmente. Ter a oportunidade de conhecer o

Ricardo – *Você começou em jornal de bairro, foi rádio-escuta, estagiária: esse ainda é o melhor caminho para se começar na profissão?*

Mariana – Na verdade, na minha época não tinha estágio para jornalismo. Comecei aos 17 anos num jornal de bairro que na verdade nem me queria e me dispensou; mas teve uma enchente grande no meu bairro e eu fiz a matéria, fui lá “vender” para eles, gostaram e me contrataram. Durou três meses e o jornal faliu. Daí fui atrás do sonho de trabalhar em TV e uma amiga da faculdade estava no SBT. Ela me apresentou lá, pedi para acompanhar uns dias os profissionais e tinha uma vaga na rádio-escuta. Então, comecei na escuta, que para mim foi uma grande escola. Precisa começar sabendo que temos muito o que aprender. É melhor virar repórter já com alguma base.

Ricardo – *Qual é o segredo para fazer uma boa entrevista? E para fazer entradas ao vivo?*

Mariana – Para fazer uma boa entrevista, se você souber com antecedência com quem vai falar, é sempre bom pesquisar sobre a pessoa, ler sobre ela. Pensar em

serão, de fazer todas aquelas reportagens, conhecer tanta gente que se tornou parte da minha vida foi um presente para mim. Na época, eu tinha também um convite de outra emissora para ir para Nova York e não me arrependo de ter escolhido o Ceará. Então, eu não mudaria nada não, tudo se torna experiência e aprendizado.

Ricardo – *O que você sentiu quando tua filha Laura te falou que queria fazer Jornalismo? Orgulho, medo, alegria ou preocupação com o futuro dela?*

Mariana – Laura é do tipo que também já nasceu jornalista. Sempre comunicativa, interessada, falante, contadora de histórias. Foi totalmente natural. E ela praticamente cresceu num estúdio de TV, pois no *Papo de Mãe* tinha um espaço para as crianças no cenário, então quem trabalhava na equipe ou ia participar do programa podia levar os filhos e eu sempre levei os meus. Os outros dois filhos, Isabel e André, também passaram a infância num estúdio, mas não se animam a fazer jornalismo. Acho que no caso da Laura deve ter também alguma questão genética, tá no DNA dela. Ia pro *Papo de Mãe* e já saía entrevistando as outras crianças. Então, sinto isso junto: orgulho, porque ela é talentosa; medo, porque nossa profissão está num momento difícil, sendo muito atacada e com um mercado de trabalho complicado; alegria, em ver o entusiasmo dela. E preocupação, sempre, porque isso faz parte do ser mãe.

perguntas curtas que vão fazer a pessoa falar, afinal quem tem que aparecer é o entrevistado e não quem pergunta. Eu particularmente não gosto nada de conversar com o entrevistado antes de fazer a entrevista (ainda mais se for gravar para a TV), porque acho que perde toda a emoção da hora da entrevista. Sempre expliquei isso aos meus entrevistados no *Papo de Mãe*, porque eu só os conhecia no estúdio, na hora de começar a gravação. Se eu conversasse antes, perderia a graça, a espontaneidade, a emoção do momento. Para entrar ao vivo tem que ter um pouco de cara de pau mesmo, treino, respirar fundo e ir. Estar absolutamente por dentro do assunto, com informações, ajuda a ter segurança. Quando está ao vivo não dá para parar e pensar muito. Claro que na primeira vez que entrei ao vivo após uma vinheta de plantão da Globo meu coração deu uma disparada. Mas, tendo segurança do que você vai falar e sem parar para pensar que milhões estão te vendo, dá tudo certo, a voz sai e a mão não treme.

Ricardo – *Como foi a experiência de trabalhar na TV Verdes Mares, afiliada da Globo no Ceará?*

Mariana – Uma das melhores da minha vida. Eram as pautas

Nossa homenagem aos jornalistas pelo trabalho árduo e busca incessante pelos fatos.



f 2PRÓ Comunicação
@ 2pro.comunicacao
in 2PRÓ Comunicação



mais interessantes, era conhecer o Brasil de verdade, o brasileiro de verdade. Além disso, a equipe da TV me recebeu com muito carinho e profissionalismo e tenho saudades até hoje daquela

época. Aprendi muito sobre a vida e a profissão. Aprendi a pegar o carro de reportagem com a equipe e ir pro sertão com uma única pauta e voltar com várias matérias. Tive a honra de entrevistar Rachel de Queiroz na fazenda Não me Deixes, em Quixadá, os sertanejos que encaram a seca e a fome, os devotos do Padre Cícero e tantas outras reportagens. Era muito bom poder mostrar esse pedaço do Brasil em rede nacional.

Ricardo – *Sente saudades do tempo em que produzia e apresentava o programa Papo de Mãe na TV?*

Mariana – Sinto e vou sentir sempre. Sinto saudades de tudo o que já passou, mas quem me conhece sabe que estou sempre animada e empolgada com o presente e esperançosa pelo futuro. O que eu mais gostava do *Papo de Mãe* na TV era receber as famílias, ouvir suas histórias, entrevistar as crianças. Mas eu ainda posso fazer isso hoje no site Papo de Mãe, que é parceiro do UOL, e nas minhas participações no *Bem Estar* da TV Globo.

Ricardo – *O que o advento das redes sociais mudou no teu trabalho?*

Mariana – Tudo. No meu e no de todos os jornalistas, inclusive no seu, pai, que lá atrás virou blogueiro com o

E não só em TV, hoje tenho a equipe do *Papo de Mãe* na internet também. Equipe de TV é quem sai pra rua com você e também quem está nos bastidores na redação. Em TV são vários braços e cabeças trabalhando juntos, você nunca está sozinho.

Ricardo – *Como conciliar a criação de três filhos com o teu atual trabalho de multimídia 24 horas?*

Mariana – É colocando os filhos para trabalhar junto... (risos). Brincadeira, eu não exploro trabalho infantil, mas sempre fiz meus filhos estarem comigo e fazerem parte da minha vida profissional. Na verdade, as redes sociais, o WhatsApp, o *home-office* ajudaram muito no meu caso (não sei se ajudaram todas as mães). Mas, trabalhando assim eu posso estar muito presente na vida dos meus filhos, foi essa a opção que fiz lá atrás quando começou o *Papo de Mãe*: conciliar carreira e maternidade, podendo fazer meus horários e podendo ao mesmo tempo levar à escola, almoçar com eles, participar da rotina. Não que seja fácil. Muitas vezes meu horário de trabalho acabou sendo de madrugada, quando todos já estavam dormindo. Era quando eu conseguia olhar algum material, escrever um roteiro. Mas agora estão maiores, está mais fácil. Às vezes eles reclamam que não saio do computador, mas entendem.

Ricardo – *Como você arruma tempo para fazer tantas coisas no trabalho e ainda ser uma atuante líder em defesa das mulheres?*

Mariana – Tudo acontece junto, simultaneamente. Então, também com o meu trabalho eu tento ajudar as mulheres.

Balaio do Kotscho e hoje é um dos colunistas da internet de maior audiência do País. Não basta ser jornalista ou ter um programa de TV independente, é preciso estar nas redes. Mas eu ainda me sinto das "antigas" e prefiro estar sempre como jornalista do que como *influencer*. Não sou *influencer* e na verdade nem entendo muito bem disso. Sou uma jornalista, que está nas redes para também divulgar seu trabalho, opiniões, posições. Porque o jornalista pode ser neutro nas suas reportagens e ouvir todos os lados, mas ele precisa se posicionar sempre. Eu me posiciono contra o machismo, o racismo, a homofobia. Eu me posiciono no combate à violência doméstica. E não só me posiciono como jornalista, mas como ser humano. Rede social para mim também é trabalho e fonte de inspiração para escrever minhas reportagens no *Papo de Mãe*, minha coluna em Universa/UOL, meu quadro na TV ou minhas palestras. E eu criei uma rede muito interessante com as famílias e com especialistas que me mandam sugestões de pauta. Além disso, criei no Facebook um grupo que acolhe e orienta vítimas de violência doméstica que já atendeu quase seis mil mulheres. Então tem muita coisa positiva também nas redes sociais. Depende de como a gente usa.

Ricardo – *Qual a importância da equipe no trabalho de um repórter de TV?*

Mariana – Fundamental. Na TV, o trabalho só é realizado graças a um conjunto de pessoas e quem já trabalhou comigo sabe o quanto eu valorizo esse trabalho em equipe.

Nem que seja com uma reportagem, uma entrevista, uma denúncia, a divulgação de uma manifestação. É tudo junto e misturado. Recebo muitos pedidos de ajuda e o meu jeito de ajudar pode ser divulgando uma situação, como quando chegou até mim o vídeo de um juiz que tinha humilhado numa audiência uma vítima de violência doméstica.

Ricardo – *Qual foi o momento em que você se sentiu mais realizada no trabalho? E o momento mais difícil?*

Mariana – Os momentos mais difíceis sempre foram as coberturas de tragédias, como acidentes de avião, desabamentos, explosões. Entrevistar mães que perderam seus filhos também é muito difícil e dói na alma da gente. Ser agredida fazendo reportagem ou ver colegas sendo agredidos ou jornalistas sendo desrespeitados também é muito cruel. Posso parecer Poliana, mas sempre estive realizada com o meu trabalho, o que não quer dizer que tenha sido sempre fácil. Há altos e baixos na carreira, mas eu sempre quis ser repórter de TV e alcancei esse objetivo aos 21 anos, quando fui efetivada, na época na Record. Aos 23 fui a primeira repórter contratada da GloboNews em SP, quando a emissora nem tinha entrado no ar ainda. Amo trabalhar em TV e mesmo com todas essas novidades acredito que a TV nunca vá deixar de existir. São 30 anos de TV, o tempo realmente passa...

Ricardo – *Se não fosse jornalista, o que você gostaria de ser?*

Mariana – Fiquei pensando, pensando, pensando e não achei uma resposta. Talvez psicanalista, para continuar ouvindo as pessoas.



nem texto,



sem informação.

7 de abril. Dia do Jornalista. Parabéns para quem faz a diferença.

bowler

 bowler.com.br
 @bowler.digital.first
 bowler
 bowler.digital.first



O jornalismo é a nossa matéria

(Miriam Leitão, comentarista, apresentadora e/ou colunista em TV Globo, GloboNews, CBN e O Globo, e os filhos Matheus Leitão e Vladimir Neto)

Eu fazia um trabalho de faculdade, junto com três colegas, e o Vladimir, aos três anos, interrompe a conversa.

– Mãe, me dá uma lauda?

As amigas riram. Qualquer criança pediria uma folha. Com oito anos, ele ia tanto a uma banca de jornal, em Brasília, que chegou a entregar os jornais da quadra.

Matheus era adolescente quando o jornal me pediu para escrever para adolescentes um texto sobre inflação. Ele me assessorou sobre como me comunicar com esse público. No dia seguinte, leu e reclamou.

– Por que eu não assinei essa matéria?

Expliquei que ele não era funcionário do jornal, mas que havia sido minha fonte. Ele ficou inconformado. Queria ter assinado a matéria, junto comigo. Pensando bem, era justo.

Meus filhos cresceram entre jornalistas. Alguns colegas do Jornal do Brasil lembram dos dois nos meus plantões, quando eu não tinha com quem deixá-los. Eles têm memórias fortes dessa infância nas redações. A primeira vez que escreveram num computador foi no JB, com a autorização do editor. A novidade estava chegando às redações.



Matheus (esq.), Miriam e Vladimir

Tentei convencê-los a ir para outras profissões, alertando que há momentos difíceis na jornalismo. Eles disseram que eu sempre chegava animada da redação. Os dois fizeram Jornalismo em escolas e cidades diferentes e têm estilos distintos. Ambos têm talento para o jornalismo investigativo.



Houve a investigação de um escândalo que apuraram ao mesmo tempo. Só que cada um temia que o outro também estivesse na mesma pista. Nada compartilhavam. Eu só percebi algo estranho quando os dois saíram no meio de um almoço de domingo, cada um por uma porta do restaurante, e a mesma urgência. Matheus foi o primeiro a subir a notícia no site do iG, Vladimir foi o primeiro a colocar no ar na TV Globo. A notícia derrubou o governador de Brasília, do DEM. Um nunca soube a fonte do outro. Na nossa casa ninguém faz a pergunta indiscreta sobre quem foi a fonte.

Vladimir começou em O Dia. Foi para o JB, quando eu já não trabalhava lá. Foi para Brasília, onde trabalhou na Veja, no Globo e depois a TV Globo o chamou. Matheus começou no Correio Braziliense, em seguida Época, iG, Folha, G1 e agora é colunista na Veja Online.

Os dois têm o mesmo profissionalismo, mas cada um buscou seu caminho. O trabalho do Vladimir há mais de 20 anos é exercido em televisão, Matheus é blogueiro. Na Veja dedica-se aos textos de análise e opinião. Seguem

sendo excelentes repórteres, com trabalhos em várias áreas. Matheus é excelente em matérias de direitos humanos, Vladimir tem especial gosto pelas reportagens ambientais. Ele se embrenhou certa vez nos mangues brasileiros para mostrar o valor dos manguezais e o perigo da sua destruição, foi ao Sul num frio polar para alertar sobre o risco de extinção das araucárias.

Tenho imenso orgulho dos dois colegas que eu vi nascer e amadurecer na profissão. Somos parecidos. Há momentos em que ligo e ouço. “Agora não posso, estou na correria”, frase que eu também já disse a eles. O “na correria” pode ser tudo. O fechamento de uma matéria, um trabalho com *deadline* apertado, uma fonte ligando.

Vladimir aprofundou as reportagens dos escândalos de corrupção no livro *Lava Jato*, obra da qual me orgulho muito, porque é um documento meticuloso e cuidadoso, tem uma impressionante riqueza de detalhes sobre como funcionam os esquemas de corrupção no Brasil. Foram anos mergulhado em processos, checando cada informação,



ouvindo todas as fontes que aceitaram falar. Nesse recomeço do País, após o sofrimento que tem sido o governo Bolsonaro, é fundamental que os eleitos evitem a repetição dos descaminhos com o dinheiro público.

Matheus passou anos buscando documentos e testemunhas da prisão e tortura dos próprios pais. Usou a técnica do *self journalism*, que estudou na Universidade de Berkeley, para contar uma história pessoal, mas iluminando todas as outras histórias vividas naquele tempo tenebroso, que ainda nos assombra. O Brasil nunca puniu torturadores e é governado por um defensor da ditadura. Matheus foi atrás dos que se escondiam. Revelou o nome de três torturadores, esteve cara a cara com um deles. O livro *Em nome dos Pais* me emociona. É o meu filho escrevendo a história que eu vivi. Mas, como jornalista, sou capaz de ver objetivamente

a excelência do trabalho, tanto no livro, quanto no documentário que foi ao ar na HBO.

Cada um já enfrentou os *haters* de diversas tendências políticas, e já foi vítima da mentira com que se tenta calar o jornalista que incomoda. A crítica é normal, mas não o ataque sistemático e mentiroso usado pelas redes digitais de intimidação.

Somos uma família de jornalistas. O jornalismo é a nossa matéria. Ele foi mudando e fomos junto, para todas as janelas. Seja impresso, online, eletrônico. Os livros que escrevemos são reportagens e, portanto, uma extensão do mesmo ofício ao qual dedicamos as nossas vidas. Sei que se algum dia Vladimir ou Matheus forem para outra área é o jornalismo que levarão nas veias e na paixão. O jornalismo que eu praticava enquanto eles cresciam ao meu lado.

Não se pode contrariar os genes

(Zuenir Ventura, hoje escritor, colunista e membro da Academia Brasileira de Letras, e o filho, Mauro Ventura)

Um dia meu pai chegou em casa com um menino de 13 anos a tiracolo e nos apresentou: "Aqui está o mais novo membro da família". Eu e minha irmã ganhávamos ali uma espécie de irmão caçula. Meu pai vinha do Acre, para onde fora cobrir o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes. A série de reportagens rendeu-lhe, além de um prêmio, o *Esso*, um garoto, Genésio, testemunha-chave do crime e que estava marcado para morrer. Foi acolhido por nós como parente, embora nunca tenha se adaptado de fato ao Rio. Afinal, tivera uma infância muito difícil, e vinha de uma terra distante e de uma cultura estranha.

Meu pai diz que cometeu na ocasião uma transgressão contra uma lei básica do jornalismo – a de que, ao reportar os acontecimentos, não se deve interferir neles. Mas nos encheu

Por Mauro Ventura (*)



Mauro e Zuenir Ventura

7 DE ABRIL, DIA DO JORNALISTA

Nossa homenagem a você
que, com verdade e transparência,
movimenta a comunicação
em nosso país.



ae
aegea



Aegea Saneamento



aegea.saneamento



aegeasaneamento



aegea.blog.br



de orgulho porque a alternativa era bem pior: a morte de Genésio.

Lá em casa, como se vê, a vida profissional e pessoal de meus pais, que se conheceram no jornal Tribuna da

Imprensa, sempre estiveram misturadas.

Num ambiente assim, seria natural que eu virasse jornalista. Mas a verdade é que isso nunca me passou pela cabeça – pelo menos não de forma racional. E tampouco meus pais deram força para que isso acontecesse. Talvez porque achassem que eu tivesse uma visão romaneada da profissão. De fato, havia convites para tudo quanto é show, dos Jackson Five aos do primeiro *Rock in Rio*, passando pelos espetáculos das estrelas da MPB. Havia ainda os momentos marcantes, como os ensaios da peça *Gota d'água* ou o encontro com a doutora Nise da Silveira, além dos eventos históricos, como as idas ao Galeão para a volta dos exilados. Havia também o contato com as celebridades, como quando apareceram lá em casa Cat Stevens e Rachel Welch, no auge da beleza. Nossa casa na Urca era palco de discussões dos destinos

do País. Eu, pequeno, varava as madrugadas sentado na escada, ouvindo fascinado gente como Leon Hirszman, Chico Anysio, Ziraldo, Ferreira Gullar, Paulo Francis, Zelito Viana e Gabeira. E desde cedo estava acostumado a escutar histórias sobre nomes como Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira, Hélio Pellegrino, Paulo Pontes, Flavio Rangel, Rubem Fonseca, Drummond e Joaquim Pedro de Andrade.

Mas havia o outro lado do glamour, marcado por plantões intermináveis, por jornadas de 12, 14 horas, pelo salário escasso, pela censura, pelo assassinato de amigos como Vladimir Herzog, pela ida deles para fora do País após o golpe de 64, pela prisão dos dois logo após a decretação do AI-5.

Sem apoio em casa e sem nenhum pendor para a escrita, encaminhei-me para a Engenharia, a exemplo de tantos amigos. Levei tempo para criar coragem e largar no último ano, ainda que sem um plano B. Decidi cursar História, depois pensei em fazer Economia, até que, aos 21 anos, resolvi dar uma chance à profissão. Mais por falta de opção do que por interesse genuíno. E logo de cara entendi o fascínio que ela



exercia sobre meus pais. E finalmente encontrei o meu lugar. Como me disse um amigo, o jornalista e escritor Miguel Sousa Tavares, não se pode contrariar os genes.

Curioso que, em mais de 30 anos de magistério, meu pai formou várias gerações de jornalistas, mas, por um desses caprichos do acaso, não foi meu professor. Não importa. Mais determinante do que duas aulas semanais ao longo de quatro anos de faculdade tem sido o exemplo prático cotidiano e a convivência próxima durante esses meus 58 anos de vida e 37 de redação.

São muitos os ensinamentos que carrego comigo, e que extrapolam o jornalismo e a literatura e se espriam para a vida. Afinal, é uma trajetória marcada pela coerência entre vida profissional e pessoal, pela inquietude, que levou meu pai a passar dez meses visitando a Favela de Vigário Geral; pela generosidade, que faz com que atenda com paciência jovens repórteres em busca de conselhos; pela coragem, que o fez tornar público o bilhete em que Zuzu Angel denunciava que se aparecesse morta a culpa era dos assassinos de seu

filho; pela curiosidade permanente, que o faz estar sempre se renovando; pelo perfil conciliador e pela vocação para a alegria, que não esmoreceu nem durante o cárcere nem por ocasião de um câncer, há 30 anos.

Como se sabe, o jornalismo passou por todo tipo de transformação nesses mais de 60 anos desde que meu pai começou. Mas algumas coisas não mudam e devem ser preservadas. Hoje, quando experimentamos toda forma de retrocessos, é um privilégio esse aprendizado diário ao lado de alguém que não transige com a ética, que escuta e se interessa pelas pessoas anônimas, que respeita os entrevistados, que combate toda forma de autoritarismo, que preza a diversidade, que cultiva a humildade e que reafirma a todo momento os ideais democráticos.

Zuenir pede para acrescentar uma dedicatória que fez para Mauro em seu livro *Minhas histórias dos outros*: "Querido: meu sonho cada vez mais era ser igual a você, cada vez mais. Mas, como não consigo, me contento em ser um pai coruja".

(*) **Mauro Ventura** começou a carreira como jornalista em 1985. Trabalhou como repórter, repórter especial, editor e colunista em veículos como IstoÉ, Jornal do Brasil e O Globo, onde assinou de 2007 a 2018 a coluna *Dois Cafés e a Conta*. Com a reportagem *Tribunal do Tráfico*, venceu os prêmios *Esso* e *Embratel*. É autor dos livros *O espetáculo mais triste da terra – O incêndio do Gran Circo Norte-Americano*, um dos vencedores do prêmio *Jabuti*; *Brazil, Brasil – 10 anos, uma ideia, muitas histórias* e da coletânea de crônicas *Por Ventura*. Teve contos publicados nos livros *Brasil-Haiti – 101 histórias* e *25 cronistas falam de superação*. No momento, escreve três livros, um deles sobre os grandes casos do Disque-Denúncia. Foi editor de não ficção brasileira da editora Objetiva. Como professor, deu aulas e oficinas de crônica e de jornalismo literário. Ex-diretor-geral de Comunicação e de Difusão do Conhecimento do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, foi roteirista do programa de TV *De conversa em conversa*, apresentado por Fernanda Montenegro, Carlos Heitor Cony e Artur Xexéo.

Informação, compromisso e verdade



Parabéns, jornalistas!

Mais do que transformar fatos em notícias, os jornalistas têm um compromisso com a transparência. Por isso, na Hydro, reconhecemos e valorizamos o trabalho dos especialistas da imprensa. Hoje celebramos esses profissionais que com cuidado, coragem e colaboração, fazem a diferença para a sociedade.



Hydro



“Se a gente espremer tudo, o norte é sempre a questão da dignidade”

(Vanira Kunc Dantas, viúva de Audálio Dantas, falecido em 2018, e a filha, Juliana Kunc Dantas)

Realmente **Eduardo Ribeiro** estava certo. Ele propõe um papo que talvez nunca tivemos com nossos filhos.

Fui perguntar à minha filha sobre o legado que deixamos a ela. E logo me respondeu que se a gente espremer tudo, o norte é sempre a questão da dignidade, independentemente do assunto a ser tratado, das escolhas de vida e do formato ou mesmo do conteúdo. Mas se o norte são a dignidade, os direitos humanos, o respeito à vida humana, não importa o que se faça. Esse sempre foi o intuito de buscar informação como meio de melhorar e salvar vidas e agregar dignidade socialmente.

Ela é **Juliana Kunc Dantas**, 33 anos de idade, faz o *podcast* Finitude.

Filha de dois jornalistas: pai, **Audálio Dantas**, que certamente estaria orgulhoso em escrevermos juntos esse texto. Eu, **Vanira Kunc**, a mãe. E já pra completar, o marido da Juliana, **Victor Aguiar**, claro, também jornalista.

Um dia, de repente, levei um susto. Ju, com seus 13 anos de idade, me falou que iria fazer Jornalismo. Se é uma coisa que eu nunca havia pensado era sobre a profissão das minhas filhas.

Ela não entendeu o motivo da minha surpresa. De certa

passagem, na vida, acabou se juntando a todas essas conversas.

Pra ajudar, no segundo colegial quando visitou a redação do Último Segundo (iG), **Leão Serva**, que era diretor de lá, sugeriu que se ela estivesse em dúvida entre qualquer curso e Jornalismo, que fizesse a outra faculdade. Qualquer outro curso agregaria depois, ao fazer Jornalismo. Mas que se tivesse certeza, que fosse nele direto.

E não deu outra. Aos 17 anos, estava na Cásper Líbero, pra alegria da mãe Casperiana e do pai, que já havia sido conselheiro daquela Fundação.

No ano seguinte, pra pagar a faculdade e logo saborear o Jornalismo, Ju foi estagiar na TV Gazeta.

E aí veio a primeira preocupação dela: o fato de ser filha de jornalistas, principalmente tendo Audálio Dantas como pai. É até natural que eventualmente viessem comparações que o mercado poderia fazer ou de quem era de fora achar que ela poderia estar num lugar ou outro, bom ou ruim, por causa de ser filha de quem era. Ela sentia isso.

Mas a trajetória dela foi pra lado totalmente diferente. Eu e Audálio vínhamos da mídia impressa, depois fomos levar informação montando exposições de literatura e palestras voltadas para essa mesma área e jornalismo. Mas Ju fez o caminho dela. Da Gazeta, depois de já ser uma profissional, foi trabalhar com **Heródoto Barbeiro**, na Record News. Enquanto isso fez locução e de lá partiu pra BandNews FM. Após alguns anos, voltou pra Gazeta, aí em cargo de chefia e depois foi coordenar o Jornalismo da Alpha FM.

maneira, ou de todas as maneiras, ela tinha razão. Ainda pequena, quando ficava com aquelas doenças de criança, e não podia ir à escolinha, era no meu pequeno escritório que ela ficava. Dava uma melhoradinha e já tava de olho em tudo que acontecia. Tinha muita curiosidade e já perguntava, perguntava...

Essa menina que pensava que algum dia os pais não falariam tanto em trabalho no almoço, no jantar, num



Juliana, Audálio e Vanira, com a estátua de Graciliano Ramos em Maceió

Em 2018, aconteceu uma mudança na nossa vida, tivemos duas grandes perdas na família, minha mãe e Audálio. A convite do amigo-irmão (desde a Band) **Renan Sukevicius**, Ju deu ao *podcast* dele entrevista sobre essas perdas. Na sequência, foi convidada a participar com ele do outro lado do balcão. Foi fazer o *podcast* Finitude (que até então falava sobre fins de um modo geral). Passaram a abordar envelhecimento, saúde mental, cuidados paliativos, morte, luto. Juntos apresentam, produzem, fazem de cabo a rabo esse trabalho.

Dali, no começo do outro ano, ela teve um chamado interno. Abriu mão da segurança financeira da rádio e passou a se dedicar somente ao Finitude, que já recebeu alguns prêmios. É uma das fundadoras da Rádio Guarda-chuva, primeira rede brasileira de *podcasts* exclusivamente jornalísticos.

Juliana também fez seu primeiro roteiro de documentário, *Esquina do mundo*. Internou-se por nove dias no Hospital Premier durante a pandemia para fazer esse trabalho.

Ela olha para as redações e vê as transformações. Sente que o jornalismo tem sido sempre no sentido de tudo mais enxuto e o jornalista cada vez mais multifuncional. E não imagina como essa situação pode ser revertida. Mas acha que o jornalista tem que estar atento, não pode perder de vista o principal, que é o jornalismo em si.

Tem consciência de que não há isenção, que o jornalismo tem um lado, e esse lado tem que ser sempre

Quando você lê para uma criança, ela pode ir muito mais longe.

Descubra a Estante Digital do Leia para uma criança.

Já imaginou uma série de livros infantis gratuitos que cabem na bolsa, no bolso e até na palma da mão, dentro do celular? O Itaú criou a Estante Digital do Leia para uma criança. Assim, dá para ler para uma criança sobre diversos temas, em qualquer momento e lugar, com livros digitais gratuitos. Tudo na palma da mão para mais gente ler para uma criança em qualquer lugar.



A Estante Digital tem muitas histórias inspiradoras escritas por autores que têm contato com livros infantis desde a infância. São mais de 16 livros digitais gratuitos. Escolha uma das histórias e deixe a imaginação te levar mais longe, lendo em qualquer lugar.

+ 11 milhões de acessos no site. **+ 7,5 milhões** de livros baixados desde 2019.

Peça livros infantis pelo WhatsApp +55 (11) 98151-1078 ou acesse a coleção do Itaú de livros digitais em <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/>

estante
digital





pela Constituição, pelos direitos humanos. Mas às vezes a gente acaba escorregando em falsas simetrias. Um dos principais exemplos que se tem

vivido hoje é o desafio de como cobrir um presidente que é contra os direitos humanos, a Constituição, mas ao mesmo tempo é a figura de um presidente. Ela acha que o jornalismo está tentando se encontrar para ver como é que cobre o absurdo vindo da autoridade máxima do País.

Comenta que tem gente muito boa nas poucas redações de grandes veículos que temos, mas que muitas vezes têm que se submeter a algumas diretrizes da casa, que nem sempre vão ao encontro do que o jornalismo deveria fazer. As redações estão sucateadas, sobrecarregadas, não dá tempo de refletir, e é quando, várias vezes, ocorrem erros graves.

O que pude observar dessa conversa com a Ju é que muitos profissionais competentes, ou porque a conta não fecha, salários, plantões ou por estresse, estão desistindo das redações, fazendo uma escolha entre a vida pessoal e a profissional.

Ela imagina que uma possibilidade seria os pequenos e médios veículos serem incentivados pela filantropia, pessoas que acreditem que a democracia é forte quando o jornalismo está forte. Talvez esse caminho esteja se abrindo um pouco mais no digital.

E nesses tempos tão difíceis, sem Audálio, fico querendo compartilhar com ele toda essa história de vida da nossa menina que aprendeu muito bem o seu ofício, que mantém a ética e que na cozinha prepara um sururu ao coco bom demais, que cresceu vendo o pai fazer, com um avental preto bordado em verde escrito: Mestre Audálio.

Não é justo comparar os novos com os antigos

(Ricardo Noblat, titular do Blog do Noblat, e o filho, Guga Noblat)

Ricardo Noblat (*) – *Você não tinha nada melhor a fazer do que ser jornalista?*

Guga Noblat (**) – Estava à toa em casa, vendo meu pai arrumar confusão com meio mundo da política por causa dos textos dele nos jornais, e pensei: “Ah, já que não tenho competência para ser jogador de futebol, então vou de plano B, vou de jornalismo”.

Ricardo – *Não jogue a culpa em mim...*

Guga – Claro que não, culpa tem a minha mãe, que casou com alguém capaz de dizer a ela que ia levar o filho ao parque de diversões, mas na verdade levava para a redação do Jornal do Brasil, onde a única coisa que tinha para fazer era brincar com a máquina de escrever.

Ricardo – *Não vai dizer que foi por isso que você virou jornalista?*

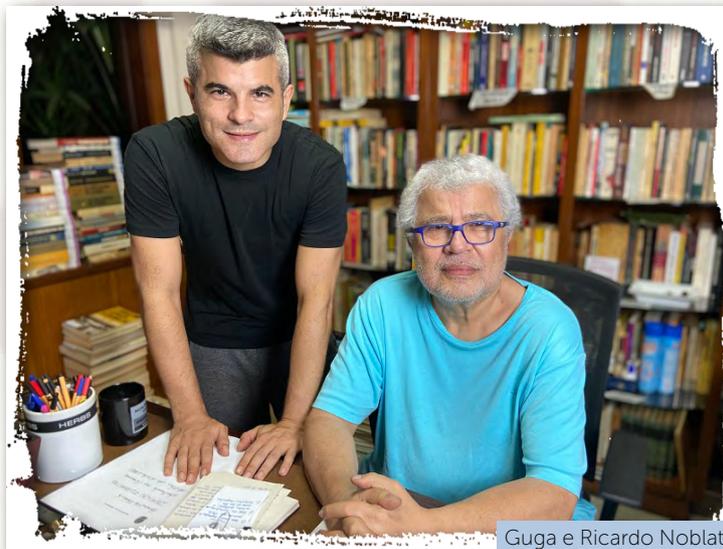
Guga – Por isso, mas não apenas. Queria uma profissão que me permitisse ser quem eu sou: um sujeito curioso, desbocado, crítico e sem saco para seguir fazendo mestrado e doutorado, a fim de cair em campo assim que me formasse. Claro, tenho uma profunda admiração pela maneira como você e minha mãe se dedicaram ao jornalismo.

Ricardo – *Mas o que foi mesmo que te encantou no jornalismo?*

Guga – Jornalista acha que é Deus ou acha que é o Super Homem. Como o jornalismo me permite expor e às vezes até peitar políticos e politicagens que podem transformar a sociedade, creio que foi isso que mais me empolgou e me empolga a seguir nessa profissão.

Ricardo – *Mas o jornalismo não serve só para isso. Por que essa fixação em peitar políticos e politicagens, por mais condenáveis que possam ser?*

Guga – Você perguntou o que me encantou no jornalismo. E não para que serve o jornalismo. Claro que tem muito mais coisa que me atrai nessa profissão. Poder trafegar entre temas tão distintos como artes marciais e política, por exemplo, é



Guga e Ricardo Noblat

muito empolgante. Arrumar fontes em festas, restaurantes ou no meio da rua, ter que me valer do meu lado mais sociável, ter senso crítico para apurar o que deve ser a verdade, tudo isso é um grande desafio que me fascina. Mas, talvez por ter passado a vida numa grande tensão provocada pelo fato de você ser jornalista político, creio que isso me deixou com certa fixação por peitar políticos.

Ricardo – *O que você não gosta no jornalismo que faz ou que vê por aí?*

Guga – O que me incomoda, hoje, no jornalismo, me irrita, é ver jornalista oportunista, que aproveita o momento político para se comportar como um influenciador que só diz aquilo que um lado quer ouvir. E o lado que domina as redes hoje é a extrema-direita. Então, vemos até jornalista que tinha prestígio e credibilidade rasgar sua história para ganhar likes e relevância, vindos desses grupos.

Ricardo – *Não me diga que você não se preocupa em ganhar likes?*

**7 de abril.
Dia do Jornalista**

**Os produtores
de alimentos
parabenizam
os produtores
de informação**





Guga – É ótimo ganhar likes. O problema é ganhar likes de malucos. Esses jornalistas jamais terão a imagem que tiveram um dia. Passarão o resto da

vida sendo aplaudidos por malucos. E para ser aplaudido por malucos tem que fazer maluquice, tem que negar a lógica, a razão e a ciência, ou seja, tem que ser tudo, menos jornalista.

Ricardo – *Velho como está ficando, você conheceu o jornalismo feito por minha geração e conhece agora o que é feito pela sua. Quais as diferenças mais importantes? No que o jornalismo melhorou ou piorou?*

Guga – O jornalismo tinha uma formação dentro das redações que se perdeu. O foco antes passava pelas mãos de gente experiente e preparada. Hoje, o jornalista sai da universidade e já é jogado em posições que demandariam mais experiência. E, por terem internet e ferramentas que facilitam a produção da notícia, acabam fazendo o serviço que antes era dividido com uma equipe, o que também pode afetar a qualidade do trabalho. Há também uma cobrança da internet por notícias imediatas e por uma quantidade de notícias por vezes desnecessária no impresso. Isso diminui a qualidade da apuração e faz com que muito jornalista passe o dia ao telefone no lugar de sair em campo atrás de notícia. Só que é mais barato fazer assim.

Ricardo – *Então o jornalismo perdeu qualidade?*

Guga – Não sei se é justo comparar quem ainda está trabalhando com quem já trabalhou, os novos com os antigos. O tempo dirá, mas de um lado temos ferramentas

que facilitam a busca pelo conhecimento e pela informação, e isso ajuda na apuração dos fatos. Do outro lado, jornalistas com uma formação prática inferior e uma cobrança por um imediatismo que prejudica a investigação. A impressão que tenho é que, na média, os antigos eram melhores, mas veremos.

Ricardo – *Você tem mais gosto por escrever ou por falar?*

Guga – Achava que só teria gosto por escrever, não pensava em aparecer na frente das câmeras ou dos microfones das rádios. De um tempo para cá passei a gostar muito de falar. São dois desafios que eu curto. Gosto de falar, mas escrever, ver um texto bem feito, é mais satisfatório, porém menos divertido; o caminho é mais longo e menos gente acaba tendo acesso.

Ricardo – *O jornalismo impresso está com seus dias contados?*

Guga – Torço para que não, mas alguém imagina um futuro próximo em que pessoas ainda dependam de papel para ler notícia? Não é prático, não é ecológico e as novas gerações já trocaram o impresso pelo eletrônico. É só uma questão de tempo. Restará a marca da mídia que antes vigorava no impresso sendo ainda relevante no online.

Ricardo – *Quem ganhará a batalha final? A verdade que buscamos ou as fake news?*

Guga – Em uma democracia, pelo menos no fim, a verdade sempre vence. Há um momento em que a mentira não resiste aos fatos e à liberdade de se questionar. Mas essa liberdade depende do sistema. Na democracia, ela é mais plena.

(*) **Ricardo Noblat**, 72 anos de idade, 55 de jornalismo, os últimos 18 à frente do Blog do Noblat.

(**) **Gustavo Noblat**, um dos seus três filhos, 40 anos de idade e 18 de jornalismo. Guga começou como repórter do blog do pai. Cobriu a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Foi apresentador do programa *A Liga*, da Band; produtor e repórter do CQC; repórter de um programa de artes marciais da SporTV; é comentarista político do Pânico, programa da Jovem Pan. Seu canal no Twitter tem 185 mil seguidores. É pai de Heloisa, 7 anos, e de Eva, 5. É casado com Lygia.

Todos têm história relevante para contar

(Ancelmo Gois, colunista de O Globo, e o filho, Antonio Gois*)

Ser filho de jornalista me fez guardar com mais intensidade algumas memórias de criança relacionadas a fatos históricos. Por exemplo, tinha apenas dez anos de idade, mas lembro relativamente bem do dia da morte de Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985, quando o telefone tocou em casa e meu pai teve que voltar à redação num domingo à noite. Em 1º de janeiro de 1989, estávamos em férias, na primeira viagem internacional da família. A principal preocupação de meu pai, porém, não era nos guiar pelos brinquedos da Disney, mas, sim, achar um telefone público para entrar em contato com a redação do JB e saber como estava a cobertura do naufrágio do Bateau Mouche.

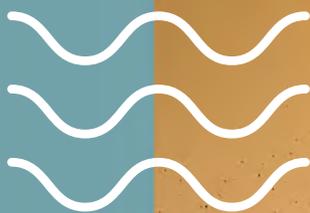
Relatos como esses, tão comuns entre aqueles que têm pais ou mães na profissão, poderiam gerar desencanto com um ofício que interfere tanto em momentos de descanso ou lazer em família. No meu caso, o efeito foi oposto. Apesar de ele nunca me ter sugerido que escolhesse o jornalismo, acabei contaminado pelo seu entusiasmo.

Comecei a trabalhar em 1996, mas sou dos poucos



Antonio e Ancelmo Gois

de minha geração que frequentou redações nos tempos das máquinas de escrever. Por vários domingos, ao final dos 1980 e início dos 1990, o programa mais comum era acompanhar meu pai em plantões do *Informe JB*. As



Feliz Dia do Jornalista.

A EDP tem um compromisso com a descarbonização do planeta e, por isso, tem feito um investimento acelerado nas fontes renováveis de energia, recorrendo à força da água, do sol e do vento para produzir um amanhã mais sustentável.

Mas hoje queremos destacar aqueles profissionais que, em nome do seu compromisso com a informação, também agem hoje para mudar o amanhã, usando a força das palavras e das imagens para construir um futuro mais justo e inclusivo.



horas eram preenchidas por visitas à Fotografia (o momento mais aguardado era a chegada das primeiras fotos dos jogos de futebol), aos estúdios de rádio e à lanchonete do sétimo andar do

edifício da Avenida Brasil, 500.

De tanto frequentar redações, meu pai conta que, certa vez, um colega advertiu-o de que eu acabaria virando jornalista, e melhor seria me levar ao aeroporto para, quem sabe, ser piloto da Varig no futuro. Era tarde demais. Mesmo tendo vivenciado inúmeras crises na profissão, em nada me arrependo. Sem contar que a Varig foi à falência.

Contrário ao discurso saudosista de que não se faz mais bom jornalismo como antigamente, nas inúmeras trocas que tivemos ao longo do tempo sobre a profissão, um dos argumentos que meu pai mais repete, até hoje, é o de que as novas gerações chegam às redações mais bem preparadas. Não apenas sigo concordando, como acrescento que os jovens que hoje se formam nas faculdades de Jornalismo trazem uma vantagem que nem a geração de meu pai, nem a minha, teve: maior diversidade de olhares e

trajetórias de vida, fruto do processo – ainda inconcluso – de democratização do acesso ao ensino superior nas duas últimas décadas.

Fazer jornalismo em tempos de desinformação e crise dos meios tradicionais de comunicação traz desafios novos. A curiosidade e a persistência na busca de informações seguem sendo as características mais importantes de um bom jornalista. Mas a elas soma-se também a capacidade de entender mais sobre o assunto que cobre. Isso exige ampliação de repertório, de modo a conhecer a história, as estatísticas e a literatura acadêmica de sua área de especialização. As boas histórias, de preferência exclusivas, seguem sendo o principal atrativo, mas é ainda mais essencial nos dias de hoje a responsabilidade em contextualizá-las devidamente num mundo em que todos têm acesso fácil à informação de baixa qualidade.

No entanto, o conselho profissional mais válido que recebi de meu pai é o de que todos – do porteiro ao presidente, da secretária ao executivo, do faxineiro à juíza – têm uma história relevante para contar, e é importante saber ouvi-la. Pensando bem, é também uma lição de vida.

(*) **Antônio Gois** é colunista de educação de O Globo e fundador e primeiro presidente da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação). Cobre o tema desde 1996. É autor dos livros *Quatro Décadas de Gestão Educacional no Brasil*, com depoimentos de ex-ministros da Educação desde o governo Figueiredo, e *Líderes na Escola: o que fazem bons diretores e diretoras, e como os melhores sistemas educacionais do mundo os selecionam, formam e apoiam*. Foi bolsista dos programas Knight Wallace Fellows, na Universidade de Michigan, e da Spencer Education Journalism Fellowship, na Universidade de Columbia. É vencedor dos prêmios *Esso*, *Embratel*, *Folha*, *Undime* e *Andifes*, sempre com reportagens sobre educação. Trabalhou nos veículos O Dia, Folha de S.Paulo, O Globo, CBN e Canal Futura.

Tiago Maranhão, meu filho

(Carlos Maranhão, ex-diretor de Redação das Vejinhas, e o filho, Tiago Maranhão)

Filho e neto (pelo lado materno) de jornalistas, Tiago tinha uma vocação hereditária. Mas iria seguir o mesmo caminho? Sem nunca ter procurado influenciá-lo diretamente, fiquei em dúvida até o dia em que ele marcou um almoço comigo e sua mãe para falar sobre o próprio futuro. Foi direto ao ponto e disse que iria prestar vestibular para Jornalismo. Perguntei se estava ciente das dificuldades do mercado e de que os salários dos seus pais – eu como diretor de Redação, ela como editora de arte – eram exceções e não a regra na profissão. Ele respondeu que sim para as duas perguntas e erguemos um brinde para lhe desejar boa sorte.

Embora seja complicado elogiar publicamente um filho, passados mais de 20 anos não posso esconder meu orgulho: Tiago tornou-se um jornalista respeitado e bem-sucedido. Não só, inicialmente, no meio impresso e em sites, mas sobretudo na televisão e hoje em dia no meio que desconheço por completo, a inteligência artificial.

Graças ao convite honroso de J&Cia., tive agora a chance de passar tudo isso em revista (sem trocadilho) e de lhe perguntar coisas sobre as quais nunca havíamos conversado com alguma profundidade. Eis aí.

Pai: Por que você resolveu ser jornalista?

Filho: Acho que nunca sequer considerei outra carreira. Para ser completamente honesto, contemplei a ideia de estudar Direito durante um período. Mas senti que o jornalismo era a



Carlos e Tiago Maranhão

minha vocação. Nunca encarei em termos de carreira, mas sim com um sentido de missão e realização.

Pai: Que missão?

Filho: Informar com clareza, traduzindo o que é nebuloso, checando o que é suspeito, dando o espaço correto ao que é mais relevante. Dar contexto é fundamental, manter uma perspectiva saudável é essencial. Se puder fazer isso com alguma graça e personalidade, missão cumprida.

OS FATOS NÃO GANHAM RELEVÂNCIA SOZINHOS.

Para quem investiga e busca a verdade dos fatos diariamente. Para quem tem a vital função de manter a sociedade informada de tudo o que acontece no mundo.

Para quem é guardião da reputação corporativa para todos os públicos. Hoje, queremos celebrar todas as conquistas de uma das profissões mais relevantes para a democracia moderna.

Parabéns pelo Dia do Jornalista!



Pai: Quando você tomou a decisão de ser jornalista?

Filho: Durante os últimos anos no colégio, já pensando no vestibular, eu alimentava uma visão romântica da

profissão, me imaginava em grandes coberturas, com textos de fôlego, sonhava em ser repórter especial de uma grande revista. Acredito que nessa época eu já estava decidido. O curioso é que o jornalismo esportivo não era necessariamente meu plano principal, nem o trabalho em televisão. Foram caminhos que minha carreira tomou, um pouco por decisão minha e oportunidades que persegui, muito por sorte também.

Pai: O que é jornalismo para você?

Filho: Jornalismo é contar histórias que precisam ser contadas. A partir daí, a definição começa a ficar flexível. Talvez essas histórias precisem ser contadas porque estão escondidas e são de interesse público, ou porque são injustiças que precisam ser corrigidas ou talvez apenas

Filho: Bem, dito isso, acho que o mercado mudou demais e muito rápido nas últimas décadas, o que talvez explique minha experiência mais, digamos, diversa. O que posso afirmar é que tudo me serviu de aprendizado para o que veio em seguida.

Pai: Quais são para você as principais diferenças entre o que eu fazia e o que você faz no jornalismo?

Filho: Talvez a principal diferença seja o formato. Ou melhor, formatos. Décadas atrás, uma matéria de revista era pensada apenas para as páginas impressas da revista. Depois vieram os formatos para site, celular e *tablet*. Hoje os formatos são interativos, uma reportagem pode ser um carrossel no Instagram, uma entrevista pode estar no TikTok com uma edição esperta ou no YouTube com links para outros conteúdos. Há também uma diferença na percepção de quem recebe a notícia em relação ao veículo e ao jornalista. Existe um conceito que se forma antes mesmo de se ler a manchete.

porque são histórias divertidas, quem sabe inspiradoras ou simplesmente boas histórias.

Pai: Eu praticamente só trabalhei em revistas – Placar, Playboy, Veja, Veja São Paulo – e vivi quatro décadas na Editora Abril. Você, ao contrário, esteve em quase todas as mídias, passando por Reuters, iG, Exame, Band, Globo e SporTV, antes de ir para a Amazon, onde atualmente cuida do conteúdo da Alexa. Quem de nós tomou as melhores decisões na carreira?

Filho: Queria evitar respostas exageradamente clichês, mas aqui preciso dizer que sua carreira sempre foi minha maior referência profissional. E não porque foi uma carreira de sucesso, com coberturas que um dia eu sonhava fazer, como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, e por dirigir grandes redações, e sim pelo respeito e deferência que sempre falam de você para mim: "O Maranhão tem o melhor texto", "seu pai faz as melhores entrevistas", "ninguém apura com tanto rigor", entre outros elogios que ouço.

Pai: Obrigado, mas fico até constrangido...

Pai: A mais velha das suas três filhas optou por uma área completamente diferente da nossa: a neurociência. As duas menores têm hoje 7 e 2 anos de idade. Gostaria que pelo menos uma delas se tornasse jornalista?

Filho: A Isabel já está a poucos meses de concluir o doutorado em neurociência e acredito que vai seguir nessa carreira. Já Cecília e Clara, as mais novas, se eu fosse apostar, diria que vão adotar profissões que sequer foram inventadas ainda. Algo relacionado a comunicação, quem sabe?

Pai: Onde você imagina que estará daqui a cinco anos? Dez? Vinte?

Filho: Três meses antes de ir para a Amazon, eu sequer cogitava mudar de emprego, muito menos trabalhar com inteligência artificial. Então, gosto de pensar que ainda vou me surpreender algumas vezes com os rumos da minha carreira. A única coisa que sei é que vou sempre trabalhar com as palavras. Como você.



Recebam a nossa homenagem, o nosso agradecimento, a nossa admiração e o nosso respeito.

A todos vocês que não se distanciam dos fatos, que não se cansam de ouvir todos os lados e que nos ajudam todos os dias a entender melhor o mundo.

Muito obrigada,



Começou com advertência ao presidente Bush...

(Vicente Alessi, filho, integrante do Conselho Editorial da AutoData Editora, e o filho, Gil Alessi)

O drama shakespeariano, aquele do príncipe dinamarquês, acompanhou **Gil Alessi** até o ponto de não retorno: foi obrigado a ser jornalista por falta de alternativa. Pois ele fugiu da profissão como lhe foi possível até descobrir, enfim, que não havia mais pra onde correr, onde se esconder. E aceitou que seu destino era juntar-se a nós.

Ele se juntou a uma galeria de crianças grandes editada em forma de livro pela Attachée de Presse, de **Daysi Bregantini**, quando comemorou seus 20 anos, em 2001, uma edição com jornalistas e seus filhos, também jornalistas. Naquela edição, a maior parte dos pais era constituída de amigas e amigos meus, queridos: a minha chefe **Cecília Zioni**, **Joelmir Beting**, meus chefes **Nair Suzuki** e **Pedrinho Cafardo**, **Helinho Campos Mello**, **Ricardinho Kotscho** e **Ricardo Setti**, **Tão Gomes Pinto**... fiquei enternecido com aquele trabalho da Attachée e hoje sugiro que a edição seja aumentada e revista, com Gil, claro, com Carlos, de **Samuel Iavelberg**, com dois filhotes de **Luiz Henrique Fruet**, os dois meninos de **Aloysio Biondi**...

Decisão sábia, afinal, a de Gil. Ele se tornou um muito bom profissional, daqueles para quem **Eduardo Martins** teria uma palavra de apoio, e sabe, sempre, qual o seu lado. Melhor: não tem dúvida a respeito de qual seja o seu lado.



Vicente e Gil: Helena sempre testemunha

Claro que acompanhei de perto sua vida profissional, desde a incipiente assessoria ao Instituto Sou da Paz àqueles frilas para revistas editadas por **Marianinha Bergel** até tempos mais próximos, amadurecendo, em que a forma começou a dispor de tanta importância quanto o conteúdo. Passar quase



sete anos no El País Brasil pelas mãos de **Carla Jimenez** – que conheci quando tinha 20 anos, junto com outro amigo querido, **Serginho Ayarrio** –, e na companhia de uma rapaziada excelente, foi fundamental para que percebesse o valor e a importância das tarefas que nos caem nas mãos.

Ele diz, hoje, que pretendia uma profissão “mais prática e menos acadêmica”, e acredita que suas alternativas lamentavelmente o carregariam para a universidade, para a didática e para a pesquisa.

Ôuquei. Mas sempre soube, desde que o rebento tinha, lá, seus 10, 12 anos, que muitas características para o jornalismo já estavam concentradas ali, na figura adorável e ainda gorduchinha de Gil.

Desde o primeiro grau, cumprido no Colégio Caravelas até a 8ª série, e depois no Colégio Equipe, ele mostrou estar próximo das letras, apesar de a sua própria ser uma barafunda. O menino era curioso, muito curioso, desde pequeno. Os como, por que e de que jeito dele costumavam a farra dos almoços familiares de fim de semana. Ouvia minhas histórias de olhos muito abertos, o que hoje não acontece. Leituras

eram forma de vida corrente para ele e sua irmã, Helena, quatro anos e meio mais velha, nascida em 1978, testemunha próxima dessa história de aceitação, ao lado da mãe, Maria.

Quando a nação do império invadiu o Iraque na Guerra do Golfo, Gil perpetrou redação escolar à luz de suas impressões a respeito da guerra noturna que nunca ninguém vira de maneira massiva. O título era *Advertência ao Presidente Bush*. Ele dizia que o império não tinha direito à invasão.

Havia uma promessa ali – e é razoável a ideia, então, que repito de vez em quando para plateia cada vez menor – de que Gil deveria ter optado rapidamente pelo jornalismo para não perder tempo. Mas... claro que não. Escolheu ciências sociais e, pra não correr a tentação de puxar fumo o dia inteiro, foi obrigado a escolher uma segunda especialidade que lhe ocupasse o tempo vago, relações internacionais. A primeira ele fez seriamente e a segunda abandonou no primeiro instante possível – mas manteve sua vaga na PUC, o que foi muito importante ao fim dos quatro anos de USP, em 2010: voltou à escola, mudou de curso e investiu no jornalismo.

PARABÉNS!

Você, jornalista,

é essencial para que as pessoas tenham acesso a informações confiáveis e um grande aliado da ciência e da vida.

Muito além de reportar fatos e histórias, é por meio da imprensa que a sociedade tem a informação concreta, cientificamente correta e baseada em fatos.

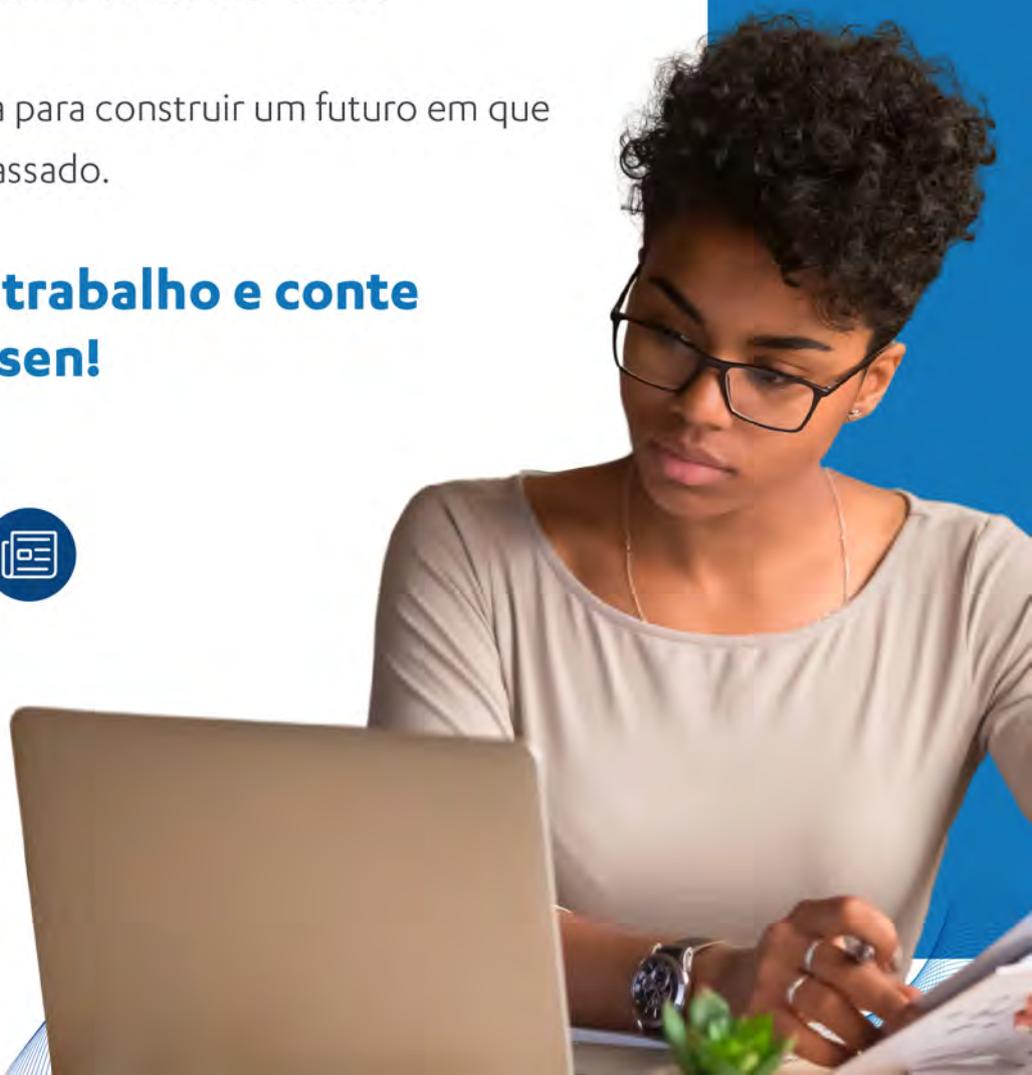
Sabemos que seu compromisso não vem de hoje e continuará mesmo quando a pandemia deixar de ser manchete.

Estamos juntos nesta jornada para construir um futuro em que as doenças sejam parte do passado.

Obrigado pelo seu trabalho e conte sempre com a Janssen!



Janssen
PHARMACEUTICAL COMPANIES OF
Johnson & Johnson





Acho que para Gil foi um golpe, que ele assimilou como aquele tal de cabrito bom que não berra. Eu fiquei animadíssimo com as perspectivas a bordo da minha certeza de que o caminho era aquele, sim.

Foram mais quatro anos de escola e fiquei muito pimpão quando ele apresentou seu TCC, que deixou feliz o orientador **Luiz Carlos Ramos**, querido amigo do Estadão, em banca da qual participaram o também amigo do Folhão **Serginho Pinto de Almeida** e o também professor **Hamilton Octávio de**

Souza, outro velho amigo do Estadão e de lutas sindicais. Foi uma festa bonita, essa do TCC.

Mas aí tínhamos o dia seguinte. Gil já trabalhava, na produção de *A Liga*, tarefa que certamente lhe deu grande capacidade de resolver encrencas e de entender um pouquinho melhor a alma humana, que, junto a algum talento, são os segredos de qualquer profissão.

O desafio no *Repórter Brasil*, agora, o coloca numa experiência bem distante daquela do ser ou não ser. É um profissional maduro o que chega lá, que aceita e, espero, divirta-se muito, com sua escolha tardia: ser jornalista.

Quatro gerações na comunicação

(Adriana França, da Assessoria de Imprensa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, o tio-avô Wilson Carneiro Malta, o pai Luiz de França, o irmão França Júnior e o filho Raphael de França)

Sabe qual o maior medo e o maior orgulho de um jornalista? É que seus filhos sigam a mesma profissão. Medo, pois todos sabem que ser jornalista no Brasil não é fácil. A profissão requer, além um olhar verdadeiramente atento e isento, um talento que não se aprende nas faculdades. Aliás, na "faculdade da vida profissional" é que aprendemos. Verdade seja dita.

Eu venho de uma família de jornalistas. Estamos na quarta geração comprometidos com a comunicação. Tudo começou com meu tio-avô, **Wilson Carneiro Malta**. Dono do Jornal de Petrópolis e da Rádio Difusora de Petrópolis. Ele deu início e a oportunidade para a nossa história familiar na comunicação.

Meu pai, **Luiz de França**, começou no rádio aos 16 anos. Ainda em Barbacena, Minas Gerais. Depois foi para uma rádio em Juiz de Fora, uma cidade maior, com mais oportunidades.

Giovanni (hoje atuando no mercado publicitário); o já falecido **Paulo Barbosa**; **Gilson Ricardo**, **Wagner Montes**, para citar somente alguns.

Dali foi um pulo para a carreira vitoriosa do França. Veio o primeiro lugar no programa *A Grande Chance*, de Flávio Cavalcanti, em 1968; o contrato com a extinta TV Tupi e depois a Rádio Globo, por onde ficou por mais de 20 anos. França passou também pela Rádio Tupi e, por último, Rádio Manchete. Nessa última foi pioneiro em fazer programa ao vivo de forma remota. Montou um estúdio em casa, em Barbacena, e dali dava seu recado no microfone para os ouvintes do Rio de Janeiro.

Durante todo esse tempo pude presenciar sua evolução na carreira, suas dificuldades, sua garra e, sobretudo, suas vitórias. Como amava o rádio! E, então, como não podia deixar de ser, seus filhos também foram para a área de comunicação. Meu irmão, **França Júnior**, foi radialista por anos.

Eu até tentei ser publicitária, mas o destino me desviou para o jornalismo. Primeiro no rádio. Foram quase 16 anos entre CBN e Band News RJ. Depois veio a experiência em comunicação corporativa e assessoria de imprensa, em gestão pública e privada. E lá se vão 30 anos de profissão, com direito a todas as alegrias e sufocos que só um jornalista sabe como são.



Adriana e seu filho Raphael; o patriarca Luiz de França, falecido em 2017; França Júnior, irmão de Adriana

Logo o tio Wilson reconheceu o talento do sobrinho-neto e o levou para a Difusora de Petrópolis. Aliás, na Difusora passaram, ainda garotos, grandes nomes da comunicação, como **Paulo**

Fruta madura não cai longe do pé. Não é que meu filho **Raphael de França** é a soma de tudo que fomos! Com menos de quatro anos já tinha um pequeno estúdio de rádio no quarto. Fazia um programa imaginário, o *Show do Neném*, no qual colocava músicas e reportava as notícias do seu mundo infantil. E foi crescendo tendo o avô como ídolo. Sempre muito curioso e atento aos noticiários, às inovações do rádio, as novas mídias, as novas ferramentas e tecnologias de comunicação.

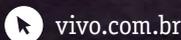
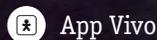
Aos 15 anos foi para o mercado e não parou mais. Além dessa curiosidade nata pela comunicação, herdou o espírito empreendedor do tio-avô Wilson Carneiro Malta. A perseverança do avô Luiz de França. A veia criativa do tio Francinha, e a seriedade no trato da profissão da mãe aqui. Isso tudo junto e misturado, somando-se a pegada plural que é inerente a essa geração dos 30 e poucos anos.

Incrível como essa geração de jornalistas e comunicadores desenvolve múltiplos talentos! Eles apuram, escrevem, editam, operam vários equipamentos, conhecem inúmeras ferramentas, inventam e se reinventam a toda hora. E estudam, se atualizam o tempo inteiro. Afinal, hoje em dia, o mercado de jornalismo, da comunicação em geral, não é só para os talentosos, mas sobretudo, para os fortes!

vivo

A marca que mais conecta pessoas no Brasil parabeniza quem tanto entende de cobertura como nós.

A Vivo acredita no poder da digitalização para transformar a sociedade e aproximar as pessoas de tudo o que importa, por isso leva a melhor rede móvel e a ultravelocidade da fibra a mais casas e empresas no Brasil. Seguindo nosso compromisso, neste 7 de abril, parabenizamos os jornalistas pela dedicação em levar informação para todos.



Vivo Total 5G+ FIBRA



Vendo a banda passar

(Aziz Ahmed, ex-O Globo, Última Hora e Jornal do Commercio, do Rio, entre outros, o filho Marcelo Ahmed e o neto Cauan Ahmed)

“Jornalista não é quem toca na banda; é quem vê a banda passar”, ensinava o experiente colega **Joel Silveira** (1918-2007).

Comecei a ver a banda passar nos fins dos anos 1950, estagiando no poderoso Correio da Manhã, onde trabalhei bom período sem receber salário antes de ser efetivado. Eram os anos dourados, a época romântica do jornalismo carioca, onde refulgiam os mais importantes jornais, porque o Rio foi capital República até 21 de abril de 1960. A coisa começou a ficar feia a partir de 1 de abril de 1964, quando vieram os anos de chumbo, seguidos dos anos rebeldes, até chegar a este novo tempo de incertezas quanto ao futuro da imprensa escrita. Aliás, o que é imprensa hoje? São jornais, revistas? São sites, blogs, *newsletters*, *streamings*, YouTube, Twitter, Facebook, WhatsApp, Telegram, Instagram e outros aplicativos que inundam o caudaloso rio das redes sociais?

Vi várias bandas passarem nos diferentes jornais em que trabalhei e dirigi, entre eles O Globo, Última Hora e Jornal do Commercio (RJ), onde fiquei durante 31 anos como diretor-editor e colunista especial. Mesmo com essa bagagem, que inclui 18 anos como professor de Jornalismo na UniverCidade e três anos numa experiência desafiadora, como editor de um jornal de uma polêmica comunidade, intitulado A Voz de



Aziz (dir.), Marcelo e Cauan, com o filho Théo no colo

Rio das Pedras, confesso que empaquei diante da pauta que este J&Cia encaminhou, pedindo-me para “explorar o olhar e o pensar das novas gerações, mas de um jeito diferente, humano, familiar”. Em suma, um texto que nasça de uma entrevista, de uma conversa com o meu filho Marcelo que decidiu, como eu, ver a banda passar.

O mercado está cheio de exemplos de filhos que seguem a profissão dos pais, dos avós, de parentes próximos. Está no sangue, no DNA. Tenho cinco filhos. Um resolveu ser jornalista.

E o filho dele, Cauan, meu neto, também vê a banda passar, com um novo olhar sobre essa fascinante profissão. Meu neto nem imagina que um dia as oficinas dos jornais eram apinhadas de pesadíssimas máquinas de linotipos, alimentadas por tainhas de chumbo. Nelas, eram compostos os textos. A informatização dos jornais mudou completamente esse quadro e Cauã, dessa geração com amplo domínio das redes sociais, especializou-se em jornalismo esportivo e sempre trabalhou em agências (assessoriais de imprensa), um nicho que garante a sobrevivência da nossa profissão. O filho dele, Théo, quem sabe também não vai pelo mesmo caminho?

E cumprindo a pauta, com jeito “humano e familiar”, sugerida pelo editor do J&Cia, **Eduardo Ribeiro**, fui levado a uma situação insólita e à nostalgia daqueles tempos. E aqui vai o texto do meu filho **Marcelo Ahmed**, fruto, óbvio, de nossas elucubrações. Reconheço que, de fato, invertendo a ordem do que prega o Joel Silveira, ele teve de tocar a banda para eu poder, aliviado pelo dever cumprido, vê-la passar. Eis o que ele revelou:

“Aprendi com meu pai que jornalismo é vocacionado. Em sua época, tinha que ser verdadeiramente jornalista para se emaranhar por uma profissão ainda não reconhecida. Largar faculdade de Medicina, convencionada ocupação de elite, como foi seu caso, tinha que estar dentro do coração e da mente. Coisa de vocação. O reconhecimento do diploma de

jornalismo veio na esteira da necessidade de regulamentação de várias profissões. Vieram as universidades e os jornalistas estabelecidos viraram nossos mestres. Aprendizado que vem dos tempos da ponta da pena e máquina de escrever. E daí as especializações, o academicismo. A nova reviravolta surgiu quase simultaneamente, no início deste século, com duas situações: a revogação da necessidade de diploma, ancorada por decisão do STF, e o mundo digital.

Atualmente, disputamos espaço com uma diversidade de profissionais. Ou pseudoprofissionais, que adotam o título de ‘jornalistas’ – e hoje é fácil conseguir um registro profissional – ou outros tantos assumindo apenas a função de ‘influenciadores’. No vasto mundo digital – com uma miríade de plataformas e possibilidades – cabe de tudo. E a disputa pelo espaço tornou-se aguerrida. Nesse universo, onde está o compromisso pela verdade dos fatos, que costumamos chamar de notícia? Por vezes, habitam o mesmo ambiente jornalistas altamente qualificados e propagadores de *fake news*. Navegar nesses mares revoltos tornou-se questão de sobrevivência profissional. Ainda estamos entendendo o território, o que muitos especialistas chamam de reinvenção. Prefiro entrar pelo caminho da ética, que é o caminho da procura pela verdade, mesmo aceitando a subjetividade do que se entende por verdade. Pois esse é o caminho que aprendi com meu pai”.

Alternativa_



RUNO.COM

O aço que **molda o futuro** é aquele que se preocupa com a **sustentabilidade**.

A energia eólica é uma fonte inesgotável, renovável e em expansão, colaborando para a redução dos gases de efeito estufa, que contribuem para a mudança do clima.

Fornecer aços de alta resistência e desempenho a essa indústria alternativa é a contribuição da Gerdau para moldar o futuro, com a certeza de que bons ventos trarão sustentabilidade e longevidade ao planeta.



Parceria com a energia sustentável.
Feita com toneladas de consciência e aços Gerdau.

Saiba mais:
gerdau.com.br



GERDAU

O futuro se molda



Acompanhar as transformações

(Carlos Ferreira, comentarista de esportes da TV Liberal e colunista no jornal O Liberal., e o filho, Carlos Fellip)

Escolhi o nome do meu filho – **Carlos Fellip** – com as mesmas iniciais do meu (**Carlos Ferreira**) já pensando na hipótese de ele ser jornalista, mas torci para que escolhesse outra profissão. Cedo, porém, decidi seguir o meu caminho. Então, já o preparando para o jornalismo e para a vida, sempre que me pedia dinheiro eu apresentava uma reportagem de jornal e exigia um comentário escrito. Ao mesmo tempo, eu estava mostrando que dinheiro é resultado de trabalho e provocando o exercício do jornalismo crítico.

Fellip herdou de mim a paixão, o entusiasmo, o esmero no trabalho, com a mesma preocupação de ter diferenciais. A trajetória dele em oliberal.com, de estagiário a editor executivo em 12 anos, mostra que está construindo uma bela carreira. É muito bom vê-lo numa posição de liderança, influenciando colegas com os seus valores e convicções, conduzindo um projeto exitoso, cheio de perspectivas. Melhor ainda é ser uma espécie de consultor para o meu filho. Fellip costuma me ouvir sobre seus problemas no trabalho, suas estratégias, conquistas, agruras... É uma troca. Eu aprendo muito, principalmente



Carlos Fellip e Carlos Ferreira

sobre os recursos tecnológicos do webjornalismo e sobre os desafios das relações interpessoais no trabalho.

Essas questões dominaram nossas conversas nas



transformações feitas na redação de O Liberal, com o avanço do jornalismo digital dentro da estrutura do impresso. A resistência de quem não entendeu esse processo irreversível, muito estresse na preocupação de não cometer injustiça... Muita pressão! Mas os resultados são gratificantes e geram credenciais para os profissionais que lideram esse salto do oliberal.com e adaptação do tradicional O Liberal, como também do jornal Amazônia.

A geração de Fellip trabalha no divisor de águas, numa pororoca de conflitos com profissionais da era analógica que não conseguem se adaptar. E vive a amarga experiência de ser um para-choque nessa transição. Eu me vejo num meio termo. Depois de três décadas no jornalismo de base analógica, esforcei-me para acompanhar as transformações e acho que estou conseguindo. Tenho o olhar voltado para as possibilidades abertas na era digital, principalmente na televisão, onde interajo a todo momento com jovens

muito "antenados". Tenho com eles a mesma relação de complementaridade que tenho com o meu filho, e ganho muito com isso.

As transformações são também conceituais, com novas funções sociais para o jornalismo, diante da avalanche de *fake news* nas redes sociais, das inúmeras pautas derivadas das redes sociais, das novas formas de violência, do crescente clamor em defesa do meio ambiente... O mundo nunca mudou tão celeremente. O jornalismo está desafiado diariamente a informar e interpretar, na prestação dos serviços, como nesses tempos de pandemia.

E vejo com admiração o meu filho na vanguarda desse processo, entre o cansaço físico/mental e a glória de ver sua equipe conquistando prêmios importantes, de ver os números de audiência crescendo, de viver o sucesso do trabalho. Tudo isso numa caminhada que está apenas começando, para um jovem de 32 anos. Que Deus o abençoe!!!



Jornalismo de hoje é feito por inércia

Nossa principal missão continua sendo separar o joio do trigo, mas há cada vez menos gente para separar, e cada vez mais dúvida sobre o que é o joio

(Costábile Nicoletta, que hoje atua com sua própria empresa no desenvolvimento de produção e edição de conteúdo sob encomenda, e o filho Gustavo Nicoletta)



Costábile e Gustavo Nicoletta

Quando meu filho **Gustavo Sterza Nicoletta** decidiu ser jornalista, senti uma pontinha de orgulho. Não tive interferência em sua escolha, mas o caminho pelo qual optou me leva a crer que minha conduta profissional lhe tenha sido uma boa referência.

Ele ingressou na Cásper Libero, em 2005, com uma das melhores colocações no vestibular. Em

transferiu-se, também como estagiário, para a Ketchum, a fim de fazer assessoria de imprensa para a Viacom.

Nessa mesma época, eu trabalhava como editor adjunto do semanário Meio & Mensagem. Ele nunca me contou, mas fiquei sabendo por meio de uma profissional da Ketchum à época que Gustavo lhe pedira para não participar de pautas que eventualmente envolvessem um contato comigo, pois a Viacom atua na área de mídia, um dos assuntos de interesse do Meio & Mensagem.

Senti outra pontinha de orgulho. Mesmo nos primeiros passos da profissão, Gustavo demonstrou um cuidado ético do qual muitas vezes até alguns colegas veteranos parecem se esquecer. Sua passagem pelo mundo da comunicação corporativa, no entanto, foi efêmera. Pouquíssimo tempo depois de entrar na Ketchum, foi para a Reuters, onde tinha prestado um concurso e o chamaram para um estágio na editoria de *commodities*.

Ficou lá até meados de 2008, quando passou a trabalhar na mesa de notícias internacionais da Agência Estado, que publica informação em tempo real sobre economia, política e mercado financeiro. Em 2012, transferiu-se para a Agência CMA, também de notícias em tempo real para o mercado financeiro, primeiro como editor de notícias internacionais e depois como editor-chefe, cargo que exerceu até o final do

2006, começou um estágio na Editora Lumière (revistas sobre iluminação e o setor de eletricidade). No fim desse ano,

ano passado, quando se mudou para a Agência TradeMap, divisão de notícias da plataforma de investimentos TradeMap, como coordenador de jornalismo. Aos 36 anos de idade, ele compartilha a seguir seus anseios e aflições sobre a profissão.

Por que você se decidiu pelo jornalismo?

Primeiro para satisfazer minha curiosidade. Eu queria entender como as coisas funcionavam e por que algumas delas funcionavam tão mal. Poderia ter feito isso em outras profissões, mas no jornalismo achei que teria ferramentas melhores para encontrar respostas e para divulgá-las. Vale lembrar que tomei essa decisão 20 anos atrás, quando a internet e as redes sociais eram muito menos presentes na vida das pessoas. Hoje talvez não seguisse o mesmo caminho. O outro motivo foi porque queria participar dos acontecimentos relevantes que viriam à frente – ainda que fosse apenas narrando.

Quais foram as suas principais referências no jornalismo?

Você e praticamente todas as pessoas com quem eu trabalhei, além do **Jamil Chade**, que sempre li, mas nunca conheci.

Quais as principais diferenças entre o jornalismo que você idealizava ao entrar na faculdade, ao dar os primeiros passos na profissão depois de formado e atualmente?

Quando comecei a faculdade, esperava o jornalismo que via nos filmes e vivenciava indiretamente ouvindo o que você me contava. Esse jornalismo era feito de movimento.

Repórteres indo até as fontes, indo até os fatos. Ele ainda existe em algumas áreas e para alguns profissionais, mas na maioria das redações, hoje, o que se vê é o processo inverso: as fontes e os fatos vão até os jornalistas. Um jornalismo feito de inércia.

O resultado disso é que a profissão pode ser bem menos empolgante do que se imagina, principalmente para quem está começando. Vira um trabalho de escritório. Nenhum jornalista que conheci, seja na faculdade, seja nas redações, entrou nessa achando que ficaria oito horas olhando para a tela de um computador.

Qual sua avaliação acerca das transformações pelas quais a profissão vem passando nos últimos anos?

Eu estou do lado dos pessimistas. Jornalismo bem-feito é algo precioso, porque expõe o bom, o mau e o feio da sociedade de forma tão clara que provoca mudanças positivas. Tudo que é precioso, porém, tem um preço, e nem todo mundo consegue pagar. Num país como o Brasil, onde cerca de metade da população ganha pouco mais de um salário mínimo, notícia é um serviço caro.

Há assinaturas digitais com preço baixo – algumas a R\$ 10 por mês, por exemplo –, mas isso implica que o leitor precisa ter um dispositivo eletrônico (como um celular) e acesso à internet, e que está disposto a gastar sua franquia de dados para consumir o trabalho dos jornalistas. Isso sem considerar questões financeiras, como o fato de que a maioria das



... pessoas de baixa renda está endividada e precisa contar com qualquer dinheiro que seja para sair desta situação.

Isso restringe o público do jornalismo às grandes capitais e às famílias

de alta renda, e, conseqüentemente, descola o que é produzido pelos grandes veículos da realidade de boa parte da população. Quem não tem condição de pagar e não encontra algo útil nos jornais procura em outros lugares.

Há muitas empresas e organizações interessadas em aproveitar esse vácuo deixado pelo jornalismo para falar diretamente com o público. As eleições passam cada vez menos por debates eleitorais – onde em geral há intermediação de jornalistas – e cada vez mais por redes sociais, por exemplo. A imprensa sofre diretamente os efeitos disso: redações com menos jornalistas, troca de profissionais mais experientes por outros mais jovens, com salários menores.

Como você procura adaptar-se a essas transformações?

Tento entender como as coisas estão evoluindo e pensar no jornalismo como uma coisa maior do que apurar e

publicar uma história. Hoje há vários meios de divulgar uma notícia, e há informações que interessam a muita gente, mas recebem pouca atenção. Tento encontrar esses caminhos. Sem público não tem jornalismo.

Que legado considera ter recebido da geração que atuava no jornalismo quando você começou na profissão e qual legado imagina deixar para a próxima geração?

A geração que já estava nas redações quando eu cheguei era muito técnica. Acho até hoje que tinham um texto melhor e mais bem acabado, e se esforçavam muito para não deixar o leitor na mão. A premissa era de que nosso trabalho era entregar respostas, e não dúvidas.

Esses valores são muito importantes até hoje, mas neste momento o que espero deixar de legado é o compromisso com os fatos. Isto é mais importante que qualquer outra coisa na profissão.

Qual a importância do jornalismo para a sociedade nos dias de hoje?

A de sempre. Separar o joio do trigo e entregar isso de bandeja para os leitores. Mas há cada vez menos gente para separar, e cada vez mais dúvida sobre o que é o joio.

Família que trabalha unida...

(Jeline Rocha, assessora de imprensa de Felipe Peixoto, coordenador de Cidade Inteligente da Prefeitura do Rio de Janeiro; Guilherme Barros, CEO da GBR Comunicação; e a filha Marina Barros)

Fevereiro de 2008! Estava eu de férias em Fortaleza quando recebi um telefonema da Marina, então com 16 anos e no primeiro dia do 3º ano do Ensino Médio. Aflita, dizia que a escola estava dividindo as turmas por áreas, ao que eu respondi perguntando o por que da ansiedade, se ela desde os 7 dizia que ia fazer Direito, pensando até em ser juíza? E ouvi a resposta: "Não quero mais fazer Direito. Quero fazer Jornalismo, mãe!". Ai eu que fiquei nervosa e perguntei: "Então você desistiu de fazer direito para fazer errado?". E bati, literalmente, o telefone. Em seguida liga o então namorado Patrick, hoje marido da Marina e pai dos seus três filhos, me pedindo para compreender porque era o que ela queria, escolha que eu também tinha feito. Chorei de nervoso! Afinal, eu sabia das dificuldades para conciliar família e crescer nessa profissão que exige muito trabalho com salários nem sempre compatíveis nem tão bons como os da turma do Judiciário, o primeiro caminho escolhido por Marina, a do meio das minhas três filhas...

Fato é que em janeiro de 2009 Marina fez a primeira fase do vestibular para Comunicação, mas por conta de uma septicemia causada pelo apêndice supurado, que lhe rendeu três meses de hospital, perdeu as outras provas. Por um verdadeiro milagre se recuperou, teve alta em abril e, atendendo aos meus pedidos, começou a fazer Direito em agosto daquele ano. O Guilherme não quis se envolver, dizendo apenas que ela, mais do que nunca, deveria seguir a carreira que quisesse e ser feliz... E após o primeiro dia de aula do segundo semestre do curso, Marina me ligou e

Por Jeline Rocha



disse que se eu não a deixasse fazer Comunicação desistiria de estudar e iria trabalhar. "A única coisa que eu quero é ser jornalista, mãe!".

Chocada, telefonei para o Guilherme que, ao contrário de mim, ficou muito feliz... Em fevereiro de 2010 ela iniciou, enfim, o curso de Comunicação, e como um dos primeiros trabalhos da faculdade entrevistou o jornalista **Gilson Monteiro** sobre a profissão. Claro que veio me mostrar e já no lide me emocionei e procurei o Guilherme para dividir o que vi de cara: ela não poderia mesmo seguir outra carreira, a não ser o Jornalismo. Pensei e repensei, e vi que muito da sua decisão tinha a ver com o fato de ela ter crescido no meio de jornalistas, e mais, produzida por dois jornalistas



workaholics. É mesmo uma questão do Jornalismo no DNA, como bem definiu o **Aziz Filho**, na época editor do jornal O Dia, ao ver o pedido de estágio da Marina: “Chico e Joana, o DNA da

Marina não poderia ser melhor: **Jeline Rocha e Guilherme Barros**. Por favor levem isso em consideração na seleção dos candidatos para os próximos testes. Abraço”.

Assim escreveu o Aziz num e-mail para os então chefe de Reportagem e editora da Rio em relação a Marina, que havia passado dois anos no jornal O Fluminense – onde se fazia de tudo, e eu e o Guilherme também trabalhamos –, antes de uma temporada na Publicom e na assessoria de imprensa do Sindicato dos Policiais Federais do Rio. Começou em

2014 no Caderno Niterói de O Dia, onde ficou até 2016. Em janeiro de 2017, após vencer os receios normais do trabalho em família, começou na GBR Comunicação, onde hoje é sócia do pai.

Acertou o Aziz e acertou o Guilherme, pois Marina é realmente feliz com a profissão. E eu? Ah! Muito orgulhosa da filha jornalista que, como ouvi de diversos coleguinhas meus (hoje também dela), que foram seus chefes e professores, já demonstrava rapidez nos textos perfeitos em gramática, muita responsabilidade, objetividade e um potencial para crescer. E cresceu! Cresceu com um perfil que herdou do pai: a facilidade em fazer notas para colunas. Tanto que volta e meia me ajuda nessa produção. Afinal, família que trabalha unida, permanece unida...

Por **Marina Barros**

O Jornalismo é parte da minha história. Filha de Guilherme Barros e Jeline Rocha, dois grandes nomes da profissão que eu tenho orgulho de ter seguido, lembro bem de estar em um shopping com meu pai e ter que sair correndo, literalmente, em busca de papel para que ele pudesse registrar a apuração de um telefonema despretensioso. Lembro também de ver minha mãe muitas vezes sair às 4h30 de casa para acompanhar gravações do *Bom Dia Rio* e voltar tarde da noite. Toda dedicação dos dois sempre foi um exemplo para mim. Entrei para a faculdade em 2010 e comecei a estagiar em 2012. Na minha vez não teve matéria “batida” em máquina de escrever ou textos enviados por fax, mas consegui trabalhar em redações tradicionais antes de passar para agência.

É um privilégio prazeroso ter conhecido a moda *old school* do Jornalismo que, sem dúvidas, vem se transformando. As redes sociais, por exemplo, ganham cada vez mais peso no consumo da informação, mas a visão de especialista do jornalista sempre será a melhor fonte. Acredito que os próximos anos ainda serão de transformação para a profissão, com novas lideranças chegando ao mercado com demandas de comunicação cada vez mais integradas e “fora da caixa”. Até por isso o jornalista tem que estar cada vez mais atento a todas as formas de comunicar, a cada nova oportunidade. Tem que pensar sempre no *plus*, para além do que já é feito pelos usuários comuns da internet.

Esse mundo da Comunicação que não para de se reinventar esteve sempre presente em todos os meus 30 anos de vida. E hoje posso dizer que é uma honra poder



Marina e Guilherme Barros

trabalhar e aprender com o meu pai, que foi por muitos anos um dos maiores colunistas de economia do País, até formar sua própria empresa, em 2013, sendo um líder sem igual, que inova a cada dia. Quero contribuir cada vez mais com a GBR e ver a agência conquistar cada vez mais o reconhecimento que merece.

Por **Guilherme Barros**

Com uma grande amiga, mãe das minhas filhas, e uma filha assim, ambas tão talentosas, brilhantes jornalistas que me inspiram todos os dias na minha vida, como não ser totalmente feliz com o Jornalismo?

**A CREDIBILIDADE E O TALENTO SÃO
A PARTE MAIS IMPORTANTE DO NOSSO LEGADO.**

E testemunhar esses valores sendo passados de geração em geração nos deixa imensamente orgulhosos e tranquilos, sabendo que os futuros profissionais absorveram o melhor do jornalismo.



De pequenina que se forma contadora de histórias

(Marlyana Tavares, integrante da Assessoria de Imprensa/coordenadora do Portal e Redes Sociais do TJMG, diretora do blog de viagens De Saias pelo Mundo e diretora da MMTavares Comunicação, e a filha Joana Gontijo)

O jornalismo sempre foi a minha paixão. Descobri a profissão quase por acaso. Não sabia o que queria fazer, até que um amigo me sugeriu tentar o vestibular de Comunicação. Fiz, passei e seis meses depois de formada comecei a trabalhar no antigo e hoje inexistente Jornal de Minas, onde muito jornalista teve o primeiro emprego. Minha filha, **Joana Gontijo**, tinha pouco mais de um ano. Pra falar a verdade, não sei como consegui conciliar a profissão com a maternidade – ela, tão pequenininha, e eu trabalhando em dois empregos.

Quando comecei, era máquina de escrever, laudas, pautas (no mínimo, três por dia) escritas pelo editor e entregues em mãos, um por um. Depois de sair para as entrevistas e com a matéria apurada, eu destruía algumas laudas antes de achar o lide que considerasse perfeito. E isso às seis da tarde, no meio da barulhada das máquinas e da falação de repórteres, editores e diagramadores que hoje não há mais nas assépticas redações informatizadas.

Pois a Joana desde muito pequena ia comigo para a redação do jornal Estado de Minas, para onde fui depois, e me contou que mais adorava ver descer e subir o pequeno elevador por onde eram enviadas, para a montagem, as páginas diagramadas naquele papel quadriculado com as fotos. Sim, ela pegou essa fase.

E pegou essa fase depois, adulta, quando entrou como estagiária no Diário da Tarde. Formada em Comunicação Integrada na PUC São Gabriel, ela iria finalmente trabalhar com os “amigos da mamãe”, agora de aprendiz. Confesso que não esperava vê-la com tanta disposição. Hoje perguntei



a ela por que cursou Jornalismo. Ela me disse que nunca pensou em fazer outra coisa. Será que foi minha influência? Acho que sim, um pouco.

De lá, foi para a recém-criada plataforma online da empresa, o UAI. Hoje está no online e no papel e faz de tudo. Conta que uma das matérias que mais a emocionou, capa do Estado de Minas e do Aqui, foi reunir pai e filha que não se viam há 20 anos. Matéria para o *Dia dos Pais*.

É claro que ela sentiu a diferença entre trabalhar no impresso e no online, são linguagens e modos diferentes de fazer. Mas, no final, o que ela gosta, como diz, é de contar histórias e o jornalismo é seu caminho para isso.

Parabéns a quem alimenta a sociedade com informações relevantes todos os dias.

7 de abril, Dia do Jornalista

Tão importante quanto abastecer as casas é levar informação para a população. Hoje o GPA gostaria de homenagear os(as) profissionais que trabalham para que a sociedade possa sempre exercer seu poder de decisão.





Só não mudou a notícia

(Orivaldo Perin, ex-JB, Folha de S.Paulo, O Dia, Valor Econômico e O Globo, e a filha, Marina Perin)

Orivaldo Perin, pai:

Quando o JB acabou pra mim, lá no ano 2000, tive que escolher entre dois rumos: trabalhar com conteúdo de internet, então bombando, ou insistir na mídia impressa. Fui feliz na escolha: repórter da sucursal Rio do Valor Econômico, então em vias de nascer.

Eu não era mais o Perin do JB, o Perin da Folha, o Perin do Dia... E nem o Perin do Valor. Virei o pai da Marina, sobrenome que continuou mesmo depois que fui para o aquário do Globo. Marina brilhava no jornalismo econômico, na sucursal da Gazeta Mercantil, com desenvoltura de repórter cascudo e uma facilidade incrível de se relacionar. Fora a segurança profissional, que tinha alicerces construídos no centenário Jornal do Commercio, onde começou como estagiária.

Um dia, Gazeta e Valor foram pras bancas com matérias assinadas na primeira página por filha e pai, respectivamente. Por mais de uma vez nos esbarramos em coletivas como colegas. Imagina meu ego de pai. O JB, a Gazeta e o Jornal do Comércio morreram e passamos todos do mundo da informação a viver na realidade digital. Como é essa realidade, 22 anos depois?



Orivaldo e Marina Perin

O imediatismo imposto pela internet deixou no passado as redações dos impressos que insistem em sobreviver. Elas são alimentadoras das versões digitais dos grandes títulos. Versões que carregam a credibilidade construída pelo papel. Mudou o perfil de quem consome notícia, mudou o perfil

de quem produz notícia. Só não mudou a notícia. E ficou mais difícil ser jornalista, até porque a profissão é agora de alto risco. A internet transformou todos em jornalistas. E todos acham que suas verdades são sempre as verdadeiras.

Marina, como a maior parte das últimas gerações formadas no impresso, foi para o outro lado do balcão. Hoje, as empresas de assessoria de comunicação são os grandes empregadores do jornalismo brasileiro. E já viraram importante mercado de trabalho para os entrantes da profissão. Aí, uma preocupação: faltam nessas empresas profissionais com alta quilometragem, capacitados na orientação dos novos. Faltam porque as redações, escolas que os formavam, são escassas. E nas que sobraram, alta quilometragem é artigo raro.

Nas redações digitais e impressas é grande a energia consumida (ou desperdiçada) para combate às *fake news*, à mentira. Sem tempo para correr atrás de notícias de verdade, o jornalista hoje se alimenta de notas, produzidas por seus colegas de assessoria. E notas de assessoria, todos sabemos, só tem um lado da notícia. Não era esse o mundo que eu queria para a jornalista **Marina Perin**. Mas fomos, somos e seremos felizes para sempre.

Marina Perin (*), filha:

Eu, Marina, sou feliz por ser a filha do Perin do JB. Sou feliz por ter desobedecido o Perin, a quem carinhosamente chamo de papai. Ele e Verônica, minha mãe, insistiram que eu fizesse Direito. Mas queria mesmo era o jornalismo. Mergulhei no mundo do **Orivaldo Perin** e não me arrependi, mesmo sabendo que em alguns momentos seria identificada apenas como a filha do Perin. Tinha (e sempre terei) orgulho de carregar o sobrenome dele.

Aprendi o jornalismo com o meu pai. Acompanhamos juntos as mudanças do papel para o digital. Da árdua busca de personagens na rua até a pauta redondinha (com personagem e tudo) que vendemos para alguns veículos de imprensa. E ainda assim somos felizes. O jornalismo mudou. Eu mudei, ele também, mas continuamos pai e filha. Continuamos apaixonados pela profissão e conversando quase todos os dias sobre o nosso mercado. Orivaldo Perin é o meu grande exemplo e referência como pai, jornalista e – preciso mencionar aqui – avô!

(*) Coordenadora de Conteúdo na ALTER – Conteúdo Relevante



Visão de colega mais experiente

(Hélio Doyle, professor aposentado da UnB, e a filha Luísa Doyle)

Tenho um filho e três filhas, e apenas uma delas, Luísa, optou pelo jornalismo. Ela simplesmente me avisou que faria Jornalismo na Universidade de Brasília, onde eu era professor. Em nenhum momento eu havia tentado convencê-la a seguir a carreira do pai, mesmo achando que o jornalismo é mesmo a melhor profissão do mundo, como escreveu **Gabriel García Márquez**.

Luísa está na profissão há 14 anos, 12 dos quais como repórter da Rede Globo em Brasília. Ela vive uma experiência que não tive. Em 52 anos de jornalismo, nunca fui repórter de televisão, a não ser ocasionalmente – eu era chefe de Redação na Globo em Brasília, e meu trabalho era coordenar e editar. Apareci na tela por apenas duas semanas, cobrindo eleições na Alemanha.

Gosto muito do trabalho da Luísa, não com a visão de pai coruja, mas de colega mais experiente e de ex-professor



Hélio e Luísa Doyle

dela na UnB. Dou palpites e sugestões, manifesto aprovação ou desaprovação quanto à forma e ao conteúdo de suas reportagens. Em condições normais, diria que tem futuro.

Celebrar a pluralidade no maior festival de música e entretenimento do mundo.

É isso que te faz voar.

Em 2022, o mundo volta a se reunir em um dos eventos mais aguardados do ano. E a **LATAM** é a **Companhia Aérea Oficial do Rock in Rio Brasil 2022**. Embarque com a gente e celebre a maior e melhor edição de todos os tempos.

LATAM
AIRLINES

Rock in Rio



Confesso, porém, que a nova realidade do jornalismo me preocupa: grande número de desempregados, empresas em dificuldades ou desaparecendo,

salários mais baixos, muitos sobrevivendo com dificuldades. Bem diferente de quando eu tinha a idade dela.

Mas, o que Luísa pensa sobre tudo isso? Perguntei a ela.

– Como foi a sua opção pelo jornalismo? Tive alguma influência?

Quando eu era menor, dizia que nunca iria querer fazer Jornalismo porque você trabalhava muito. Mas aí, no ensino médio, percebi que gostava de escrever. Redação era uma das minhas aulas preferidas. Então comecei a pensar em Jornalismo. Tinha outras faculdades como opção, como Psicologia e Relações Internacionais. Mas acabei optando pelo Jornalismo pela vontade de escrever, de contar histórias, de ouvir pessoas. Com certeza teve influência sua, de alguma forma.

– E aí deixou de lado o fato de eu trabalhar muito, ser muito ausente?

Deixei. Nunca te achei um pai ausente. Não deixava de

estar nos momentos importantes, sempre brincava com a gente, levava no parque. Minha lembrança é de você chegar em casa muito tarde durante a semana. Mas isso acabou não pesando na decisão.

– Em algum momento se arrependeu?

Não, nunca. É uma profissão que nem sempre é fácil, é cada vez menos valorizada. Mas, ainda assim, não me imagino fazendo outra coisa.

– Você passou por meio impresso e está na televisão. Qual prefere?

Passsei pelo online também. São bem diferentes e gostei de trabalhar nos três. Mas a televisão me encantou desde o primeiro estágio, na Band, depois ainda mais quando estagiei na Globo. Pelo dinamismo, pelo grande alcance que tem. Hoje em dia o online cumpre muito esse papel também, mas a TV é o agora. O ao vivo. O que está acontecendo naquele momento. Sempre gostei de estar em um lugar na hora do fato e já mostrar isso para as pessoas. E é muito bom ver como isso repercute na vida da população, como uma reportagem pode mudar a vida de alguém.



– Vendo demissões, veículos fechando, colegas desempregados, você não teme pelo futuro na profissão?

Temo. Acho que é um momento delicado e de transformação do jornalismo. Não sei como estaremos daqui a dez anos. Não acredito que a profissão irá acabar, mas vai se transformar profundamente. Os veículos, as formas de linguagem, a dinâmica, tudo já tem sido e vai ser ainda mais diferente. Cabe a nós nos adaptarmos.

– Mesmo assim não pensa em alternativas?

Hoje, não penso.

– Você está em telejornais locais e de vez em quando faz matérias políticas ou econômicas para telejornais da rede e para a GloboNews. Em que área se sente mais à vontade?

É interessante mudar de ares, fazer coberturas diferentes. Isso é uma das coisas que mais me atrai no jornalismo. As matérias políticas e econômicas são um grande aprendizado e uma grande responsabilidade. São questões importantes. Mas a cobertura local é importantíssima também. Somos os porta-vozes da população, muitas vezes a única chance de as pessoas serem ouvidas sobre problemas das suas comunidades. E uma matéria ou um *link* pode ter um impacto gigantesco. Uma rua sem energia passa a ter luz,

uma pessoa sem atendimento consegue finalmente ver um médico, um bebê que pode morrer por problemas cardíacos passa por cirurgia e tem uma chance de viver. Tudo graças à pressão que fazemos. Eu me identifico muito com o jornalismo local.

– Você fala três línguas e arranha mais uma. Tem vontade de, um dia, ser correspondente internacional?

Seria uma experiência muito boa, sem dúvida. Deve ser incrível ter a oportunidade de trabalhar em outro país, cobrindo questões tão diferentes das nossas, conhecendo pessoas e lugares.

– O que é bom e o que é ruim no jornalismo?

Bom é o dinamismo. Não ter rotina. Cobrir diferentes assuntos, conhecer pessoas e lugares que eu jamais conheceria. Cada dia é uma nova experiência. Também é muito bom saber que fazemos diferença na vida das pessoas. Que podemos ajudar, informar, melhorar o dia, a vida de alguém. Ruim é a desvalorização da profissão. E a falta de respeito com o nosso trabalho, maior nos últimos anos. Principalmente as inadmissíveis agressões – verbais ou físicas – a profissionais.



Lamber a cria

(Lauriberto Braga, apresentador do programa *Sala de Redação* na Rádio Fortaleza FM, professor do Centro Universitário Estácio do Ceará e correspondente de J&Cia em Fortaleza; Carmen Pompeu, também advogada, e o filho, Lauriberto Pompeu)

Sempre quis ser jornalista e desde pequeno ensaiava a profissão através do *Jornal da Gente*, uma publicação comunitária em Fortaleza. Quando fui fazer vestibular, não tive dúvida: Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ainda estudante ingressei no jornal *O Povo* e na Rádio Universitária FM, de Fortaleza. Ao longo de 40 anos de carreira, depois de passar por dezenas de veículos, cheguei a ser professor universitário de Jornalismo. Sou casado com uma jornalista, **Carmen Pompeu**, e nosso filho mais velho, **Lauriberto Pompeu**, resolveu fazer o quê? Jornalismo. Formou-se na mesma Universidade que eu e minha esposa: UFC.

Lauriberto Pompeu foi estagiário da Rádio Verdes Mares AM. Depois seguiu carreira em São Paulo: foca no Estadão e na Folha. Seguiu para Brasília: Poder 360, Congresso em Foco e agora na sucursal do Estadão. Ele gosta muito de política e está no lugar certo: Brasília, o centro do poder político brasileiro.

Sempre acompanho suas reportagens. Aquela coisa de "lamber a cria". Aqui a cria escreve muito bem, diga-se de passagem.

Já me aposentei por tempo de contribuição à Previdência Social. Ele está com pouco mais de seis anos de carreira...



Lauriberto, Carmen e Lauriberto Pompeu



USIMINAS U

A INFORMAÇÃO
É COMO O AÇO.
**QUANTO MAIS
PRESENTE
NA SOCIEDADE,
MAIS ELA
SE FORTALECE.**

Homenagem da Usiminas
ao Dia do Jornalista.

Profissionais que nos inspiram
porque buscam a verdade, o diálogo
e a transparência no seu dia a dia.

usiminas.com



A evolução da espécie

(Saulo Luiz da Silva, repórter cinematográfico na TV Globo Minas, e a filha, Tábata Poline Feliciano Silva)

A televisão nas nossas vidas, da minha família, família Silva lá da periferia, é a evolução de Darwin. Meu pai foi o cinegrafista mais antigo em atividade no Brasil, trabalhou até os 80 anos. Eu comecei a trabalhar na TV Bandeirantes menino – era a TV Vila Rica –, como *office-boy*. Era curioso, inquieto. Fui ajudar no estúdio em algumas produções. Aí descobri a câmera de estúdio. Fui fazer câmara de estúdio, virei contrarregra. Mais curioso ainda, gostava das investidas das equipes nas ruas e aprendi a ser cinegrafista na época – hoje é repórter cinematográfico.

O tempo passou... Tive a oportunidade de trabalhar na TV Educativa – TV Minas, do Estado – por dez anos, na TV Manchete por quatro anos e na TV Globo estou há 26 anos como repórter cinematográfico. Fiz graduação em Jornalismo, pós-graduei em Cinema.

Aí, é inevitável, né? A Tábata veio a reboque dessa história do meu pai e da minha história. Ela fez Jornalismo também, se formou, entrou como repórter na TV Globo, no G1 – uma carreira muito promissora e de muito rápida ascensão. Porque televisão é imagem, né? E a Tábata, por ser por ser filha e neta de dois profissionais de imagem, sempre observou muito os detalhes, a composição, o discurso que a imagem tem como peso numa reportagem.

Mais do que isso, ela é um ser humano excepcional. Nascida num bairro da periferia de São Paulo, desde cedo eu a preparei muito, ela fez inglês cedo, estudou muito cedo, é inquieta, já tem duas graduações, duas pós... É missionária na profissão, trabalha em função de fazer a diferença na vida das pessoas, principalmente nessas causas das minorias: negros, LGBT, injustiça social... está sempre ligada a essas causas. Criou com uma equipe o *Rolê nas Gerais* (Globoplay). Isso deu a ela uma ascensão, um espaço de visibilidade muito

grande. E está agora caminhando bacana numa empreitada no *Fantástico*. A coisa está andando, graças a Deus.

Mas, se pudesse resumir, é a história de Darwin. Evolução da espécie. Primeiro foi o meu pai, que chegou até onde pôde como profissional; depois foi a minha hora, eu cheguei até aqui; agora é o espaço

da Tábata, que abriu o espaço dela, o caminho dela como comunicadora de massa na TV Globo. É bem interessante a nossa história de vida na televisão. E ela pauta sempre em defesa das minorias, entende a profissão como missão, não só como meio de ganhar dinheiro e pagar as contas.

É bem isso. São três negros da periferia na comunicação social. São três gerações vocacionadas e tendo a profissão como missão, de ajudar as pessoas que não têm voz. Se um de nós mortais bater na porta do governador ele não vai atender. Mas uma matéria bem feita, mostrando qualquer mazela no espaço social, de clínica médica, hospital que não funciona e tal... a gente faz uma boa reportagem e as pessoas vão nos ouvir.

Então, isso virou missão nas nossas vidas. E a Tábata nada mais é do que uma mulher vocacionada às causas sociais. É bem por aí.



Tábata e Saulo





Unidos pelo propósito

(Sônia Araripe, criadora e diretora do site/revista Plurale, e os filhos Isabella, João Victor e Felipe Araripe)

Um é pouco, dois é bom, três é... uma redação. Este poderia ser o nosso lema aqui em casa. Jamais pensei que poderia ter o privilégio de conviver com três filhos coleguinhas! Hoje, pensando sobre a linha do tempo e tudo o que vivenciamos juntos, tenho mais certa a noção que dificilmente seria outro o destino.

"Quando pequenos fomos várias vezes na redação. Era mágico. Lembro do laboratório de fotografia e aquele monte de computadores", conta **Isabella Araripe**, a primeira a decidir cedo que também seria jornalista. **João Victor Araripe**, o segundo, ainda pensou que poderia seguir outro rumo, enveredando em Relações Internacionais. "No meio da Faculdade sabia que queria seguir Comunicação/Jornalismo", lembra.

As escolhas profissionais nunca são fáceis, ainda mais tão jovens... Conseguimos conversar com João, sempre



João Victor (esq.), Isabella, Sônia, Newton e Felipe

tão compenetrado e justo, lembrando que não era hora de desistir, uma vez que tinha passado para uma universidade pública, sugerindo que deveria concluir os estudos e teria, sim, todo o nosso apoio para fazer nova graduação, desta vez



Feliz dia do

JORNALISTA

7 de abril

Hoje é dia de celebrar os profissionais
que têm o compromisso com a verdade.
Que tornam cada fato em notícia.
Cada manchete em informação.



em Comunicação. Assim foi. Terminou RI e ingressou na PUC aproveitando os créditos possíveis. Formou-se em três anos.

O caçula do trio, **Felipe Araripe**, seguiu o *hobby* do pai – engenheiro de Telecomunicações no ofício, mas um grande *chef* nas horas vagas – e especializou-se em doces/*pâtisserie*. Aprendeu com a avó, o pai, e também com o auxílio de algumas boas horas de YouTube e programas de TV, a fazer bolos e tortas incríveis. Técnicas fantásticas. Poderia seguir a Gastronomia? Nada! Escolheu... Comunicação/Jornalismo! “Aqui em casa não tem só conversa e alegrias, tem também reunião de pauta”, brinca Felipe.

São três “filhos da PUC-Rio”, com muito orgulho. Tiveram os melhores professores, nossos amigos da trilha jornalística. Todo esse ambiente – entre jornais, revistas, televisão, livros, amigos jornalistas, pautas e conversas – os transformou em jornalistas.

João Victor, tenista nas horas vagas, uniu o útil ao agradável e lançou um blog com sua marca – BreakPoint – ainda mesmo antes da Faculdade. Frequentou quadras e eventos de tênis, tornou-se reconhecido. Fez concurso, passou para estágio no Globo.esporte.com e aprendeu muito. Hoje é repórter/editor de vídeos/produtor na Sift Creative, produtora de mídia norte-americana especializada em conteúdo de tênis que atende à famosa liga ATP e outros clientes. Neste momento está retornando da cobertura de dois grandes torneios de tênis da ATP – o de Indian Wells (na Califórnia) e o de Miami. “Tênis deixou de ser um hobby para se transformar em ofício. E toda a formação e base foi importante para chegar aqui. Nossa profissão não é fácil, mas trabalhando firme, estudando e nunca parando é possível, sim, conquistar seu espaço”, avalia João Victor. Ele recomenda o estudo principalmente de mídias sociais, edição de vídeo e podcasts.

Felipe foi estagiário-exemplo em nossa Plurale e segue agora como repórter contratado. Gosta de sustentabilidade, Cultura (especialmente Cinema) e mídias sociais. “Ainda estou

Orgulho. Há quatro anos, quando tive a honra de receber pelos 35 anos de carreira e pela trajetória de nossa Plurale (mídia especializada em ESG/sustentabilidade com 15 anos) o *Conjunto de Medalhas Pedro Ernesto*, da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, destaquei este orgulho e privilégio. Por estarmos unidos na mesma profissão, com os mesmos propósitos e ética. Já cresceram sabendo da batalha diária, da luta que é para resistirmos, para avançarmos no bom e velho Jornalismo, dando voz aos que não têm e fazendo/ contando histórias para ajudar na transformação deste Brasil tão continental.

Isabella passou pelo Globo nos Jornais de Bairro; seguiu pelas mídias sociais; foi convidada para trabalhar nesta área no BRT e, mais recentemente, também a convite, está trabalhando na assessoria e mídias da Secretaria Municipal de Esportes do Rio de Janeiro. “Sempre gostei de esportes. Estou muito feliz por poder trabalhar nesta área”, diz Isabella, que fez diversos cursos e recomenda sempre a especialização.

começando na profissão. Aprendo todos os dias. Gosto de me informar e apurar reportagens”, conta Felipe, que também tem feito vários treinamentos.

Nas palestras e *lives* das quais participo, deixo sempre um recado para os mais jovens, como os nossos: leia, leia tudo e estude, estude sempre. O mundo sempre precisará de bons jornalistas/comunicadores, éticos e preparados. E há uma infinidade de opções hoje. Cada um precisa encontrar o seu caminho. E desenvolver o espírito empreendedor que habita em cada um de nós, pois, provavelmente, muitos terão que aprender a abrir o seu próprio negócio.

Enfim, temos, orgulhosamente, uma redação em casa! Até o marido – **Newton Victor Meyohas**, hoje aposentado da Embratel/Claro –, com todos esses anos de convivência com o Jornalismo, pegou as manhas de repórter e sempre está atento para nos sugerir pautas. Auxilia e dá suporte o tempo todo, sendo o nosso “diretor” da redação. Gratidão!

É, tem sido e sempre será mágico. Abrimos frentes, desbravamos caminhos. Não é fácil, nunca o será. Mas é emocionante e desafiador.

A TRANSPARÊNCIA E A ISENÇÃO
SÃO EXERCÍCIOS DIÁRIOS
NO OFÍCIO DA IMPRENSA.

Parabéns aos jornalistas que zelam pela
manutenção diária do direito à informação.



Reunião de pauta em família

(Vera Saavedra Durão, ex-O Globo, Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil e Valor Econômico, e a filha, Mariana Durão)

Durante quase 50 anos dediquei-me ao jornalismo. Trabalhei sempre como repórter de economia em vários jornais da grande imprensa, como O Globo, Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil e Valor Econômico, que ajudei a fundar em 2000. Neste batente, que me exigia pelo menos umas dez horas de trabalho por dia, criei minhas duas filhas, Mariana e Carolina. Meu marido tinha uma paciência de Jó, pois eu sempre chegava em casa depois das nove da noite, e lá estava ele com as meninas, me esperando para jantar. Elas adoravam quando eu voltava para casa, sempre com uma história diferente do meu dia no jornal para lhes contar.

O que as duas mais gostavam era quando eu as levava aos meus plantões nos fins de semana, principalmente no JB. O jornal, nos anos 1980, era na Avenida Brasil, num prédio moderno, com uma redação linda, ampla, iluminada, com vista para o porto do Rio e, para completar, com uma lanchonete que servia sorvetes, sanduíches e tudo mais que as crianças amavam.

Enquanto eu apurava matérias, Mariana e Carolina andavam pela redação pegando laudas para desenhar, conversando com os repórteres e indo lancha comigo ou com algum coleguinha. Outra atração do JB era Rita Lee, que, aos domingos, às 18h, fazia um programa na Rádio JB, no 6º andar do prédio. Era uma figura que as encantava. Rita era muito alegre e as provocava brincando: "Vou casar vocês com os meus filhos".

Acabei cursando as duas faculdades, mas me sentia um peixe fora d'água entre os advogados. Já o ambiente das redações, mais informal, me era familiar. Cresci desenhando em laudas e te acompanhando. Você trabalhava muito, não tinha tempo como outras mães. Não posso dizer que fui enganada (risos). Mas era uma profissão fascinante e eu tinha muito orgulho de você. A sua maneira de correr atrás da informação, a hora que fosse, desagradando a muita gente com seus furos, foi uma grande inspiração nessa escolha".

O que mais me orgulha nessa escolha é que ela encara o jornalismo com valores semelhantes aos que me fizeram me apaixonar pela profissão. Disse: "O jornalismo é uma profissão de utilidade pública. A imprensa expõe aquilo que os poderosos querem que seja colocado para baixo do tapete. Publicar o que ninguém quer que seja publicado, informar as pessoas. Os tempos sombrios que estamos vivendo só ressaltam a importância de uma imprensa livre. Sem ela a população teria tido menos acesso a informações verdadeiras sobre a pandemia da Covid-19 e ficaria ainda mais sujeita a manipulação. Veículos concorrentes uniram-se para levantar dados junto aos Estados quando foram abandonados pelo Ministério da Saúde. A imprensa checa dados, checa fatos, e resiste, como estamos vendo agora na invasão da Ucrânia pela Rússia".

Minha filha segue a mesma trilha que eu, em meus tempos de jornal. Sempre em busca da verdade dos acontecimentos, brigando pela notícia, acreditando no sacerdócio do

No plantão tinha também o pessoal da fotografia, que tirava foto da criançada. Muitos coleguinhos levavam os filhos para o jornal no trabalho de sábado ou domingo, quando não tinham que deixar a redação para reportagens externas. E, assim, minhas filhas foram me acompanhando por todas as redações pelas quais passei. Na Gazeta Mercantil elas pontificavam. Chegavam até a telefonar dando ordens e broncas no **Paulo Totti**, diretor da Sucursal da Gazeta no Rio, para me liberar mais cedo.

Em toda essa vivência, em nenhum momento me ocorreu que aquela ligação tão intensa da minha vida de repórter com o meu dia a dia doméstico fosse influenciar na vocação profissional de uma das minhas filhas, Mariana, como ela mesma me confessou, ao falarmos de sua opção profissional pelo jornalismo:

"A vida inteira pensei em fazer Direito ou Comunicação.

jornalismo, na sua missão de informar os fatos neste mundo atual das notícias falsas. Ela reconhece, porém, que ser jornalista hoje traz novos desafios que não havia na época em que estive na linha de frente, como a concorrência frenética das mídias digitais e das novas tecnologias de comunicação, que aceleram a velocidade da notícia. Isso sem falar, a meu ver, na escravidão do celular, que enlouquece os profissionais da imprensa.

Ao evocar as lembranças das redações que frequentei, sinto uma nostalgia, comparando com o ambiente em que os repórteres trabalham agora, principalmente neste momento de pandemia, como a solidão do *home office*. Os jornais fechavam mais tarde, mas certamente tínhamos menos estresse. Não que eu não tenha vivido a chegada do celular e do computador nas redações, pois me aposentei em 2013, e durante algum tempo Mariana e eu chegamos até a trabalhar bem próximas, cobrindo os mesmos setores, eu no Valor e ela em O Globo. "Mãe e filha concorrentes, mas também parceiras como são os coleguinhos nessa árdua profissão".

Hoje, que não estou mais na ativa e ela é uma bem-sucedida repórter da agência Bloomberg, ainda trocamos figurinhas sobre coberturas de áreas comuns e meu marido brinca: "Estão em reunião de pauta?".

Desta história, o que ainda em mim permanece, e identifico na minha filha, é a eterna paixão pela notícia. (Colaborou Mariana Durão)



Vera e Mariana Durão



BOSCH
Tecnologia para a vida

Dia do jornalista 7 de abril

A Bosch parabeniza todos os jornalistas pelo seu dia e agradece a parceria e o comprometimento diário na apuração e divulgação dos fatos.



**Acesse nosso site de imprensa e
fique por dentro das novidades da Bosch:**
bosch-press.com.br/pressportal/br/pt/news/



Duas perdas para o Direito

(Wilson Moherdaui, diretor da Fórum Editorial e *publisher* do Informática Hoje, do Anuário Informática Hoje e do Anuário Telecom, e a filha Isabel Moherdaui)

Desde bem pequeno, sempre soube o que queria ser quando crescesse: advogado, como meu pai. E jogador de futebol profissional, se possível na seleção brasileira. (Minha referência era um jogador do Santos chamado Zito, o camisa 5 da seleção brasileira, também advogado.)

O sonho pareceu a caminho de se concretizar, ao menos em parte: com 17 anos, entrei na Faculdade de Direito da USP (do Largo São Francisco), enquanto o futebol se tornava cada vez mais uma simples diversão – preservada até hoje –, muito distante do profissionalismo sonhado na infância.

As expectativas do meu pai, também formado na São Francisco, só aumentavam. E chegaram ao ápice quando, no 3º ano da faculdade, consegui uma disputadíssima vaga de estágio em um dos maiores escritórios de advocacia do Brasil na época (e ainda hoje): o Pinheiro Neto. E esse foi justamente o marco da reviravolta na minha trajetória profissional: desencantado com os privilégios concedidos aos integrantes do escritório nos fóruns, tribunais, órgãos públicos em geral, convenci-me de que não era como

advogado que eu iria fazer justiça (era esse o principal motor do meu desejo de seguir no mundo do Direito).

A oportunidade absolutamente fortuita de trabalhar numa revista, como pesquisador, junto com outros colegas da São Francisco, fascinados como eu pelo jornalismo, foi a centelha que detonou meus planos de me tornar advogado. Pedi demissão do Pinheiro Neto, e para indistinta decepção do meu pai, enveredei pelo jornalismo, incorporado ao grupo de brilhantes jornalistas egressos da revista Realidade, que haviam acabado de lançar O Bondinho – revista inicialmente



Wilson e Bel Moherdaui



Bel Moherdaui e o estilista Giorgio Armani

distribuída nas lojas dos supermercados Pão de Açúcar e que depois fez sucesso entre artistas e intelectuais como uma criativa representante da contracultura. E que em pouco tempo ganhou o *Prêmio Esso de Contribuição à Imprensa*.

Nada disso, nem o fato de eu logo ter me tornado repórter, passando a

assinar grandes reportagens e entrevistas, aliviou a frustração do meu pai. Para ilustrar o tamanho dessa decepção, basta dizer duas coisas: ao me formar em Direito, meu nome constava de todas as publicações do Diário Oficial como integrante do escritório dele; e, no dia da minha formatura, ganhei do velho um anel de rubi, igual ao que ele e todos os advogados da geração dele exibiam no dedo orgulhosos.

Hoje, depois de completar 50 anos de jornalismo, tendo passado por grandes redações (Jornal da Tarde, Estadão, Editora Abril, rádios e TVs) e de ter fundado minha própria editora de publicações especializadas em tecnologia, em 1985, aproveitei este convite do J&Cia para refletir sobre o paralelo com a trajetória da minha filha, **Isabel (Bel) Moherdaui**, de quem eu esperava justamente que fosse advogada, como a mãe – sócia de um grande escritório –, e quem, como eu, ignorou solenemente os conselhos do pai e se tornou... jornalista.

Desde pequena, Bel sempre foi ótima aluna, então não

Hoje a pauta é o jornalista! Profissionais que nos ajudam a levar histórias de sucesso do mundo da tecnologia e inovação para cada vez mais pessoas. Parabéns para todos que atuam com coragem e transparência no combate às fake news.

Feliz Dia do Jornalista!



surpreendeu sua decisão de prestar o vestibular para Jornalismo na USP.

Convencido da opção determinada dela, fiz o percurso de todo pai ansioso da época: corri para a porta do cursinho, para saber o resultado do vestibular. A anos-luz de distância da era da transformação digital, as listas de aprovados só eram publicadas nos jornais impressos do dia seguinte ao da divulgação dos resultados. Foi assim, de tesoura em punho, que acordei a caloura que dormia, ameaçando cortar-lhe algumas madeixas.

Na reta final da faculdade, ela decidiu estudar em Nova York, para onde foi fazer alguns cursos de aperfeiçoamento, na New School for Social Research. Numa visita que fiz lá a ela, pedi-me para avaliar o currículo que pretendia mandar para algumas redações no Brasil. Não tive dúvida: com aquele currículo, convidei-a para um estágio na Plano Editorial, que eu fundara com um grupo de jornalistas, e onde ela ficou por um ano.

Saiu de lá para fazer o curso de trainees da Folha de S.Paulo, onde trabalhou por alguns meses, até ser aprovada no *Curso Abril de Jornalismo*, sonho que ela acalentava desde muito cedo. Foi então contratada para

trabalhar na Veja, onde ficou por dez anos, na editoria de Comportamento. Meu orgulho pela primeira das várias capas que ela publicou levou-me ao gesto que me lembrou os do meu pai, sem a correspondente frustração dele: mandei emoldurá-la.

A primeira entrevista dela para as Páginas Amarelas da Veja foi com o estilista Giorgio Armani, em Milão. Fez outras, assim como participou de grandes coberturas, como os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Saiu da Abril para ser editora Cultura e Lifestyle na Vogue. Voltou três anos depois e trabalhou na Nova antes de entrar na Claudia, onde chegou a redatora-chefe.

Hoje é diretora de conteúdo do Instituto Brasil a Gosto, fundado pela *chef* Ana Luiza Trajano. E se dedica a escrever um livro a ser lançado ainda este ano.

Com a Bel, reafirmei minha convicção de que nossas escolhas profissionais devem, sim, atender a nossas vocações e não ao conforto de oportunidades de qualquer outra ordem. Assim, o mundo do Direito perdeu dois prováveis advogados, que se rebelaram contra a expectativa dos pais. E hoje são dois felizes jornalistas, empolgados com sua profissão.



Na PMB, acreditamos que a transparência na comunicação é fundamental para impulsionar o debate de temas desafiadores. Parabenizamos os profissionais que ajudam a informar e transformar o mundo.

7 de abril: Dia do Jornalista

Definidos os +Admirados da Imprensa Automotiva 2022

■ Depois de dois turnos de intensa disputa, foram definidos os jornalistas e publicações homenageados na eleição dos +Admirados da Imprensa Automotiva 2022. No total, 30 jornalistas e 21 publicações destacaram-se e foram eleitos em 12 categorias: *Jornalista – Geral*, *Jornalista – Motos* e *Jornalista – Veículos Comerciais*, *Colunista*, *Influenciador Digital*, **Áudio (Podcast)**, **Áudio (Rádio)**, *Jornal*, *Revista*,

Site, *Vídeo (Canal/Redes Sociais)* e *Vídeo (Programa de TV)*.

► A cerimônia de premiação, que pela primeira vez será presencial, está marcada para 25 de abril, em São Paulo. Nela, além de destacar os homenageados, serão conhecidos os *Top 5 +Admirados Jornalistas* e os primeiros colocados nas categorias temáticas.

► A eleição dos +Admirados da Imprensa Automotiva conta

com os apoios de Abraciclo, Audi, Bosch, General Motors, Honda, Scania, Volkswagen e Volkswagen Caminhões e Ônibus. Empresas que ainda queiram associar suas marcas à premiação podem obter mais informações com **Vinicius Ribeiro** (vinicius@jornalistascia.com.br e 11-99244-6655).

► Confira a relação dos homenageados na edição especial de [J&Cia Auto](#).



Gilberto Amendola substituirá a Sonia Racy no Direto da Fonte

■ Após mais de três décadas e 12 mil artigos publicados, **Sonia**



Sonia Racy

Racy deixará no final do mês o comando da coluna *Direto da*



Gilberto Amendola

Fonte, do Estadão. A partir de maio, o espaço criado em 1990 e que atualmente está integrado ao Caderno 2, passará a ser comandado por **Gilberto Amendola**. Ele terá ao seu lado a mesma equipe que trabalha com Sonia, formada por **Gabriel Manzano**, **Marcela Paes**, **Paula Bonelli** e **Sofia Patsch**.

► No Grupo Estado desde 2004, Gilberto começou a carreira como repórter de Cidades, Políti-

ca e Variedades do extinto *Jornal da Tarde*, onde também chegou a escrever crônicas aos domingos. Em 2015 passou a escrever para o caderno Aliás, do Estadão. No jornal também passou pelas editorias *Metrópoles* e *Política*, e colaborou com *Paladar* e *Viajem*. Também criou a coluna *Balcão do Giba*, sobre bares e coquetelaria, e colabora com o quadro *Mais ou Menos Isso*, na Rádio Eldorado.

Miriam Leitão recebe apoio após ataque de Eduardo Bolsonaro com apologia aos crimes da ditadura militar

■ Jornalistas, escritores, políticos, celebridades e entidades vêm divulgando desde domingo (3/4) uma série de mensagens em solidariedade a **Miriam Leitão**. A jornalista do Grupo Globo foi alvo de mais um episódio em que o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) atacou profissionais da imprensa por causa de seus trabalhos. Irritado com um [artigo assinado por Miriam](#), que circulou na edição dominical de O Globo, o parlamentar fez uma piada com relação à tortura que ela sofreu

durante a ditadura militar (1964-1985).

► No artigo, Miriam defende que a terceira via erra ao faltar com clareza sobre a base de suas propostas em relação à democracia, principalmente ao tratar o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente e pré-candidato Luís Inácio Lula da Silva como iguais. "Bolsonaro é inimigo confesso da democracia", afirmou.

► Em retaliação, o filho do presidente compartilhou a postagem de Leitão e respondeu que "ainda

sentia pena da cobra", em uma clara referência ao caso em que Miriam foi presa na década de 1970 em uma cela com uma jiboia. Vale lembrar que a mesma declaração já havia sido feita anteriormente também por Jair Bolsonaro, inclusive durante uma entrevista a **Matheus Leitão**, filho de Miriam, e autor do [livro e documento](#) *Em nome dos pais*.

► Em dezembro de 1972, aos 19 anos, Miriam estava grávida de **Vladimir Netto**, seu filho mais velho e também jornalista, quando foi pre-



Parabéns a você que tem a importante missão e o cuidado de transformar fatos em notícias!

Para nós, que somos especialistas em cuidados, isso faz toda a diferença.

Feliz dia do Jornalista!



sa pelo governo militar no quartel do 38º Batalhão de Infantaria do Exército em Vila Velha. Nos três meses em que permaneceu encarcerada, ela passou por diversas sessões de tortura. Em uma delas, foi deixada nua por horas em uma sala escura com uma jiboia. O animal pertencia a Paulo Malhões, coronel do Centro de Informações

do Exército, e um dos maiores torturadores do regime, assassino confesso de dissidentes políticos durante a ditadura militar.

► Na segunda-feira (4/4) a ABI publicou o [Manifesto contra apologia à tortura](#), documento assinado por quase 300 escritores, cientistas, jornalistas e artistas, em que afirma que "apologia à tortura

é crime e quem a pratica deve se submeter aos rigores da legislação". Em [nota](#), a Fenaj defendeu que Bolsonaro seja punido com a perda do mandato pelo crime de apologia à tortura.

► Pelas redes sociais, dezenas de jornalistas se pronunciaram condenando o ataque e mostrando solidariedade a Miriam

Leitão. Entre eles estão **Chico Pinheiro, Daniela Lima, Dorrit Harazim, Guga Chacra, Gerson Camarotti, Juliana Dal Piva, Lola Aronovich, Malu Gaspar, Mônica Waldvogel, Marcelo Lins, Natuza Nery, Rachel Sheherazade, Renata Agostini e Vera Magalhães**. Confira as mensagens no [Portal dos Jornalistas](#).

Após gritos de "Fora Bolsonaro", policiais interrompem festa de Sylvio Costa no DF

► Policiais interromperam a festa de aniversário de **Sylvio Costa**, fundador do site Congresso em Foco, na noite de 1º/4, em Brasília, para atender a uma suposta reclamação de vizinhos por causa do barulho. Pouco antes da chegada da Polícia, os presentes no evento haviam cantado parabéns e gritado "Fora Bolsonaro".

► Segundo relato do próprio Sylvio, de forma intimidatória, os militares forçaram-no a assinar um termo circunstanciado de ocorrência (TCO) por perturbação da ordem pública, ou seria

conduzido à delegacia. Questionado pelos policiais, Sylvio disse que "todas as pessoas têm o direito de se manifestar, independentemente de posição política". Os agentes também gravaram uma conversa privada de Sylvio com seu advogado. Na festa, estavam presentes outros jornalistas e advogados, que classificaram o ocorrido como abuso de autoridade.

► **Vicente Nunes**, do Correio Braziliense, [escreveu no Twitter](#) que "a madame que fez a Polícia Militar parar uma festa de

aniversário em Brasília porque os convidados gritavam 'Fora Bolsonaro' se chama Karla Barros Teixeira, tem 30 anos e exerce cargo em comissão na Secretaria de Cultura. Essa moça tem muito o que falar".

► Outros colegas de profissão e políticos do DF repudiaram o ocorrido e cobraram explicações da Polícia Militar. Segundo a corporação, os fatos narrados não representam a realidade, e explicou que a ação ocorreu "porque vizinhos estavam incomodados com o barulho da festa de aniversário depois das 22 horas".

► Ao Congresso em Foco, o deputado Fábio Félix, presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, Cidadania, Ética e Decoro Parlamentar da Câmara Legislativa do DF, questionou a versão da PM: "Uma visita como essa acontece, mas ela é mediadora. Os policiais chegam e tentam acabar com o problema, abaixando o som, buscando a conciliação. Estou há três anos e meio mediando conflitos no Dis-

trito Federal e nunca vi isso. Chegar já querendo fazer TCO, levar para delegacia? Não é comum".

► [No Congresso em Foco, Sylvio escreveu sobre o ocorrido](#): "Moro em um prédio, em Brasília, há dois anos e meio e ontem (sexta, dia 1º) fiz pela primeira vez uma festa. Para, depois de tanto tempo de distanciamento imposto pela pandemia, celebrar meus 60 anos. Avisei na portaria e pedi para ser acionado por celular se houvesse alguma reclamação. Minha maior preocupação, claro, era com o barulho. Se incomodar alguém, disse, só me avisar que baixamos o som. Achei mesmo que não teria nenhum babado, já que eventos festivos nesse mesmíssimo prédio são frequentes, muitas vezes com som bastante alto, e jamais geraram problema".

► Em nota, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) solidarizou-se com Sylvio e sua família, cobrou providências das autoridades do DF e exigiu "o respeito à liberdade de expressão, direito garantido pela Constituição".



Sylvio Costa

Paulo Negreiros/Congresso em Foco

LLYC

Jornalismo se faz com dados, além de boas histórias.
Na LLYC, investimos em inteligência de dados para entregar o melhor a você.
Obrigado pela parceria de cada dia. Parabéns pelo seu dia!

llorenteycuencia.com

João Caminoto planeja lançar até julho Curto News, produto digital de notícias

■ **João Caminoto**, ex-diretor de Jornalismo do Grupo Estado, pretende lançar até julho o Curto News, produto digital de notícias ancorado em seu conceito de como o jornalismo deve ser praticado e que sintetize o aprendizado dos seus mais de 30 anos de carreira, nas mais diferentes plataformas. Segundo ele, com o apoio de amigos e família, tem se dedicado ao longo dos últimos meses a tentar concretizar esse que é um antigo projeto. A ideia é que gradualmente, ao longo dos próximos meses, o CN venha a

atrair sócios e parceiros.

► “Lançar um novo serviço de notícias nos tempos atuais não é tarefa fácil”, diz. “O Brasil é um País que conta com excelentes casas de jornalismo, tanto as tradicionais, originadas na plataforma impressa, como as mais jovens, 100% digitais. Mas tenho convicção de que há espaço para muitos novos canais de informação. Aliás, eles são fundamentais num País que conta historicamente com baixos índices de leitura e tem sido particularmente assolado pelas fake news”.

► Para ele, o interesse e o acesso à informação jornalística de qualidade não podem ficar restritos às elites brasileiras, como sempre foi e é, e se o Curto News conseguir colaborar no esforço de atrair novas audiências para o jornalismo, principalmente as mais jovens, já terá cumprido sua missão. Assuntos cruciais para a ambição do Brasil de se tornar um País mais justo e digno, como Educação, Sustentabilidade e Liberdade, serão pilares do Curto News.

► “Sempre encarei o jornalismo como uma janela na qual a so-



João Caminoto

cidade pode ver o que se passa no mundo para tomar as suas decisões. Em breve, essa nova janela estará aberta para o mundo”, completa.

Canal Meio capta investimentos para aumentar a oferta de produtos

■ O **Meio** agora é uma S.A.. Acaba de realizar uma rodada de investimento, na qual captou R\$ 5 milhões, um dos maiores montantes arrecadados por startups

jornalísticas no País. Com isso, incorpora entre seus sócios **Silvio Genesini**, ex-CEO da Oracle Brasil e do Grupo Estado e ex-sócio da Accenture, e **Tony de Marco**, que

já atuava na empresa como diretor de Arte. Com o investimento, a empresa anuncia novas contratações e o projeto de dobrar o número de assinantes.

► Fundado em 2016 por **Pedro Dória**, editor-chefe, e **Vitor Conceição**, CEO, o Meio consolidou-se como *newsletter* de jornalismo, com veiculação diária, e mais de 140 mil assinantes. Também diversificou seus projetos, levando ao ar o podcast *No pé do ouvido* e os programas *Ponto de partida* e *Pedro+Corá*, presentes em YouTube, Twitter, Instagram e Kwai.

► Hoje reúne 14 profissionais na equipe, mas tem a expectativa de dobrar o quadro. Haverá aumento

da presença da plataforma nas redes e a criação de novos formatos em vídeo, com ênfase no conteúdo para assinantes pagantes. Entre os novos colonistas no formato de vídeo está a jornalista e roteirista **Mariliz Pereira Jorge**, colunista da Folha de S.Paulo e comentarista do UOL News.

► Outra contratação confirmada é a de **Flávia Tavares**, que teve passagens por Estadão, Época e que até então estava na CNN. Ela assume o posto de editora executiva, responsável pelos produtos para assinantes pagantes. Além de mais jornalistas, serão contratados profissionais para as áreas de tecnologia, marketing e financeiro.



Pedro Dória e Vitor Conceição

André Hernan deixa a Globo após 18 anos

■ O repórter esportivo **André Hernan** deixou a TV Globo em 1º/4, após 18 anos de casa. Ele chegou a participar do *Redação SporTV* em seu último dia na

emissora. Hernan assinará contrato com a NWB (Network Brasil), produtora de conteúdos digitais esportivos. Terá um canal próprio no YouTube, que deve focar em

movimentações do mercado da bola e entrevistas com personalidades do futebol. A NWB é também responsável pelo canal Desimpedidos.



André Hernan

Léo Martins

O bom jornalismo tem **COMPROMISSO COM A VERDADE**

No Dia do Jornalista, a nossa homenagem a todos os profissionais de imprensa pelo trabalho incansável no combate à desinformação.

PARABÉNS!

Grupo In Press

continuação - Últimas

TV História acusa Meio Norte (PI) de plagiar mais de 30 textos; links copiados foram retirados

■ O site TV História, especializado na história da televisão brasileira, enviou uma notificação extrajudicial ao portal Meio Norte, do Piauí, exigindo a retirada de mais de 30



textos que este teria plagiado. O documento pedia também que o site parasse imediatamente de copiar conteúdo do TV História. Nessa terça-feira (5/4), **Thell de Castro**, CEO do TV História, disse ao Portal dos Jornalistas que todos os links copiados do TV História foram retirados.

► [Em entrevista ao Portal dos Jornalistas](#), Thell contou que

descobriu os plágios no final do ano passado, enquanto estava vendo pautas com a equipe do site, composta por 12 jornalistas.

► "Passando pautas para minha equipe, achei uma notícia do Meio Norte sobre artistas da novela Terra Nostra que já morreram, algo que já havíamos publicado. E percebi que o texto estava igualzinho ao nosso. E não só isso, era o mesmo

título, as mesmas fotos, e o texto, criação intelectual nossa. Depois de pesquisarmos, detectamos pelo menos 32 matérias copiadas".

► Segundo ele, nesta semana, o grupo enviou um e-mail ao TV História informando da retirada dos links copiados. O advogado do diretor do TV História acredita não será necessário medidas mais drásticas.

Justiça de Goiás rejeita pedido de censura contra Aos Fatos

■ O Tribunal de Justiça de Goiás rejeitou em 29/3 um pedido de censura e indenização do procurador federal Ailton Benedito contra uma reportagem de Aos Fatos. Na matéria [Apoio à cloroquina engaja mais no Twitter sustentado em desinformação](#), publicada em maio de 2020, Benedito foi apontado como um dos usuários do Twitter que mais

promoveram o uso da cloroquina contra a Covid-19.

► Na decisão, o juiz Felipe Vaz de Queiroz disse que a reportagem "não traz afirmações difamatórias ou caluniosas a atingir imagem e/ou reputação do reclamante. Em que pese constar o nome do autor na tabela que compõe a matéria publicada, dela não consta a sua qualificação, tam-

pouco indica onde estaria ele enquadrado na pesquisa, ou seja, se entre os que falaram sobre o medicamento baseados em informações falsas ou distorcidas".

► A decisão destaca também que a reportagem, assinada por **Marina Gama Cubas**, **Bruno Fávero** e **Amanda Ribeiro**, foi apresentada "genericamente" nas redes sociais e não tem qualquer cunho vexa-

tório, calunioso, intimidatório ou difamatório. Benedito ainda pode recorrer.



Laerte Coutinho e Oboré lançam novo catálogo do Voo Rasante

■ A cartunista **Laerte Coutinho** disponibilizou, em parceria com a Oboré, a nova coleção do *Voo Rasante*, uma seleção de charges dela sobre o Brasil, autografadas, com obras clássicas e atuais.

► São 70 desenhos que se retratam algumas cenas do nosso cotidiano político e social entre 2014 e 2021. O valor obtido com as vendas será destinado ao projeto *Repórter Futuro*, iniciativa da Oboré que há mais de 25 anos

oferta cursos de complementação universitária para quem deseja seguir carreira no jornalismo.

► As peças unitárias custam R\$ 370 e podem ser selecionadas



pelo [catálogo online](#). Mais informações sobre a compra estão disponíveis no [site da Oboré](#).

Repórter do Futuro

■ Antes intitulado *Projeto Repórter 2000*, o projeto *Repórter do Futuro* teve sua criação em 1994 e desde então vem disponibilizando alternativas de autodesenvolvimento a estudantes universitários de graduação que desejam aprofundar o conhecimento e a prática da reportagem.

► Ofertada de forma totalmente gratuita, a formação oferece ainda cursos temáticos modulados, viagens de estudos e reportagens, ciclos de cinema, rodas de conversa com profissionais consagrados, entrevistas exclusivas e redações.

► Para manter a iniciativa de pé, a Oboré estabelece parcerias com instituições de referência em suas áreas de atuação e que também acreditam na importância do projeto.



Equipe da Repórter Brasil é intimidada por policiais em sede de mineradora inglesa na Bahia

■ Uma equipe da Repórter Brasil foi intimidada por policiais na sede da mineradora inglesa Brazil Iron em Piatã (BA). Segundo relato da própria Repórter Brasil, a empresa acusou os jornalistas de invasão da mineradora e acionou a Polícia, solicitando também as gravações da reportagem. Os repórteres **Daniel Camargos** e **Fernando Martinho** prontamente explicaram que utilizaram um drone para imagens aéreas dias antes, mas não invadiram propriedade, como estava sendo alegado. Sem acordo, a equipe foi encaminhada para a delegacia e liberada horas depois.

► A Repórter Brasil foi até a região para fazer uma reportagem sobre os impactos da mineradora no meio ambiente e nas comunidades locais. Ouviram relatos e filmaram nas proximidades. Até que em 28/4, foram até a sede da mineradora para ouvir o lado da empresa.

► Dentro da sede, os jornalistas pediram uma entrevista e foram

recebidos pelo gerente de logística da mineradora, Roberto Mann. Eles foram encaminhados até uma sala onde estavam dois executivos ingleses da empresa. Os jornalistas explicaram a reportagem e os esclarecimentos que gostariam da mineradora. Depois disso, o gerente pediu que aguardassem.

► Após algum tempo, os repórteres foram surpreendidos por dois policiais, um deles armado com

um fuzil. Os militares disseram que estavam ali a pedido da empresa, pois receberam a denúncia de que os repórteres teriam invadido a mineradora, e pediram as gravações dos jornalistas.

► Daniel e Fernando explicaram que apenas chegaram à portaria e utilizaram um drone para fazer imagens aéreas alguns dias antes, mas não houve invasão. Por orientação da direção da Repórter Brasil, não entregaram a gra-

vações e foram encaminhados para a delegacia. Com a ajuda de um advogado local, deixaram a delegacia horas depois.

► Para **Leonardo Sakamoto**, diretor da Repórter Brasil, "os repórteres foram, surpreendentemente, pressionados pela empresa e pela PM enquanto aguardavam para ouvir o posicionamento da Brazil Iron dentro de suas instalações. É uma clara tentativa de intimidação ao trabalho jornalístico, de cerceamento da liberdade de imprensa, que não pode ser aceita".

► Em nota enviada ao Portal dos Jornalistas, a mineradora Brazil Iron rebateu as acusações da Repórter Brasil. Negou ter denunciado os repórteres por invasão e diz que chamou a polícia após "tomar conhecimento de que a reportagem sobrevoou a área de operação da Mina Mocó com um drone". Segundo os representantes da empresa, a ação teria sido feita em uma área de risco, comprometendo a segurança do local. [\(Leia+\)](#)



Daniel Camargos

Fernando Martinho/Repórter Brasil

Barnabé

Dona Menga era a funcionária mais longeva da Diretoria de Ensino. Saiu da sala de aula para a burocracia. Véspera do feriado de Carnaval, ela, como sempre, foi a última a sair. Ainda atendeu o agente da Vigilância Sanitária, que lhe entregou uma pasta e

avisou que na Quarta de Cinzas não haveria expediente. Na quinta, não apareceu na repartição e, claro, todo mundo estranhou. Viúva, morava sozinha, ali perto. A chefe, dona Odete, foi pessoalmente até lá. Quando chegou, viu a ambulância e dona Menga

na maca. Dormia o sono eterno, abraçada à pasta com o relatório do agente, que dizia: área contaminada por roedores com risco iminente de leptospirose. Suspeita: Emengarda Barboza, RE 6966.



(*) Batizado há 46 anos no Grupo Estado, Daniel Pereira passou por Rádio Bandeirantes, TV Record, coordenou a Comunicação do Governo de SP na ECO-92 e foi assessor de imprensa no Memorial da América Latina. Publicou em 2016 O esquife do caudilho e acaba de concluir O último réu.



FELIZ DIA DO JORNALISTA!

A PFIZER SE ORGULHA DE ESTAR HÁ 70 ANOS NO BRASIL, ATUANDO AO LADO DA IMPRENSA POR GRANDES AVANÇOS QUE MUDAM AS VIDAS DAS PESSOAS.



pfizer.com.br



Preocupação com crianças e jovens nas redes deve pautar futuro das mídias sociais

Em 2021, o Facebook mergulhou em uma crise de imagem após revelações de [pesquisas internas demonstrando efeitos do uso do Instagram sobre o bem-estar emocional de adolescentes](#), pela ex-gerente Frances Haugen.

Há duas semanas, o [Washington Post publicou uma reportagem](#) afirmando que a Meta teria contratado a agência de comunicação digital Targeted Victory, ligada ao partido Republicano, para conduzir uma campanha contra o TikTok, que cresce sem parar, desafiando o aparentemente invencível império de Mark Zuckerberg.

A ideia, segundo o jornal, seria difundir a tese de que a rede social chinesa é prejudicial a crianças,

algo que também vem sendo apontado por organizações preocupadas com os desafios do conteúdo relacionado a suicídio e distúrbios alimentares.

Brigas e crises corporativas

envolvendo dois gigantes tecnológicos não são apenas assunto comercial. Elas levantam um tema estudado em todo o mundo: as mídias sociais fazem mal a jovens e crianças? E qual o



De Londres, Luciana Gurgel

tamanho desse mal, diante dos benefícios?

A universidade britânica Nottingham Trent mantém um grupo de pesquisa em ciberpsicologia dedicado a compreender os efeitos das mídias sociais, especialmente sobre crianças.

Em um artigo recente no portal de textos acadêmicos The Conversation, a líder do grupo, Daria Kuss, reconhece o valor das redes para apoio emocional, construção de comunidades e autoexpressão entre adolescentes. Mas confirma o impacto negativo.

Kuss lista os efeitos mais comuns diagnosticados nas entrevistas com pais e usuários jovens: desde aumento do tempo online e mudança de comportamento devido ao julgamento antecipado de colegas e sobrecarga sensorial até consequências cognitivas e emocionais, como estresse e ansiedade.

O impacto não é linear. Um estudo feito por pesquisadores da Universidade de Essex, publicado na Nature Communications em março, revelou que rapazes entre 14 e 19 anos e moças entre 11 e 19 anos que utilizam as redes com intensidade apresentam um índice de satisfação menor com a vida do que aqueles que não o fazem.

Os autores cruzaram dados de uma pesquisa do governo britânico sobre felicidade com os hábitos de uso das plataformas. Eles fazem ressalvas sobre a necessidade de estudos mais

aprofundados, mas constatam que pelo menos estatisticamente há um efeito parecido com o que a ex-gerente do Facebook relatou com base nas pesquisas internas da empresa.

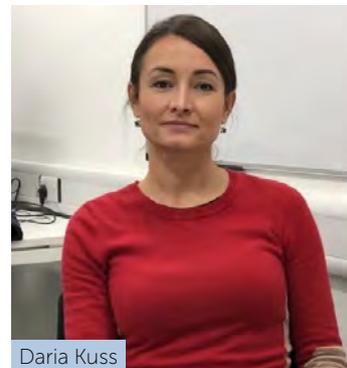
A tese de que redes sociais viciam, embora defendida por alguns, ainda não encontra muito respaldo. [Três estudos diferentes em 2021 sinalizaram nessa direção](#), embora confirmando problemas emocionais ocasionados pelas redes.

Em um deles, pesquisadores de duas universidades do Reino Unido fizeram um experimento para identificar se os usuários apresentavam o chamado viés de atenção, presente em viciados em jogo ou drogas. A resposta foi negativa.

Viciantes ou não, as redes são parte da vida contemporânea. Seus efeitos sobre crianças e jovens interessam não apenas a pais e professores, mas a empresas

que as utilizam para se comunicar com clientes e usuários, figuras públicas que dialogam com a sociedade por meio delas e organizações jornalísticas dependentes das mídias digitais para levar informação a audiências mais jovens.

Em seu artigo, a pesquisadora Daria Kuss pede o aumento da responsabilidade social corporativa das plataformas no desenvolvimento de seus produtos, colocando a segurança de crianças em primeiro lugar.



Daria Kuss

Seguidos alertas de acadêmicos como ela e denúncias como a de Frances Haugen, que passou a rodar o mundo demonizando o Facebook em parlamentos, apontam para um futuro de mais controle.

Reino Unido e União Europeia apresentaram recentemente os pacotes legislativos que tramitam este ano.

Alguma coisa ainda pode mudar nos plenários, mas os sinais são de que a proteção a crianças e jovens deve ser prioridade, sobretudo na Grã-Bretanha, onde o governo diz querer criar o local mais seguro do mundo para crianças online.

Inscreva-se em mediatalks@jornalistasecia.com.br para receber as newsletters MediaTalks trazendo notícias, pesquisas e tendências globais em jornalismo e mídias sociais.



Esta semana em MediaTalks

Mais redes sociais – Um novo relatório da Unesco traz conclusões alarmantes sobre os riscos que o jornalismo profissional e independente enfrenta diante do crescimento exponencial das redes sociais. A análise, com recorte mais recente feito entre 2021 e 2022, identificou que tanto o público de notícias quanto as receitas de publicidade migraram em massa para as plataformas controladas pelas gigantes da internet Google e Meta/Facebook. A pandemia de Covid-19 contribuiu para a crise das empresas de mídia e evidenciou o risco para o direito fundamental à informação, constatou o relatório.

Bolsa nos EUA – Jornalistas mulheres e não-binários de qualquer nacionalidade podem concorrer até 15 de abril a uma bolsa concedida pela International Women's Media Foundation (IWMF) e passar sete meses nos EUA para se aperfeiçoar na profissão por meio de

curso e estágios em grandes jornais. O programa foi criado em 2004 em homenagem a **Elizabeth Neuffer**, correspondente do jornal Boston Globe que morreu durante a cobertura da guerra do Iraque, em maio de 2003. A bolsa é aberta a profissionais que trabalhem em grandes organizações ou *freelances*, com inglês fluente, pelo menos três anos de experiência profissional e trabalho concentrado em direitos humanos e justiça social.

Jamal Khashoggi – O caso do jornalista saudita **Jamal Khashoggi** ganhou um novo capítulo que pode acabar com a investigação

sobre o assassinato do profissional na Turquia e tornar quase impossível a condenação dos responsáveis. Ele foi morto dentro do consulado da Arábia Saudita no país, em 2018. Um promotor turco pediu à Justiça em 31/3 para encerrar o caso e transferir as diligências para a Arábia Saudita, encerrando as investigações no país em que o crime ocorreu. "Durante a audiência de hoje do caso de homicídio de Jamal, o promotor pediu, de acordo com a demanda saudita, a transferência do processo para a Arábia Saudita e a finalização do mesmo na Turquia", publicou no Twitter a noiva de Khashoggi, Hatice Cengiz.

Sétimo morto – O premiado documentarista lituano **Mantas Kvedaravicius** entrou para a lista de profissionais de mídia que morreram ao cobrir a guerra na Ucrânia. O Ministério da Defesa ucraniano informou que o cineasta de 45 anos foi

morto em Mariupol por forças russas, no sábado (2/4), quando tentava deixar a cidade. Ele ficou conhecido pelo filme *Mariupolis*, de 2016, que ganhou o prêmio de Melhor Documentário no *Lithuanian Film Awards*, além de receber elogios nos festivais de cinema de Berlim, Hong Kong e Estocolmo, segundo o *Hollywood Reporter*.

Treinamento de policiais – A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) anunciou uma parceria com a Associação Internacional de Polícia (IPA, na sigla em inglês) para treinar policiais e membros de segurança pública na defesa da liberdade de expressão e na proteção da segurança dos jornalistas. Um curso online e gratuito será aberto a organizações policiais em todo o mundo. "A polícia e as forças de segurança têm um dever fundamental para garantir que os jornalistas possam fazer seu trabalho com segurança", disse Audrey Azoulay, diretora-geral da Unesco.



Jamal Khashoggi

Falta o conceito de pluralidade na definição de pautas e fontes em grande parcela da imprensa brasileira

Na imprensa, pautas e fontes definem, em grande medida, cada um dos veículos de comunicação. Do mesmo modo, essa definição também se dá pelo modo como esses veículos contam os fatos, como os narram, como selecionam quem será ouvido, qual o ponto de vista que será adotado sobre os fatos analisados. São escolhas que podem ou não ter como critério a pluralidade, a representatividade social, a diversidade em todos os seus aspectos. Nessa direção é de grande relevância a identificação

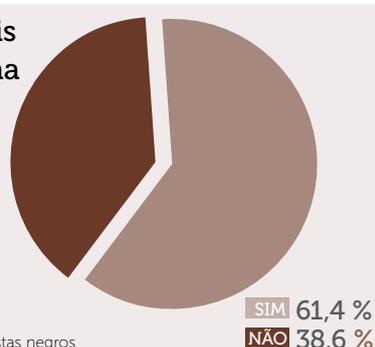
dos critérios que regem essas escolhas, pautas e fontes.

Para os jornalistas negros entrevistados no estudo [Perfil Racial](#)

Perfil Racial
da imprensa brasileira



Questões étnico-raciais pesam como critério na escolha de pautas ao longo do processo de produção jornalística?



Base: 202 entrevistas
Fonte: Pesquisa Perfil Racial - Fase 3 - Jornalistas negros

Por **Maurício Bandeira**, diretor do Instituto Corda – Rede de Projetos e Pesquisas e coordenador do estudo *Perfil Racial da Imprensa Brasileira*



Maurício Bandeira

da Imprensa Brasileira, de 2021, falta essa pluralidade em grande parcela da imprensa brasileira. Segundo os entrevistados, a questão étnico-racial tem peso

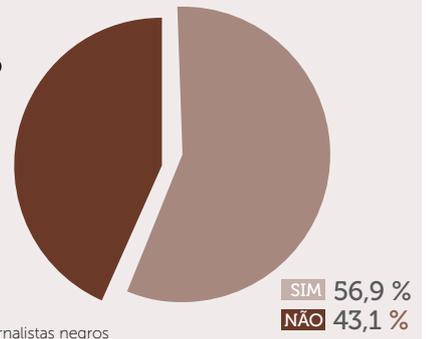
nesse processo de seleção de pautas (61%) e fontes (57%). Com relação à definição de pautas obtém destaque o registro de que:

- Assuntos étnico-raciais não têm relevância para os veículos (22,6%);
- Profissionais negros não tem espaço para matérias com temas positivos (35,5%);
- O tema racismo não é bem-vindo na mídia em geral (21,8%).
- Também sobre os critérios para

escolha e definição de fontes as críticas foram identificadas. Segundo os entrevistados, na definição de fontes ocorrem situações como:

- Cultura geral da empresa privilegia fontes brancas (73%);
- Racismo nas redações evita fontes negras (43,5%).
- Esses resultados indicam que nem todos os lados estão sendo ouvidos nas narrativas diárias da imprensa brasileira.

Questões étnico-raciais pesam como critério na escolha de fontes ao longo do processo de produção jornalística?



Base: 202 entrevistas
Fonte: Pesquisa Perfil Racial - Fase 3 - Jornalistas negros

Tome Nota

■ Bianca Santana ministrará a aula magna 2022 do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de



Bianca Santana

Santa Catarina. Com o tema *O enfrentamento ao racismo na prática jornalística*, a conferência será realizada em 19/4, às 9h, com transmissão online pelo canal do YouTube do Programa.

► Bianca é jornalista, doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e mestra em Educação também pela USP. É autora dos livros *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro* (Companhia das

Letras, 2021) e *Quando me descobri negra* (Sesi-SP, 2015). Foi professora da Faculdade Cásper Líbero e da pós-graduação em Jornalismo Multimídia na Faap. Atualmente, é professora no MBA em Estratégias de Comunicação Digital da FGV e escritora residente na Escola de Português do Middlebury College (em Vermont, nos Estados Unidos).
► Também é colunista da revista Gama e tem textos publicados em diversos veículos, como UOL,

revista Cult e Folha de S.Paulo. É organizadora das coletâneas *Inovação Ancestral de Mulheres Negras: táticas e políticas do cotidiano* (Oralitura, 2019), *Vozes Insurgentes de Mulheres Negras: do século XVIII à primeira década do século XXI* (Mazza Edições/Fundação Rosa Luxemburgo, 2019) e *Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas* (Edufba/Casa de Cultura Digital, 2012).



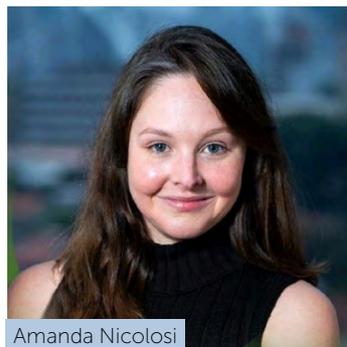
Silvina Seiguer

Internacional

■ **Silvina Seiguer** deixou a Arcos Dorados em Buenos Aires, após quase dez anos de casa, e assumiu a Diretoria de Comunicação Corporativa e Responsabilidade Social para a América Latina da Kimberly-Clark, também na capital argentina.

São Paulo

■ **Amanda Nicolosi**, analista de comunicação, deixou em novembro a Archer Daniels Midland Company, onde esteve por três anos e nove meses. Ela foi anteriormente produtora de eventos na KM77.

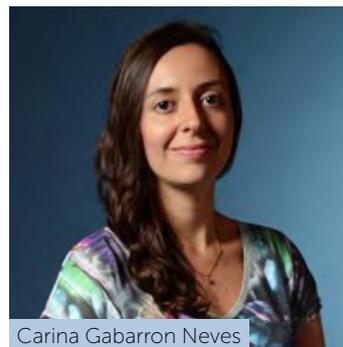


Amanda Nicolosi

■ **Carina Gabarron Neves** deixou o GPA, onde era analista sênior e ficou por mais de nove anos, e está agora como coordenadora de Marketing Digital no Laboratórios Expanscience Brasil.

■ **Caroline Pinatti Cid**, analista de marketing, deixou o Hospital Israelita Albert Einstein, onde esteve por quase um ano e meio. Ela foi anteriormente de Siemens Healthineers e RPMA.

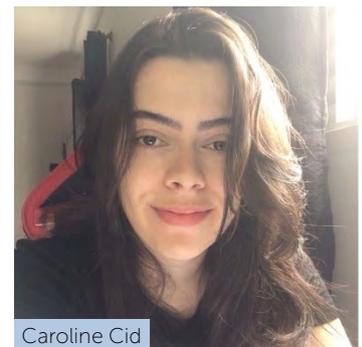
■ **Daniele Basanela**, especialista em comunicação, deixou a CPFL, onde ficou por três anos e quatro meses, até fevereiro. Vivendo em Nova Odessa, interior paulista, ela



Carina Gabarron Neves

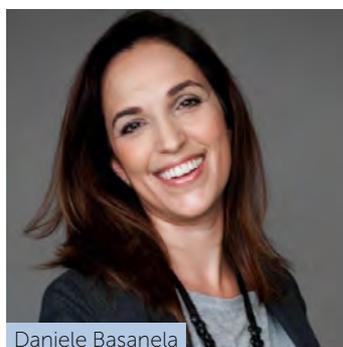
está atuando como consultora autônoma pela Empática Comunicação Estratégica.

■ **Emanuelle Herrera**, ex-Reed Exhibitions Alcantara Machado,

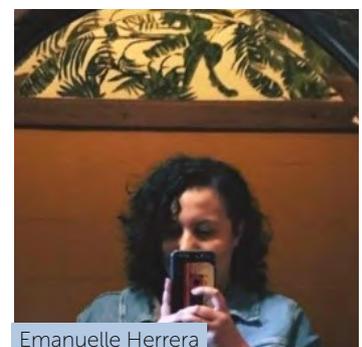


Caroline Cid

e que na sequência passou por RPMA e FSB, ingressou em fevereiro na Oliver Latin America, na função de planejadora de conteúdo.



Daniele Basanela



Emanuelle Herrera



Gabriella Camilo Pires

■ **Gabriella Camilo Pires** começou em fevereiro como analista na The Chemist Look. Vem de uma jornada de três anos e meio na Edelman, onde era executiva júnior.

■ **Isabela Morais**, coordenadora de podcasts e analista de redes sociais, deixou a Avocar, após quase dois anos e meio de casa.

■ **Kelly Ortiz**, ex-assessora parlamentar e que esteve por um ano na RS Press, começou em janeiro como head de assessoria de imprensa na Fundamento Grupo de Comunicação.

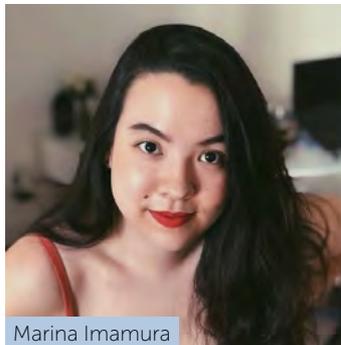


Kelly Ortiz

■ **Luiz Gustavo Schlindwein Garcia**, que foi coordenador e esteve por pouco mais de oito anos e meio na InPress Porter Novelli, acertou com a FSB e ali começou como gerente em março.

■ **Marina Imamura** despediu-se da Endeavor, onde esteve por quase seis anos, e começou na área de marketing B2B da Trybe.

■ **Nathalie Gomes**, ex-FleishmanHillard e que teve uma rápida passagem pela Hill & Knowlton Strategies, entre novembro e fevereiro, começou como head de atendimento na Grapa Digital,



Marina Imamura

agência especializada em marketing digital.

■ **Rachel de Brito**, ex-Museu da Casa Brasileira e que teve uma rápida passagem pela Loures Consultoria, voltou para o mundo corporativo como analista júnior do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo.

■ **Rosa Pellegrino**, ex-Press à Porter, onde esteve por quase nove anos, deixou a Trama, após 11 meses, e começou como gerente de contas na Vianews Hotwire.

■ **Thais Vallim**, ex-Suporte Comunicação, em que ficou por



Rachel de Brito

mais de quatro anos e meio em cargo de coordenação, está agora como head de PR na Press Pass.



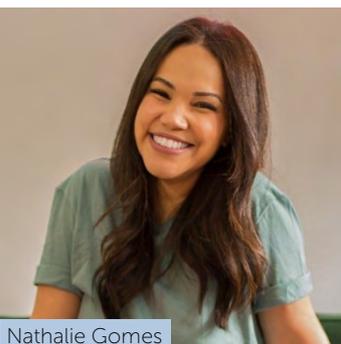
Thais Vallim



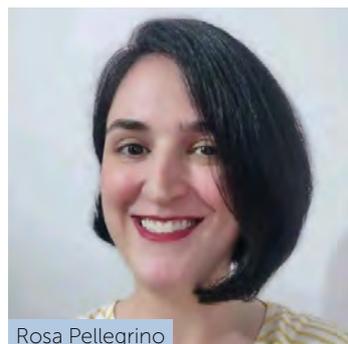
Isabela Morais



Luiz Gustavo Garcia

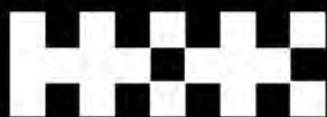


Nathalie Gomes



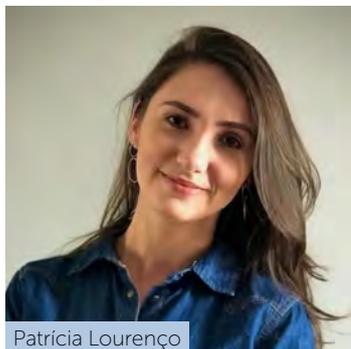
Rosa Pellegrino

OFERECIMENTO:



Ideal H+K
Strategies

A IMPRESSÃO
QUE PASSA, FICA



Patrícia Lourenço

Paraná

■ **Patrícia Lourenço**, ex-Central Press, onde era assessora de imprensa e esteve por quase um

ano e meio, começou como gerente de comunidades na Food.co.



Carolina Oliveira Castro

Rio de Janeiro

■ **Carolina Oliveira Castro**, coordenadora de conteúdo terceirizada, deixou a Netshoes, em que esteve por um ano, e agora faz parte do time da FSB, na função de coordenadora de mídias sociais e SAC para o cliente Águas do Rio.

Entrou em licença-maternidade

■ **Thais Felix**, coordenadora de parcerias no time de Marketing para Empreendedores do Fa-

cebook Brasil, em São Paulo, na empresa, como terceirizada, desde maio de 2019.



Thais Felix

Dança das contas

■ A filial brasileira da another, agência com sede no México, passa a atender à Farfetch, plataforma global para a indústria da moda de luxo, fornecendo serviços de RP, conteúdo e marketing de influência para a empresa. A nomeação da another para o mercado brasileiro marca o terceiro país da Latam dentro da parceria. A conta será dirigida por **Kauana Neves**. Outras informações com **Joyce Camargo** (joyce.camargo@another.co e 11-97651-7115).

Agenda

■ O webinar *Arena de Ideias* desta quinta-feira (7/4), às 9h30, vai debater com profissionais de comunicação e especialistas em tecnologia que acompanharam o SXSW, maior evento de inovação e criatividade do mundo, as

tendências para o ano. Participação da conversa **Simone Kliass**, fundadora e vice-presidente da XRBR; **Tracy Mann**, Brazil Marketing Contact para SXSW Conferences; e **Miriam Moura**, diretora de Conteúdo, Curadoria e Novos Produtos da Oficina. O webinar será apresentado por **Patrícia Marins**, sócia-diretora da Oficina Consultoria. Transmitido ao vivo, o debate está disponível em YouTube, Spotify e LinkedIn da Oficina Consultoria. [As inscrições podem ser feitas aqui.](#)

■ A Aberje e o King's Brazil Institute realizam em 12/4, a partir das 11h, o primeiro encontro de 2022 dos *Blended Webinars*, que discutem questões globais com fortes impactos para o Brasil e o Reino Unido e para as relações entre os dois países. O tema é *Estado e Mercado após a Covid-19*. Inscrições [aqui](#).

Curtas

■ A **Fundação LLYC**, vinculada à consultoria global de comunicação, marketing digital e assuntos públicos Llorente & Cuenca, divulgou globalmente seu relatório anual. No total, ela computou o apoio a 39 instituições sociais diferentes, por meio de 14 programas e quatro iniciativas que beneficiaram a 286 pessoas em 12 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, EUA, Espanha, México, Peru, Panamá, Portugal e República Dominicana), no ano passado. A iniciativa reafirma o compromisso da LLYC com princípios ESG em sua prática de negócio, ao mesmo tempo que integra esse conhecimento como oferta de valor da consultoria.

► O foco dos programas em 2021 esteve no apoio à capacitação de jovens e mulheres com

menos recursos, em alinhamento com o quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a Agenda 2030 da ONU: *Educação de qualidade*. Aí se incluem os projetos de formação *Storytelling for social Impact*, realizado em colaboração com a IE University; *Aula Go*, em colaboração com a fundação SM; e *Vozes Futuras*, totalmente capitaneado pela LLYC. No Brasil, mais de 50 jovens foram beneficiados pelo projeto *Vozes Futuras* em 2021, realizado em parceria com a Associação das Famílias do Pecém, no Ceará. A Fundação também se dedicou ao ODS 5, *Igualdade de gênero*, e ao ODS 17, *Alianças para conseguir os objetivos*, em ativações especiais.

Por dentro da Comunicação Pública

Associação Brasileira de
Comunicação PúblicaIniciativas da comunicação pública
no combate à desinformação

Primeiro de abril é conhecido como "Dia da Mentira". Mas infelizmente conteúdos mentirosos e falaciosos são distribuídos por aí durante todo o ano.

Para combater esse tipo de prática, a comunicação pública tem um papel preponderante. E a notícia boa e verdadeira aqui é que já há muitas instituições públicas

em diferentes estados brasileiros com práticas bem-sucedidas para alertar a sociedade sobre os riscos das *fake news*. Vamos conhecer algumas?

Gralha Confere: a central de combate à desinformação do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná

O TRE-PR tem ajudado os cidadãos paranaenses a reconhecerem *fake news* por meio do *Gralha Confere* – nome dado em homenagem ao pássaro símbolo do Paraná, com alto potencial comunicativo.

O projeto oficial da Justiça Eleitoral paranaense, em funcionamento desde a eleição de 2020, apura conteúdos suspeitos relacionados ao processo eleitoral. Conduzido em parceria com instituições públicas e privadas do Estado, o portal tem o objetivo de aumentar o potencial informativo



dados. Além da assinatura e das manifestações dos representantes institucionais, o painel reunirá pesquisadores e jornalistas para um bate-papo sobre o tema.

Confira a programação completa:

- Evento: *Como enfrentar a desinformação em Saúde? Construindo soluções em redes*

Data: 8 de abril

Horário: 13h30h – 15h30

sobre o processo eleitoral na região, esclarecer a população e manter a integridade do pleito, minimizando assim a influência da desinformação no Paraná.

Para utilizar o serviço, os paranaenses devem enviar as dúvidas para o WhatsApp do *Gralha Confere* – 41-98700-5100 –, adicionando imagens ou textos que tenham recebido. As informações são selecionadas pela equipe responsável e as checagens são publicadas no [site do projeto](#).

As checagens recebem selos de verificação, que são: Falso, Verdadeiro e Impreciso. Há também o *Gralha Explica*, com esclarecimentos sobre ferramentas e situações do processo eleitoral.

A principal intenção do projeto *Gralha Confere* é se comunicar com a sociedade, unir as instituições em torno da boa informação e disseminar a verdade no estado.

Local: Canal do MPF no YouTube (<https://www.youtube.com/canalMPF>)

- Saiba quais são as instituições signatárias:
- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar)
- Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)
- Procuradoria Geral de Justiça, pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP/RS)

- Procuradoria da República no Rio Grande do Sul (PR/RS) – MPF
- Procuradoria Regional da República na 4ª Região (PRR4) – MPF
- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCS-PA)
- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Para mais informações sobre o evento, acesse: <https://bit.ly/36O2413>.

Também tem combate à desinformação no Governo de São Paulo

Desde o início da pandemia, os comunicadores públicos do Governo do Estado de São Paulo vêm fazendo intenso trabalho de combate às *fake news*.

O portal [SP Contra o Novo Coronavírus](#) reúne todo o material apurado e publicado durante a pandemia. Esse trabalho envolve também o time de imprensa do governo, que utiliza os materiais e ajuda na apuração do conteúdo, além de pautar veículos de checagem.

Desde o início do projeto foram desmentidas ou esclarecidas 124 notícias falsas. Além disso, o serviço é considerado um pilar importante em todas as redes da organização, tanto na questão do conteúdo quanto no SAC.

No site constam diversas informações além das checagens,

como a cartilha de orientação para identificação de *fake news* e outros informativos.

E no Rio Grande do Sul tem iniciativa começando e que vale a pena acompanhar

Estamos falando do evento online *Como enfrentar a desinformação em Saúde? Construindo soluções em rede*, neste dia 8 de abril.

A ação marca a criação da Rede Interinstitucional de Enfrentamento da Desinformação em Saúde, que reunirá oito instituições públicas sediadas no Rio Grande do Sul para assinatura do termo de cooperação.

São três universidades federais, dois institutos federais de educação e três unidades do Ministério Público brasileiro, unidas para enfrentar o fenômeno da desinformação em saúde e seus impactos sobre os direitos dos ci-

Orientar sobre golpes também é uma forma de combater a desinformação em Minas Gerais

De acordo pesquisa da Serasa Experian, no primeiro semestre de 2021 foram registradas cerca de 1,9 milhão de tentativas de golpes financeiros, como o falso empréstimo.

No mesmo ano, o Ministério Público de Minas Gerais publicou a campanha *Golpe do falso empréstimo*. O portal no site do MP orienta sobre como funciona e como evitar esse tipo de golpe, em que criminosos fazem anúncios na internet e em redes sociais como se fossem empresas de crédito rápido, com ofertas de empréstimos bem tentadoras.

Por meio de cartilha, o órgão também orienta a sociedade sobre o que fazer em caso de se tornar vítima do golpe.

Confira a campanha [aqui](#).

Conhecimento é arma essencial na guerra contra a desinformação

Como identificar boatos? O

Projeto Comprova, iniciativa colaborativa contra a desinformação, acaba de lançar no Brasil a versão em português do *MediaWise for Seniors*. Trata-se de um programa de educação midiática voltado para adultos, especialmente aqueles com mais de 50 anos.

O minicurso será aplicado por WhatsApp e a visa ajudar pessoas nessa faixa etária a lidarem com a desinformação, entendendo como diferenciar boatos de informações verdadeiras.

O curso é gratuito e para participar basta ter uma conta no aplicativo WhatsApp. As aulas são conduzidas pelos jornalistas **Lillian Witte Fibe** e **Boris Casoy**, embaixadores do programa no Brasil.

Como funciona: as inscrições podem ser feitas pelo site do [Comprova](#), pelos próximos 12 meses. Os participantes receberão lições diárias, por vídeos e mensagens de texto com instruções e técnicas fáceis para identificar conteúdos suspeitos e fazer verificações básicas.

8 DE ABRIL
COMO ENFRENTAR A DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE?
Construindo soluções em rede
CANAL DO MPF NO YOUTUBE

13h30
Criação da Rede Interinstitucional de Enfrentamento da Desinformação em Saúde

14h15
Webinar com Raquel Recuero (UFPEL) e Thaiane Moreira de Oliveira (UFF)

De ouvinte a lenda do rádio paulistano

Por Álvaro Bufarah (*)

Um jovem reconhecido pela família como tímido, mas muito inquieto intelectualmente, tinha como caminho ir para o Direito. Mas, como era um ávido ouvinte e participante da programação da Rádio Bandeirantes, acabou também se inscrevendo para um novo curso da Escola de Comunicação e Artes da USP. Enfim, **Luiz Fernando Magliocca** entrou no curso de Direito do Mackenzie e no curso de Rádio e TV da Universidade de São Paulo. Claro que a comunicação o arrebatou de vez, dando-nos um dos mais criativos produtores do rádio brasileiro.

Tudo começou quando o garoto Fernando, como era chamado pela família, passou a discar os números da Rádio Bandeirantes AM



Luiz Fernando Magliocca

para participar da programação e ganhar prêmios. Segundo ele, chegou a criar uma relação de amizade com Dona Odete, a telefonista da emissora, que ainda ficava na Rua Paula Souza, 81, no centro de São Paulo.

Fernando conta que ficava pronto ao lado do aparelho telefônico (daqueles ainda em baquelite) aguardando o momento de completar a ligação. Ligava e entrava no ar. Ficou tão habituado a completar as liga-

Embora chateado, Fernando ainda ficava em casa com uma régua do Estadão servindo de microfone e a mão em concha na orelha imitando os locutores da Bandeirantes.

Depois desse banho de água fria, Magliocca não desistiu e ainda começou a fazer "bailinhos". Ele pegava as músicas que tocavam nas rádios, gravava em fitas de rolo e as levava para as festinhas no seu gravador portátil. A sequência normal foi criar uma banda com amigos e primos, chegando a participar do *Encontro Nacional da Jovem Guarda* e fazer alguns shows pelo interior.

Nesse período, Magliocca já fazia um cursinho de Direito para entrar na faculdade e seguir carreira. Foi quando ouviu falar que iriam abrir uma escola nova na área de comunicação.

Interessado, o rapaz acabou fazendo e sendo aprovado nos dois vestibulares, chegando a iniciar os dois cursos simultaneamente. Mas, acabou pesando sua vocação para as comunicações. O jovem trancou o curso de Direito ficando na primeira turma da ECA-USP.

No decorrer do curso, continuou a mexer com música, som, e ainda de olho no rádio. Foi então que o curso novo de comunicação precisava

de um especialista em áudio. Embora o mercado tivesse ótimos profissionais, nenhum tinha graduação, o curso mínimo exigido para dar aulas na faculdade. Nesse momento, os alunos sugeriram que Magliocca assumisse a vaga. Indicação aceita



ções que um dia recebeu um telefonema do diretor da Bandeirantes, **Humberto Marçal**, pedindo para que não ligasse por pelo menos 15 dias... É que já estavam achando que ele era "protegido" de alguém. Até hoje Luiz Fernando se recorda do número da rádio: 3663-6263.

Quando tinha uns 16 anos, estava girando o dial no seu radinho e achou outra emissora com uma voz conhecida. Era **Lourival Pacheco**, na Rádio América. Ficou tão surpreso que ligou para Dona Odete e disse:

– Dona Odete, a Rádio mudou de lugar!!!

Ela riu e disse que, como a América era do mesmo grupo, alguns apresentadores faziam jornada dupla. Pela manhã, estavam na Bandeirantes e à tarde na América, ou vice-versa.

Lá eles tinham um programa chamado *Responda se Puder* e o garoto Fernando passou a organizar fichas com a ajuda da mãe para participar. Entre idas e vindas, ficou amigo do apresentador, Lourival Pacheco.

Falando com o radialista, sugeriu que fizessem uma festa de fim de ano do programa. E não é que deu certo? Magliocca emprestou sua própria casa para uma reunião/festa dos ouvintes do programa. Aproximadamente 50 pessoas foram à rua da União, 92.

A proximidade com Pacheco rendeu uma conversa séria. Um dia, o radialista disse ao jovem Luiz Fernando: "Sei que você quer ser locutor de rádio, mas não tem voz para isso. Desiste que é melhor".

pelo diretor do curso, que fez do jovem Luiz Fernando o novo professor de *Técnicas de som e sonoplastia*.

Passado o impacto do convite, o jovem foi estudar por conta para poder ministrar as aulas. Fez curso de didática para o Ensino Superior e depois de formado voltou a ser professor da Universidade de São Paulo. Foi assim que nasceu um brilhante e exigente professor de rádio.

Em paralelo, um dia, o jovem aluno/professor estava na faculdade e foi convidado a participar de um pequeno teste para uma vaga na TV Cultura de São Paulo. Passou e foi contratado como estagiário, mas sem salário.

Trabalhando na emissora pública de São Paulo, Magliocca teve uma ideia: fazer um programa de música jovem, pois a TV tinha outros voltados para os "adultos", com um perfil mais clássico.

Aproveitando que tinha um bom relacionamento com os divulgadores de discos das gravadoras, Magliocca fez um projeto e propôs à casa o *TV2 Pop*, um programa que apresentava filmes de 16 mm com trechos de shows de grandes artistas. Foi o primeiro programa de cliques da TV brasileira e um sucesso total. O programa entrava no domingo, logo após o programa *A Hora do Esporte*, de **Orlando Duarte** e **Luiz Noriega**.

"Então, com isso, aquilo pegou fogo. Deu muita, muita repercussão. Eu garanto que, se naquele tempo já houvesse essa possibilidade de apoio cultural, nosso programa seria um dos primeiros a receber", afirma Luiz Fernando.

O sucesso foi tanto que um dia tocou o telefone. Era alguém procurando falar com um tal de Luiz que era produtor do programa *TV2 Pop*. Era **Valter Guerreiro**, diretor da Jovem Pan de São Paulo. Ele chamou Magliocca para uma conversa no estúdio de sua produtora, na Alameda Campinas. Lá convidou o jovem produtor para fazer um programa igual ao da TV, só que para o rádio.

Hesitante, Luiz Fernando disse que não saberia fazer. Mas, o radialista insistiu.



T2 pop
Vshow

"Tira o vídeo e acha um jeito de contar aquelas histórias", disse ele.

Hoje Magliocca comenta: "Era algo inusitado. Até porque seria uma cópia de mim mesmo". O programa era gravado, na capital paulista, e enviado para emissoras do interior do Estado.

Nesse período, aconteceu um encontro curioso. Luiz Fernando estava acompanhando a gravação na técnica do estúdio, ao lado de **Paulinho Coragem**, operador de áudio de primeira linha, quando o locutor errou um nome do roteiro. O então produtor Magliocca foi até ele e fez a correção necessária. Em vez de o veterano **Antonio Celso** discutir, acabou virando amigo do jovem. Foi assim que, alguns meses depois, Celso convidou Luiz Fernando para ir fazer o programa na Rádio Excelsior de São Paulo.

Então, ele dava aulas pela manhã na ECA/USP, à tarde ia para TV Cultura e à noite trabalhava na Rádio Excelsior. Nesse ritmo, acabou ficando cansado e pediu demissão da rádio, à contragosto da direção. A intensão era descansar.

Era julho, estava em recesso das aulas e foi para o Guarujá, na casa de um tio. De repente, recebe a vista do pai, que trazia um recado. "Na segunda, você tem uma reunião na Afonso Bovero, 52". Sede da Rádio Difusora, a maior concorrente da Excelsior. Chegou lá, na data e hora agendadas e descobriu que estava sendo nomeado diretor artístico da emissora. Aceitou e continuou no meio radiofônico, inovando novamente na programação.

da emissora, que se tornou a única rádio a fazer a parceria com o grupo Menudo. Foi um estouro.

O mesmo diretor do grupo JB, Nelson Batista, chamou Magliocca e disse: "Olha, estamos negociando outra emissora em São Paulo". A nova rádio, inicialmente, era para tocar uma programação feita no Rio e apenas reproduzida na capital paulista. Conceito que desagradou a Luiz Fernando. Franco e objetivo, retrucou com o diretor: "Não vou ser diretor de tráfego de uma emissora. Se quiser, eu faço uma nova programação aqui".

Em um final de semana, metido em sua discoteca, Magliocca fez uma seleção de músicas e criou um conceito de emissora para o grupo. Assim, nasceu a "89, a rádio Rock". Outro case de sucesso.

Depois de fazer história na Rádio Cidade e na 89, Luiz Fernando acabou saindo do País para morar nos Estados Unidos, onde trabalhou com produção em estúdios norte-americanos. Diga-se de passagem, que a discoteca dele tinha mais de 23 mil discos, que foram vendidos quando ele se mudou para os "States".

Ao voltar, recebeu uma nova proposta: agora era um empresário argentino que precisava de um diretor para uma rádio para adolescentes. Entre idas e vindas, foram muitas conversas e uma sabatina digna de CEO de multinacional. Mas, Magliocca aceitou a empreitada. E lá foi ele ajustar a recém-inaugurada Rádio Disney na capital paulista. Mais um sucesso na carreira da Luiz Fernando.

De tantas experiências, Magliocca afirma algo simples, mas muito

Luiz Fernando Magliocca não sabe explicar de onde vêm as suas ideias, mas acredita que saiam de uma luz "lá de cima". Segundo ele, seu cérebro trabalha à noite e pela manhã acorda com uma frase de efeito, uma ideia para um programa, um slogan etc.

Sua genialidade chamava atenção de diretores e proprietários de emissoras. Foi assim que, um dia, trabalhando na Difusora e dando aulas na USP, recebeu uma ligação.

Era **Nelson Batista Neto**, diretor da Rádio Jornal do Brasil, convidando Magliocca para ser o diretor da emissora paulista do grupo. Naquele momento, o produtor não aceitou, mas manteve contato. Até que algum tempo depois a proposta deu certo e Luiz Fernando foi dirigir a Rádio Cidade de São Paulo. Outro case de comunicação, pois a emissora foi a primeira em audiência por anos, tornando-se uma referência no dial da capital paulista.

Entre os vários sucessos, Magliocca conta que um dia estava no corredor quando um dos divulgadores de uma gravadora passou e disse: "Olha, estamos lançando um grupo no Brasil. Vocês não querem tocar?". E apresentou um LP para o diretor da Rádio Cidade.

Magliocca conta que ouviu o disco, achou interessante e logo fez a proposta de exclusividade. O divulgador ficou atônito, mas acabou concordando. Foi assim que nasceu uma das mais felizes parcerias



forte: "Pesquisa ajuda, pesquisa te dá caminhos. Mas rádio não é um produto comum. Rádio é *feeling* e sensibilidade. É comunicação. Se você não souber fazer isso, pode fazer o que quiser com as pesquisas. Rádio é uma coisa que não pode ser vista como unidade de negócio. Simplesmente assim. Ela é uma unidade de negócio dentro de um grande conglomerado".

Perguntado se aceitaria outro desafio para criar ou transformar uma emissora, Magliocca sentenciou: "Eu vou sempre buscar alguma coisa que não tem e vou começar a fazer algo. Esse é um truque que pode ajudar as pessoas. Quando você começa a fazer algo que é diferente, você chama a atenção".

Você pode ler essa história no [Blog RadioFrequencia](#). E ouvir a íntegra da conversa no [podcast do RadioFrequencia](#).



(*) Jornalista e professor da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e do Mackenzie, pesquisador do tema, integra um grupo criado pela Intercom com outros cem professores de várias universidades e regiões do País. Ao longo da carreira, dedicou quase duas décadas ao rádio, em emissoras como CBN, EBC e Globo.

O MELHOR E
MAIOR MAILING
DE IMPRENSA
DO BRASIL!

Crie sua proposta
online em
www.i-maxpr.com

11 98755-0017



PRECIOSIDADES do Acervo ASSIS ÂNGELO

De como o assassinato de um jornalista leva à queda de um imperador

Por Assis Ângelo

Um tiro de bacamarte quebrou o silêncio da rua Nova de São José, no centro da Capital da província de São Paulo.

Era noite e era sábado.

Uma lua bonita, Cheia, pendurada no céu, espriava seus raios alumando os poucos logradouros até então existentes. Naquele tempo, as poucas ruas da Capital da província eram muito mal iluminadas. Havia apenas 24 lâmpioes espalhados nas ruas, becos e vielas.

O vento frio, primaveril, batia na cara dos transeuntes que se atreviam a permanecer mais tempo fora de casa, insones.

Em seguida ao tiro, ouviram-se um "Ai!" e o barulho de passos apressados de pessoas que fugiam. Eram três homens, aparentemente de origem alemã.

O estudante Emiliano Fagundes Varela, do curso de Direito do Largo de São Francisco, foi a primeira pessoa a correr ao local de

onde partiu o tiro e a acudir a vítima. Colegas seus o seguiram e logo descobriram que o atingido pelo disparo de arma de fogo era **Giovanni Battista Libero Badaró**, médico e jornalista fundador e principal redator do jornal bissemanal O Observador Constitucional, de linha política liberal.

Badaró foi atingido à queima roupa, no baixo-ventre. E desabou num baque surdo, esvaindo-se em sangue.

Ainda na cena do crime, a vítima conseguiu dizer que se lembrava de três alemães. Um deles de chapéu.

Essa é a história que se lê nos poucos livros escritos a respeito, até agora.

Essa também é uma história que começa em 1826, quando Libero Badaró chega ao Rio de Janeiro procedente da Itália, onde nasceu. Tinha 28 anos. Seu desejo era ampliar conhecimentos no campo da Botânica, especialmente. Estudara em Turim, Bolonha e Gênova.

De família abastada, tinha tudo e muito mais do que alguém pudesse desejar.

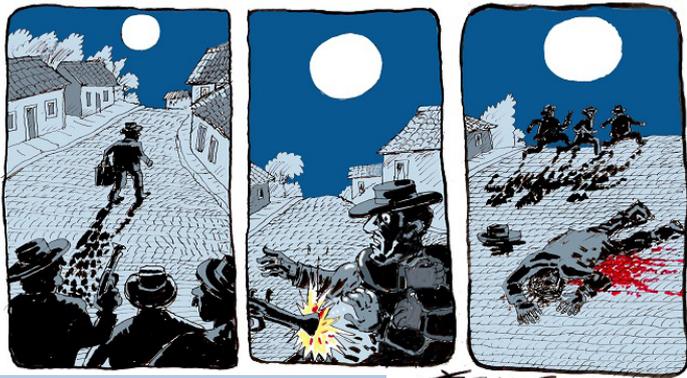
O pai, Andrea, foi um médico e intelectual de ideias livres. Liberal, em outras palavras.

No Rio, o jovem Badaró logo fez amizade com os intelectuais do naipe de **Evaristo da Veiga** (1799-1837).

Evaristo, respeitadíssimo intelectual de sua época, foi fundador e editor do jornal Aurora Fluminense.

Badaró era muito comunicativo. Falava fluentemente, além da língua-mãe, francês e inglês. Em pouco tempo, dominou o português e no começo de 1828 trocou o Rio por São Paulo, à época com cerca de 20 mil habitantes.

Em São Paulo conhece e hospeda-se na casa do baiano **José da Costa Carvalho** (1796-1860), fundador do jornal O Farol Paulistano.



A morte de Badaró, por Fausto Bergocce

O Farol, de linha liberal, inaugurado no dia 7 de fevereiro de 1827, foi o primeiro jornal da Capital da província de São Paulo. Durou até o final da primeira parte de 1832.

Em suma, diga-se com todas as letras: foi um baiano o criador da imprensa de São Paulo.

Já em casa, levado pelos estudantes, Badaró morreria 24 horas depois do atentado. Mas insistia: sabia que os desconhecidos que o atacaram eram alemães, pois falavam essa língua.

De fato, constatou-se depois que Badaró tinha razão. Mas só um dos criminosos, de nome Henrique Stock, foi preso e levado a julgamento. Primeiro na província de São Paulo. Depois no Rio de Janeiro. No Rio, foi absolvido.

Todos os caminhos, até aqui conhecidos, levam a um mandante do crime: Cândido Ladislau Japiassú, ouvidor-geral da província de São Paulo e inimigo nº 1 de Badaró.

Badaró virou inimigo de Japiassú quando passou a chamá-lo de ignorante e inimigo do povo. E dizia isso, com clareza, nas páginas do seu jornal.

mandante do crime de que fora vítima era Japiassú. E disse mais, convicto do seu fim: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade".

Essa última fala de Badaró está reproduzida na matéria que começa na primeira e termina na segunda página do jornal que fundara, edição de 26 de novembro de 1830.

Curiosidade: na primeira edição de O Observador Constitucional, Badaró já dizia que "não devia vegetar no Brasil a planta do despotismo", mostrando com clareza o seu perfil de homem livre.

Depois, na edição de 17 de setembro 1830, ele diz, prevendo o seu fim:

... altamente declaramos que não temos o menor medo de ameaças. Aconteça o que acontecer, a nossa vereda está marcada e não nos desviamos dela: não há força no mundo que nos possa fazer dobrar, senão a da razão, da justiça e da lei. Estamos em face do Brasil e para servi-lo daremos por bem empregada a vida. A opinião pública está bem fixa a respeito de certa gente; qualquer atentado lhe será imputado, e ficarão com um crime a mais, sem que isso acabe com os públicos escritores...

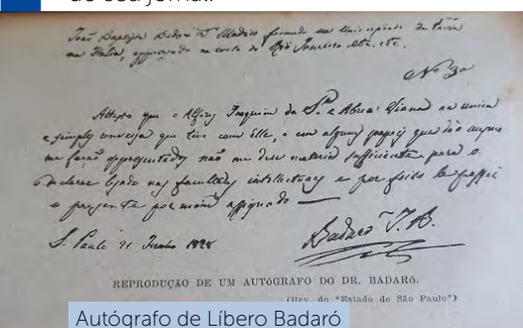
E tinha razão.

Em sessão especial da Câmara de Vereadores da Capital da província de São Paulo, realizada no dia 20 de dezembro de 1830, o nome do ouvidor Japiassú voltou à baila:

...Os membros desta Câmara asseveram que o Ouvidor denunciado é o autor desse crime, porque estão tão certos disso, assim como estão da sua existência. Deixando, pois, chicanas, e desdenhando a censura de pretendidos apáticos que exigem a frieza do gelo em todas as peças oficiais, a Câmara muito pelo contrário, sendo como é composta de cidadãos, que ou nasceram debaixo do ameno clima

Japiassú, por sua vez, via em Badaró um inimigo que precisava ser aniquilado, o mais rápido possível.

No leito de morte, o fundador do jornal O Observador Constitucional disse mais de uma vez, para quem quisesse ouvir, que o



REPRODUÇÃO DE UM AUTÓGRAFO DO DR. BADARÓ. (Foto do "Estado de São Paulo")

Autógrafo de Libero Badaró



paulistano, ou a ele ligaram sua existência, clama vingança e invoca o Brasil inteiro contra o malvado que veio a ludibriar sua pátria, assassinar seus concidadãos, e fez quanto pôde para torná-la o teatro da guerra civil, da carnagem, e da assolação.

Usando do foro privilegiado a que tinha direito, o ouvidor Candido Ladislau Japiassú escapou ileso das acusações. Sequer foi a julgamento.

Os restos mortais de Giovanni Battista Libero Badaró, trasladados da Igreja do Carmo, estão no cemitério paulistano da Consolação.



Túmulo de Libero Badaró

No dia do traslado, em 1889, foi distribuída a quem esteve presente uma litografia retratando o perfil de Badaró.



Medalhão do túmulo de Libero Badaró

Não custa lembrar que foi ele o primeiro jornalista a ser assassinado por defender suas ideias no jornal que fundou. Foi ele também o primeiro a falar a respeito de liberdade de imprensa. Exemplo:

Muitos já disseram e muitos repetirão: que a liberdade de imprensa era a alma de qualquer governo fundado sobre direitos e não sobre força; mas também muitos não o entenderam ou fizeram mostra de não entender e continuaram a vociferar, que tudo se não devia dizer, que ninguém se devia meter nos negócios do governo, que os empregados, bons e maus, se deviam respeitar por causa da boa ordem e do sossego, e mil outras cousas tão mesquinhas como estas, que descubrem o fraco destes tais e confirmam admiravelmente o ditado "que o pior surdo é aquele que não quer ouvir"...

...De todas as garantias que o pacto social concede aos cidadãos, parece-nos, que a liberdade inteira de publicar os seus pensamentos (salvo responder pelos abusos) seja aquela a quem menos se deve atacar; por isso que em certa maneira é o guarda de todas as outras. Um governo que queira o bem dos povos, já temos indicado quanto precisava desta liberdade, principalmente em um país aonde tudo há de se fazer ou modificar, e onde as leis para serem eficazes, devem ser não somente boas, mas também conformes ao voto geral. É por isso que a liberdade de imprensa torna-se a melhor garantia do governo, quando as suas operações não são escondidas e tenebrosas, pois que tendo sido discutidas, examinadas pela nação e adotadas aquelas que mais com o voto dela se conformam, ela tem um interesse particular de sustentar a sua obra e de repelir qualquer ataque que se tencionasse fazer-lhe. Mas, pelo contrário, quando tudo se faz às escondidas, quando o cidadão ignora o motivo e a utilidade das medidas do governo, quando vê os inconvenientes sem ver as vantagens, então se entregará às desconfianças, às maquinações, deixando-se facilmente seduzir pelos hipócritas, que, vociferando continuamente as vantagens do povo, querem somente pescar nas águas turvas...

A morte de Libero Badaró foi morte anunciada, como se vê.

O dia 7 de abril é o *Dia do Jornalista*.

Esse dia é, também, o dia em que foi fundada a Associação Brasileira de Imprensa, em 1908.

O fundador dessa Associação foi o jornalista **Gustavo de Lacerda** (1854-1909). Socialista, negro e pobre. E assim morreu no dia 4 de setembro de 1909.

Lacerda criou a ABI, inicialmente chamada de Associação da Imprensa dos Estados Unidos do Brasil, com o propósito de dar garantias trabalhistas a seus associados.

A data de criação da ABI tem nada a ver – ou se tem, é muito pouco – com Libero Badaró. Não custa lembrar, porém, que foi no dia 7 de abril de 1831 que o Imperador Pedro I abdicou da coroa em favor do filho, Pedro II.

A renúncia à coroa de Pedro I tem a ver com a repercussão extraordinária da morte de Giovanni Battista Libero Badaró.

Badaró era radicalmente a favor do liberalismo e contra o obscurantismo de Pedro I.

Curiosidade: o jornalista **Barbosa Lima Sobrinho** (1897-2000) foi o sétimo presidente da ABI, por duas vezes consecutivas: 1926 a 1929 e 1930 a 1932.

Herbert Moses, que substituiu a Lima Sobrinho, permaneceu à frente da ABI até 1964. Nesse período, recebeu todas as benesses do poder vigente. Em contrapartida, fez do presidente Getúlio Vargas

sócio benemérito da ABI. Uma vergonha para muitos jornalistas.

Isso é história.

Ah! Emiliano Fagundes Varella viria a ser o pai do poeta fluminense Fagundes Varella, autor do poema *O Exilado*:

*...O exilado está só por toda a parte!
Passei tristonho dos salões no meio,
atravessei as turbulentas praças
curvado ao peso de uma sina escura;
as turbas contemplaram-me sorrindo,
mas ninguém divisou a dor sem termos
que as fibras de meu peito espedaçava.
O exilado está só por toda a parte!*

*Quando, à tardinha, dos floridos vales
eu via o fumo se elevar tardio
por entre o colmo de tranquilo albergue,
murmurava a chorar: – Feliz aquele
que à luz amiga do fogão doméstico,
rodeado dos seus, à noite, senta-se.
O exilado está só por toda a parte!...*

Em homenagem ao fundador do jornal O Observador Constitucional, escrevi *Hino a Badaró*. Este:



Libero!
Libero!
Oh! Libero

Libero!
Libero!
Oh! Libero

O teu nome virou marca
Da imprensa, da verdade
E da luta de quem luta
Pela paz e liberdade!

Como jornalista lutaste
Desassombadamente
Defendendo nossa Pátria

Nossa terra, nossa gente
Mas isso teve um preço
Que pagaste com a vida
A bala que te matou
Deixou a terra ferida

Com firmeza declaraste
Antes de virar saudade
Que morria um liberal
Mas jamais a liberdade

Libero!
Libero!
Oh! Libero
Libero!
Libero!

Oh! Libero
O teu nome virou marca
Da imprensa, da verdade
E da luta de quem luta
Pela paz e liberdade!

Foto e reproduções de Flor Maria e Anna da Hora.

(Nota da Redação – Assis Ângelo afirma que essa história do assassinato de Libero Badaró ainda pode ser investigada, o que ele, cego, infelizmente, não tem condições de fazer. Mas lança o desafio a algum dos associados da Abraji.)



Litografia de Libero Badaró

Contatos pelos assisangelo@uol.com.br, <http://assisangelo.blogspot.com>, 11-3661-4561 e 11-985-490-333.

Sudeste

São Paulo

■ A repórter fotográfica **Gabriela Biló** anunciou em 1º/4 que deixou o jornal O Estado de S.



Guilherme Magna

Paulo, onde atuava em São Paulo e Brasília. Ela assinou com a Folha de S.Paulo, e já está focando na cobertura das eleições de outubro.

■ **Adriana Araújo** estreou em 4/4 no comando do *Boa Tarde, São Paulo*, novo telejornal da Band, que vai ao ar de segunda a sexta, das 14h às 14h30.

■ **Guilherme Magna** está se despedindo do R7 para apostar em um novo projeto pessoal. A partir de 10/4 ele passará a comandar o Troca de Marchas, site com foco

em avaliação de lançamentos e seminários, que contará com versões para Instagram, TikTok, YouTube. Os novos contatos dele são 11-98600-8988 e guilherme@trocademarchas.com.br.

Curtas-SP

■ Nesta quinta-feira (7/4), **Luiz Frias** (Grupos Folha e UOL) vai proferir a *Aula Magna de Jornalismo de 2022* no Centro Universitário Faap. O encontro será a partir das 11h e é reservado aos alunos da instituição.

■ Para celebrar o *Dia do Jornalista*, o *Troféu Audálio Dantas* será entregue neste sábado (9/4) a representantes do **Julian Assange** e aos jornalistas do Consórcio de Veículos de Imprensa. A cerimônia também marcará uma homenagem ao artista plástico **Elifas Andreato**, [falecido na última semana](#). A partir das 11h, na Praça Memorial Vladimir Herzog (Rua Santo Antonio com Praça da Bandeira, atrás da Câmara Municipal de São Paulo).

Rio de Janeiro

Yduqs compra a Folha Dirigida

■ Em março, o jornal Folha Dirigida vendeu sua marca por R\$ 5,45 milhões, segundo informação do Valor Econômico. O comprador foi a empresa **Yduqs**, dona da plataforma QConcursos, uma edtech, como são conhecidas as empresas de tecnologia voltadas para educação.

► A operação do jornal foi extinta, a sede foi esvaziada e o letreiro retirado do alto. Especializada em educação, concursos públicos e empregos, a Folha Dirigida esteve por 37 anos no mercado. Conforme **Patrícia Lima**, no Diário do Rio, o fundador **Adolfo Martins** começou a carreira como

repórter no Diário de Notícias. Em 1998, comprou a sede em que a Dirigida ficou conhecida, e que abrigara o mesmo Diário de Notícias. Na rua do Riachuelo 114, o prédio tem sete andares, com cerca de 9 mil m², e leva o nome do ex-presidente da ABI **Barbosa Lima Sobrinho**.



De volta ao dial, Rádio Cidade celebra 45 anos

■ A rádio Cidade, que passou um ano apenas nos canais digitais, volta ao dial, agora no 106,5 FM, com sede em Miguel Pereira, para a região metropolitana do Rio de Janeiro. Para comemorar seus 45 anos em atividade, a

emissora tem o plano de formar uma rede estadual que iniciou as atividades na semana passada (1º/4), começando pela cobertura da Baixada Fluminense. A Cidade pertence ao grupo JB FM.

■ Quando esteve voltada exclu-

sivamente para o formato virtual, fez investimentos nas plataformas de distribuição – como o aplicativo móvel, com quatro rádios *streaming*. Fez também parcerias para a cobertura de grandes eventos, como o *Lollapalooza*, e a promo-

ção do *Rock in Rio*, do qual é *media partner*. Na reestreia em FM, terá apresentações exclusivas de estrelas do rock. Para os fãs do gênero, a emissora adotou, para eventos especiais, a Praça do Ó, na Barra da Tijuca, *point* do skate no Rio.

Eliane Benício apresenta o Repórter Brasil

■ **Eliane Benício** começou esta segunda-feira (4/4) como apresentadora da edição vespertina do *Repórter Brasil*, na TV Brasil. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feiras, às 12h15, e tem 45 minutos de duração. Ancorado do Rio, conta com a participação das equipes da EBC de Brasília e São Paulo, com links ao vivo das três cidades.

► O programa reúne as principais

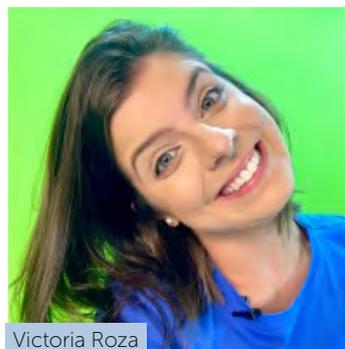
notícias do dia com linguagem leve e informal, combina reportagens e entrevistas com temas atuais, notícias de várias partes do Brasil e destaques do noticiário internacional, além de análises de economia e conteúdo de esportes olímpicos e paralímpicos, com a participação de comentaristas. Oferece ainda tradução simultânea em Libras.

► Eli Benício, como era conhecida na rádio Roquette-Pinto, deixa a emissora em que esteve por mais de um ano e volta para a TV. Na Roquette, criou e apresentou o programa *Papo reto*, que amplificava a voz das favelas, periferias e comunidades do Estado do Rio. Antes, foi de TV Escola, canal Futura e EBC.

E mais...

■ **Victoria Roza** vai para a rádio Mix. Ela esteve por um ano no programa *Hora do blush*, na Sul América Paraíso, onde será substituída por **Daniela Holanda**, que era da Antena 1. Victoria começou como estagiária na Tupi e já foi da Antena 1.

■ O Sindicato dos Jornalistas do



Victoria Roza

Município convoca os jornalistas filiados para uma assembleia que vai escolher a Comissão Eleitoral, encarregada de organizar as próximas eleições sindicais para renovar a Diretoria, o Conselho Fiscal e a Comissão de Ética no triênio 2022 a 2025. Ela está marcada para a próxima segunda-feira (11/4), em formato virtual pela plataforma Zoom, às 18h30. Associados em dia com as mensalidades podem se inscrever pelo e-mail sindicato-rio@jornalistas.org.br até as 12h do mesmo dia.

Pingos nos is – ■ **Cadu Freitas**, homenageado no *Prêmio Ubuntu de Cultura Negra 2022*, tem o canal *Razão social* (@razaosocial) e um programa com o mesmo nome na rádio Roquette-Pinto.



Eliane Benício

Sul

■ Após três anos, **Bárbara Assmann** anunciou sua saída da Rede Pampa. A jornalista ingressou na emissora em fevereiro de 2019, como estagiária do portal O Sul, mais tarde foi convidada a assumir as redes sociais da rádio Grenal e, no final de 2020, foi efetivada como repórter. Ultimamente era apresentadora do *Jornal da Pampa*, além de fazer participações esporádicas no *Atualidades Pampa*. Em seu lugar no comando do *Jornal da Pampa* foi confirmada **Suelynn Scheffer**.

■ Após voltar de férias, **Voltaire Porto** foi desligado da Record TV RS, onde apresentava o *Cidade Alerta*. A emissora confirmou a saída. O programa passa a ser apresentado temporariamente por **Vanessa Pires**.

■ **Tiago Bitencourt** assumiu o comando do *Gaúcha Hoje*, após 17 anos de casa, no lugar de **Jocimar Farina**. Jocimar, que apresentou o programa durante nove anos, despediu-se do espaço e dos ouvintes. Ele segue

na reportagem rádio Gaúcha e com sua coluna sobre mobilidade urbana em GZH.

Comunicação Corporativa-RS

■ A Critério – Resultado em Opinião Pública anunciou a promoção de **Antonio Felipe Purcino** ao cargo de *head* de Conteúdo Estratégico.

Curtas-RS

■ O apresentador e colunista **David Coimbra** está afastado temporariamente de rádio Gaúcha, GZH e Zero Hora para tratar de dores na coluna. Enquanto se recupera, **Kelly Matos** e **Luciano Potter** seguem no comando do programa *Timeline* e colunas marcantes de sua trajetória são republicadas no espaço que escreve em Zero Hora.

■ Estreou em 31/3, na Rede Sul, o *De bem com a vida*. O programa, que vai ao ar a partir das 22h, é voltado para o público com mais de 50 anos, com foco em vida saudável e apresentação de **Cris Fortte**.

■ **Carlos Guimarães** lançará ainda esse ano uma biografia de **Ruy Carlos Ostermann**. O projeto é encabeçado pelo Foothub e pela filha de Ruy, a também jornalista **Cristiane Ostermann**. Para a produção do livro, foram entrevistadas mais de 30 pessoas. Ao Coletiva.net, Carlos adiantou algumas novidades da obra. [Confira!](#)

■ Alunos do Laboratório do curso de jornalismo da PUC-RS produziram reportagens para o [Sul21](#), veículo de jornalismo independente de Porto Alegre. As matérias foram produzidas para a editoria de Mobilidade Urbana, com foco em acessibilidade, gênero e corte de isenções.

■ O Destemperados, do Grupo RBS, comemora 15 anos de existência com edições especiais sobre movimentos do segmento que fizeram parte da história do Estado, contando a história da trajetória gaúcha. Os especiais da plataforma, liderada por **Diogo Carvalho** e **Lela Zaniol**, terão entrevistas com personalidades do setor, listas de lugares para comer,

análise da experiência nesses espaços, e receitas feitas em parceria com as localidades destacadas. As edições serão publicadas ao longo de 2022.

■ A GZH lançou a série *Por Dentro de GZH*, que mostra os bastidores da produção de notícias, rotina e os profissionais que atuam em GZH, rádio Gaúcha, Zero Hora e Diário Gaúcho. Ela pode ser acessada no site de GZH ou nas redes sociais (@gzhdigital).

■ **Francine Malessa** e **Mariana da Rosa**, diretoras da Alterit Consultoria de Comunicação e Diversidade, promoverão de 9 a 12/4 a segunda edição do curso de extensão *Introdução à Diversidade e Inclusificação*.

► Aberta ao público geral e com desconto especial na inscrição para alunos e ex-alunos da Unisinos, a qualificação, totalmente online, das 17h30 às 19h30, abordará conceitos básicos sobre diversidade, inclusificação, feminismos, LGBTQIA+, racismo estrutural e capacitismo. A inscrição pode ser feita no [site](#).

Nordeste



Ceará (*)

■ A Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Estado do Ceará (Apcdec) inicia as comemorações de seus 72 anos de fundação com a entrega do "Oscar do Desporto Cearense" para 35 cronistas esportivos, nesta sexta-feira (8/4): **Edilson Alves, Sérgio Ponte, Colombo Sá, Cid Carvalho, Júlio Sales, Wilton Bezerra, Gomes Farias, Alan Neto, Daniel Campelo, Bosco Farias, Moraes Filho, Jota Luiz, Carlos Torres, Moura Pinto, Kilmer de Campos, Danilo Queiroz, Miguel Júnior, Lauriberto Braga, Leandro Serpa, Vicente Alencar, Messias Alencar, Moesio Loiola, Sílvio Carlos, Carlos Alberto Farias, Vilar Marques,**



Jussie Cunha e equipe

Tom Barros, Adelino Augusto, Pepo Melo, Cauby Chaves, José Ivo Magalhães, Delton Sá, Chico Carloto, Sousa Filho, Vavá Maravilha e Océlio Pereira.

■ Aliás, a Apcdec acaba de lançar a campanha *Lugar de repórter esportivo é no campo*, em protesto à proibição da entrada de repórteres nos gramados de Fortaleza.

■ Equipe da TV Jangadeiro comandada por **Jussie Cunha** cobriu a final da Copa do Nordeste 2022, na Arena Castelão.

■ **Andson Lima**, da TV Cidade, estagia na Record TV em São



Andson Lima



Eriene Firmino

Paulo.

■ **Eriene Firmino** é a nova professora de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

■ **Lucas de Paula**, ex-O Povo e Capuchino Press, está agora na Genários Comunicação.

■ Ampliando seu portfólio de clientes com presença regional e



Lucas de Paula

nacional, a AD2M Comunicação passa a atender à consultoria Barros Soluções em Gestão, fundada pelo professor e consultor Valdemar Barros, e à CMM Engenharia, dos sócios e engenheiros civis Marcelo de Castro, Adalberto Mota Machado e Artur de Albuquerque Neto, para a campanha de 25 anos da construtora.

■ O Ministério Público do Ceará pediu a prisão preventiva de quatro homens suspeitos de matar **Givanildo Oliveira, dono do portal de notícias Pirambu News, em 7/2**, em Fortaleza. De acordo com a Abraj, os mandantes do crime seriam Carlos Matus da Silva Alencar e Fábio Almeida Maia.

■ O Sindjorce, a Associação Cearense de Imprensa e o Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Ceará realizarão nesta quinta-feira (7/4) em Fortaleza um ato em *Defesa da Liberdade de Imprensa, dos profissionais da Comunicação e da Democracia*.

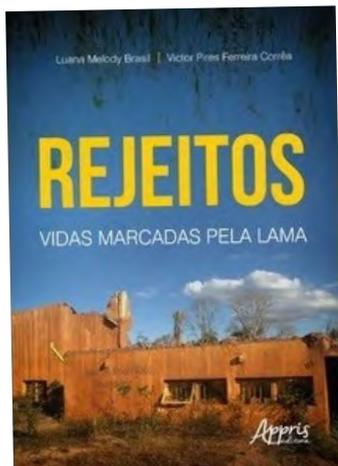
▶ O evento conjunto, a partir das 10h, no auditório da ACI (rua Floriano Peixoto, 735, Centro – 6º andar), marca o transcurso do *Dia do Jornalista*.

(*) Colaboração de **Lauriberto Braga** (lauribertobraga@gmail.com e 85-99139-3235), com Rendah Mkt & Com (contato@rendah.com.br e 85-3231-4239).

Livro

Luana Melody Brasil e Victor Pires lançam livro sobre a tragédia de Mariana

■ Os repórteres mineiros **Luana Melody Brasil** e **Victor Pires** lançaram nesta quarta-feira (6/4) o



livro *Rejeitos: Vidas marcadas pela lama* (Editora Appris), sobre o rompimento da barragem Fundão, da Samarco, em Minas Gerais, há quase sete anos, e os impactos na cidade de Mariana.

▶ A obra contém relatos de moradores da região, que falam sobre dores físicas e psicológicas, problemas financeiros, fome e medo após o acontecimento de novembro de 2015. No livro, Luana e Victor mostram a superação de moradores na luta por direitos em meio à negligência das empresas e até do Estado.

▶ Ao jornal O Tempo, Luana explicou que o livro é "um esforço de registro das memórias,

solidariedade e conhecimentos dos povos tradicionais, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, indígenas do Rio Doce e do litoral norte capixaba. Se propõe também a ser um instrumento para a luta dessas pessoas, que se viram obrigadas pelas circunstâncias a reivindicar direitos frente às mineradoras e ao Estado".

▶ E Victor destacou que a obra mostra o pré-rompimento, buscando explicar as condições que permitiram que o crime ambiental acontecesse: "Para isso, conversamos com pesquisadores, engenheiros, biólogos, cientistas sociais, gestores públicos, ativistas, lideranças locais e procuramos também

as empresas responsáveis, com o objetivo entender as diversas dimensões dos impactos sobre as comunidades e o meio ambiente".

E mais...

■ O Plural lançou um prêmio de literatura que irá contemplar e levar contos baseados em *fake news* para as páginas de um livro. O *Festival Jacaré de Fake News* "pretende devolver a ficção ao seu lugar", como explicam os organizadores. As histórias selecionadas serão publicadas em um *e-book* e o primeiro colocado receberá R\$ 2,5 mil. As inscrições são gratuitas e o regulamento pode ser encontrado [aqui](#).

Centro-Oeste

Petria Chaves

■ A Câmara Legislativa do DF (CLDF) realizou em 4/4 sessão solene pelo *Dia do Jornalista*, para “exaltar o trabalho incansável de inúmeros jornalistas – do Brasil e em especial da capital – que há dois anos, em razão da pandemia da Covid-19, vêm lutando contra a desinformação, incitada por anônimos e por autoridades, no combate ao vírus”. Para **Silvio Queiroz**, coordenador-geral do Sindicato dos Jornalistas do DF, presente no evento, neste período da pandemia, o jornalismo e os jornalistas seguiram provando o por que são essenciais no combate à desinformação. E que não se pode negar que na pandemia a imprensa assumiu o papel do Governo de informar a população, orientar como se comportar e o que fazer. Também foram convidadas/os para a solenidade **Márcia Marques**, professora, doutora e mestre em Comunicação pela

UnB; **Orlando Rangel**, diretor de Comunicação da CLDF; **Maria José Braga**, presidente da Fenaj; **Hélio Doyle**, representando a diretoria da ABI no DF, além de jornalistas de diversos veículos da Capital Federal.

► A sessão homenageou com moção de louvor diversos veículos da Capital Federal pelos serviços prestados à população do DF, entre eles Metrôpoles, Jornal de Brasília, R7 e Record.

■ O Metrôpoles, a propósito, iniciou na semana passada o treinamento da segunda turma do programa de estágio em jornalismo *Mentor*. Coordenado por **Maria Eugênia**, ele contou, na abertura, com a participação da diretora-executiva do portal, **Lilian Tahan**, que falou sobre as mudanças na forma de se fazer e consumir conteúdo nas redes sociais e a importância de as redações se adaptarem a este contexto.

■ O Congresso em Foco lançou em 31/3 o *Prêmio Congresso em Foco*, com as novas regras do concurso deste ano. Uma delas deve aumentar significativamente o número de parlamentares aptos à disputa. Pela primeira vez, deputados e senadores que respondem a inquéritos – investigações preliminares que podem resultar em abertura de processos ou não – poderão concorrer. A mudança preserva o direito de participação dos parlamentares que estão sendo investigados, mas não foram ainda denunciados pelo Ministério Público. Ficarão de fora da premiação, no entanto, os parlamentares denunciados criminalmente ou que respondem a processos de improbidade ou ações penais. A lista final dos participantes será divulgada em 24 de junho. O anúncio dos parlamentares mais bem avaliados do ano será feito em cerimônia marcada para 25 de agosto.

■ A radialista **Carmela** assinou em 1º/4 a ficha de filiação ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) para tentar uma cadeira na Câmara Legislativa do DF. O convite para o ingresso na sigla partiu da senadora Leila Barros, recém-chegada ao partido. “Dedico a minha vida para ajudar as pessoas, onde quer que eu esteja”, afirmou Carmela. “Então, avaliei que poderia ajudar mais pessoas sendo deputada do Distrito Federal”.

► A profissional, que já passou



Carmela

► Ao longo do programa, os 13 estudantes selecionados vão passar por treinamentos em técnicas de texto e apuração, mecanismos do jornalismo digital, como o Search Engine Optimization (SEO); noções de fotografia e vídeo; Lei de Acesso à Informação; ferramentas de checagem de conteúdo e vários outros temas. Além disso, terão palestras com editores, repórteres e outros jornalistas que são referência no mercado. Ao final, passarão por um período de experiência em todas as editorias do portal.

■ Âncora da CBN, **Petria Chaves**, com 17 anos de profissão, foi condecorada com a *Medalha da Ordem do Mérito do TSE Assis Brasil* em cerimônia realizada no Tribunal Superior Eleitoral, na segunda-feira (4/4) com a presença do ministro do STF Luís Roberto Barroso. A medalha é destinada a ministros e personalidades que se destacaram por

prestarem relevantes serviços à Justiça Eleitoral e à democracia nas respectivas áreas de atuação neste ano. “Ter o reconhecimento do nosso trabalho em favor da democracia, da equidade de gênero e da consciência política foi uma alegria, mas sei que é só uma luz num longo caminho que devemos percorrer, disse Petria à coluna de **Marcelo Chaves**, do Jornal de Brasília.



Petria Chaves

pelo SBT Brasília, apresenta o programa *Barraco da Carmela*, na Rádio Metrôpoles FM. Ela é jornalista e mestre pela UnB e desenvolve trabalhos sociais em comunidades menos favorecidas da periferia da Capital Federal.

■ **Nilson Klava**, repórter da GloboNews em Brasília, estreou em 4/4 nos perfis do canal nas redes sociais a série *Eleições de A a Z*, para descomplicar termos políticos. Vai explicar de forma clara



Nilson Klava

o significado de expressões fundamentais para o entendimento do processo eleitoral. Nos vídeos, com um minuto de duração, trata de temas como janelas partidárias, quociente eleitoral e cláusula de desempenho. ([Saiba+](#)).

■ Uma equipe da TV Globo Brasília foi alvo de ato obsceno na tarde de 4 de abril. A repórter **Camila Guimarães** fazia uma passagem ao vivo, em Samambaia, quando um VW Gol branco passou em baixa velocidade na rua, por trás da jornalista e o homem que estava no banco do carona colocou as nádegas na janela. O crime de ato obsceno, previsto no artigo 233 do Código Penal, pode ser punido com até um ano de reclusão, além do pagamento de multa.

■ **Larissa Alvarenga** é a nova contratada do Metrôpoles. Ela comandará, ao lado de **Caio Barbieri**, o *Jornal do Metrôpoles*, que deve estreiar em breve no [canal do portal no YouTube](#).

Norte

Pará

q O fotógrafo **David Alves** está de volta à Secretaria de Estado de Comunicação do Pará (Secom-PA). Ele fez parte e coordenou a área de fotografia dessa então recém-criada secretaria, ainda no governo de Ana Júlia Carepa. Passou um tempo longe de Belém, voltou à capital paraense



David Alves

e agora é o novo integrante do time de fotógrafos da Secom, em substituição a **Jader Paes**.

q **Adelaide Oliveira** e **Rita Soares**, do Armarinho Podcast, colocaram no ar em 29/3 a entrevista que fizeram com o prefeito de Belém Edmilson Rodrigues (PSol). O segundo programa do Armarinho já está no ar no YouTube.

■ O programa *Feira do Som* completou em março 50 anos no ar,



Rita, Edmilson e Adelaide

sempre sob o comando de **Edgar Augusto**. Para celebrar a data, em todas as últimas sextas-feiras de cada mês, até o final do ano, haverá uma *Feira do Som Especial*, com transmissão por Rádio, TV e Portal Cultura.

■ **Cynthia Gatti** deixou o grupo O Liberal. Antes, ela havia passado pela rádio CBN Amazônia Belém.

■ **Anna Cristina Campos**, que teve



Feira do Som

passagens por TV Liberal e TV Cultura, deixou a pedido a assessoria de comunicação do Hemopa.

■ Na Rádio Clube do Pará, quem deixou a redação, após três anos na produção, foi **Rafael Rocha**, que agora vai para a CBN Amazônia Belém. E quem chegou por lá foi **Jamile Marques**, que já havia passado pelo Núcleo de Mídia Social da emissora e agora será do time de produtores, coordenado por **Gleydson Souza**.



Jamile Marques e Rafael Rocha

q **Adison Ferreira** é mestre em Ciências da Comunicação pela

Universidade Federal do Pará (UFPA). A dissertação dele, com tema sobre a esmolação de São Benedito em Bragança (PA), foi aprovada, indicada para publicação e orientada pela professora e jornalista **Vânia Torres**. A defesa foi em 1º de abril.

■ Em 30/3 foi realizado o lançamento coletivo de livros e relatos de pesquisa no PPGCOM UFPA, com textos das professoras da FACOM **Vânia Torres** e **Alda**

Cristina Costa, em parceria com o professor **Paulo Nunes**, do PPGCLC da Unama.

q **Zek "Picoteiro" Nascimento**, publicitário que está morando e trabalhando em Alter do Chão, assumiu o Espaço Alter, mais conhecido como *Borô*, que levará de Belém para aquele distrito, definitivamente, a festa *Lambateria*. O espaço passa por algumas reformas e em breve estreia por lá. (Com a colaboração de **Dedé**)

Mesquita – dedemesquita@gmail.com)



Zek Nascimento

Roraima

■ O Sindicato dos Jornalistas de Roraima (Sinjoper) elegeu em 29/3 a diretoria que vai conduzir a entidade até 2025. A chapa úni-

ca **Jornalista Márcia Seixas** – *Sinjoper em Defesa dos Jornalistas*, encabeçada por **Paulo Thadeu Franco das Neves** e com **Sonia**

Lucia Nunes Pinto como vice-presidente, foi eleita por unanimidade. Ela conta ainda com a atual presidente **Adriana Cruz** e o

vice-presidente **Gilvan Costa** no Conselho de Representação junto à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Mais Premiados

■ Estão abertas até 29 de maio as inscrições para a primeira edição dos *Prêmios Fotografia e Jornalismo 2022*, realizado pela da Rede ILPF (Integração Lavoura-Pecuária-Floresta). O prêmio de *Jornalismo*, cujo tema é *Contribuições dos sistemas ILPF para uma produção agropecuária com baixa emissão de carbono*, está dividido nas categorias reportagens escritas, áudio, vídeo e veículos estrangeiros, além de uma categoria específica para associadas da ILPF. Serão aceitos trabalhos veiculados a partir de 16 de maio de 2021. E o prêmio de *Fotografia* tem uma categoria dedicada ao fotojornalismo. [Inscrições aqui.](#)

3ª Edição

Inscrições abertas

Programa Avançado em Comunicação para a Sustentabilidade/ESG

25 de abril | até 26 de setembro

Aos 78 anos, Lucas Mendes faz o *Manhattan Connection* direto da Ucrânia

■ O *Manhattan Connection* voltou ao ar em 31/3, no canal My News. Um dos temas foi a guerra da Ucrânia. O programa havia deixado de ser exibido em setembro do ano passado, quando o contrato com a TV

Cultura foi encerrado por falta de financiamento.

► Aos 78 anos, **Lucas Mendes**, um dos apresentadores, fez o *Manhattan Connection* diretamente de Lviv, na Ucrânia. Ele chegou ao país em 25/3 e permaneceu lá por uma semana. O programa exibiu reportagens feitas por ele durante sua estadia em solo ucraniano.

► O *Jornalistas&Cia* conversou com Mendes sobre a sensação de cobrir uma guerra aos 78 anos. Confira a seguir:

J&Cia – Por que você se dispôs a ir até a Ucrânia?

Lucas Mendes – Por causa do Zelensky. Aos 78 anos, nunca

vi um cara fazer o que ele fez, mobilizar o país como mobilizou, um cara que estava lá embaixo nas pesquisas, foi eleito sem ter plano de governo, sem fazer um comício, um debate, e em quatro anos saiu de comediante para presidente da Ucrânia, sempre defendendo a bandeira de acabar com a corrupção. Fiquei interessado. Como se faz isso? Que coragem é essa? Então, como o *Manhattan Connection* ia voltar dia 31, sugeri esse tema da Ucrânia e a direção, apesar de achar maluquice, topou na hora, tem espírito aventureiro.

J&Cia – Como foi sua experiência na Ucrânia? Alguma dife-

rença de coberturas anteriores?

Lucas – Em outras experiências que eu tive, em Nicarágua, El Salvador, países da América Central, a situação foi mais arriscada. O motorista chegava e já sabíamos o que apurariamos, ele já sabia o local do tiroteio, do conflito, onde estavam os feridos, mortos.

Mas, nesse caso da Ucrânia, fiquei em Lviv, cidade que só havia sido bombardeada uma vez, no dia em que nós chegamos, três horas antes. Fomos para lá pois está cheia de jornalistas, e porque tem uma infraestrutura boa. Fizemos o programa de quatro cidades diferentes, isso é muito difícil. Dois em Nova York, um em



Lucas Mendes em Lviv

Belo Horizonte, um em Veneza e eu na Ucrânia, é uma operação tecnicamente muito complicada. Achei que ia dar errado, e teve alguns problemas, mas foi muito bom, valeu a pena.

J&Cia – E como era sua rotina lá? Algum bastidor interessante para contar?

Lucas – A rotina era simples: não tínhamos um roteiro estabelecido. Saímos às 10 horas da manhã, e procurávamos o que estava acontecendo na cidade. Aí fazíamos alguma pauta para compensar justamente o que não estava rolando. Não sabíamos sobre o que falaríamos, e quando chegávamos perto de locais destruídos, atingidos, a polícia não deixava se aproximar.

Lviv é cidade rica, sofisticada, com centro muito movimentado com lojas e restaurantes, e você não vê sinal de guerra. Eu só en-

trei em um abrigo para fazer uma reportagem, contar a história de uma avó e duas netas, e três camaradas. Quando estávamos na cidade e veio a sirene, fomos a um mercadinho, mas ninguém saiu de lá, ninguém foi embora, nada mudou. Eu acho que é um contexto diferente, eles têm um senso de perigo mais apurado, eles sabem quando é o momento de correr e quando dá para continuar à vontade.

Uma história legal: no trem, nosso vagão estava cheio, tinha uns 20 camaradas vestidos à paisana, nas cabines deles. De repente, pouco antes da fronteira, estavam todos vestidos de soldado, roupas camufladas, mas não oficiais. Descobrimos que eram todos voluntários para lutar ao lado dos ucranianos, inclusive, entre eles, dois brasileiros, um de Goiás e um de São Paulo.

Não quiseram dar entrevista e não se deixaram fotografar. Aí houve uma inspeção detalhada no vagão inteiro, e levaram um português suspeito de ser agente infiltrado.

J&Cia – No *Manhattan Connection* você brincou que algumas pessoas perguntaram se você “não está muito velho para esse tipo e coisa”. Fale um pouco sobre isso. Você acha que, aos 78 anos, a idade é um obstáculo?

Lucas – Sinceramente, esperava encontrar lá alguém da minha geração, pois na época em que estive em Nicarágua, El Salvador, fiz muitas amizades, às vezes ficava semanas com as mesmas pessoas. Mas não encontrei, acho que, pelo que vi, eu era o mais velho lá. E como não passei por nenhum momento de correria, de fugir de tiroteio, bombas, não me senti velho na hora. Mas, de

fato, uma pessoa mais jovem é muito mais apropriada para cobrir guerras do que um cara de 78 anos. Mas eu quis ir pelo meu fascínio e pela história do Zelensky e como está conseguindo resistir ao Putin.

E mais...

■ Estão abertas as inscrições para o *Internationale Journalisten-Programme*, programa de intercâmbio profissional para jornalistas da América Latina terem a oportunidade de atuar em uma redação alemã por dois meses com auxílio financeiro. Os candidatos devem ter idade entre 25 e 38 anos e bons conhecimentos do idioma alemão, vínculo empregatício com um veículo de comunicação brasileiro ou trabalhar na redação de empresas públicas de comunicação. As inscrições vão até 30 de abril.

Aliança de 42 entidades manifesta apoio ao PL das Fake News

■ A Coalizão Liberdade com Responsabilidade, aliança composta por 42 entidades nacionais e estaduais de comunicação do Brasil, manifestou em carta apoio à aprovação do PL 2630/2020, conhecido como PL das Fake News. As organizações defendem que

o texto determina importantes obrigações de transparência, importantes para se protegerem de abusos das grandes plataformas e para as autoridades fiscalizadoras.

► “Diferentemente do propagado por gigantes digitais, o projeto não acabará com a publicidade

digital. Pelo contrário, aumentará a transparência sobre anúncios e impulsos, que muitas vezes financiam a desinformação e discursos de ódio. (...) É uma clara desinformação, aliás, afirmar que o projeto vedaria a publicidade ou serviços digitais”, diz a carta.

► As entidades destacam que o PL, na verdade, garante que serviços e pequenos negócios prestados em associação com as plataformas não sejam alvejados pela concorrência desleal ou pelo abuso do poder econômico no tratamento de dados. [Leia a carta na íntegra.](#)



Regra dos Terços lança podcast sobre TDAH e outras neurodivergências

■ O Regra dos Terços, site de notícias com foco em Direitos Humanos, lançou o *Distráidos*, podcast que aborda o universo de pessoas diagnosticadas com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade),

autismo ou demais neurodivergências. O programa é comandado pelo fundador da plataforma **Erick Mota** (ex-Gazeta do Povo, Band, RICTV e Congresso em Foco) e pela influenciadora digital **Alpin Montenegro**.

► Em entrevista a **Luana Ibelli**, para o Portal dos Jornalistas, Erick explicou que a descoberta do próprio TDAH, em outubro de 2021, o motivou a pesquisar amplamente sobre o assunto ([Leia](#)).

Série de guias apresenta estratégias para organizações de notícias

■ A News Product Alliance (NPA) lançou em 24/3 os primeiros conteúdos da *Product Kit*, uma série de guias práticos e gratuitos para estratégia, pesquisa e desenvolvimento de produtos em meios jornalísticos.

► Organizados em quatro categorias – o produto, a mentalidade do produto, a prática do produto e a equipe do produto

–, o objetivo é ampliar o debate e as práticas do setor de notícias.

► Inicialmente foram disponibilizados cinco conteúdos que serão atualizados ao longo do tempo, com os temas [Entendendo o papel do produto nas organizações de notícias](#), [O "ABC" do produto](#), [Ensinando métodos de produto nas redações](#), [Escolhendo o método de desenvolvimento de produto que funciona melhor para sua equipe](#), e [Introdução ao planejamento estratégico e definição de metas](#).

► Para **Feli Carrique**, diretora executiva da News Product Alliance, "esta é uma série escrita por pessoas que trabalham na indústria de meios de comunicação. Todo o conteúdo é baseado nos desafios que as pessoas que querem aplicar essa mentalidade na

mídia podem encontrar para que o aprendizado seja extrapolado diretamente para a experiência dos leitores".

E mais...

■ Foram divulgados os resultados do estudo global [Edelman Trust Barometer 2022](#). Segundo o recorte brasileiro da pesquisa, houve um aumento de confiança nas ONGs e nas Empresas, enquanto Governo e Mídia registraram quedas no mesmo quesito. No último ano, a confiança no Governo (34%) despencou cinco pontos e na Mídia (47%) caiu um ponto. A pesquisa foi desenvolvida pela Edelman Data & Intelligence por meio de entrevistas online de 30 minutos, realizadas entre os dias 1º e 24 de novembro de 2021, com mais de 36 mil pessoas –

cerca de 1.150 respondentes em cada um dos 28 países pesquisados.

■ A Abraji disponibilizou na plataforma PinPoint do Google mais duas coleções de documentos de interesse público, desta vez relacionados à ditadura militar. Em parceria com o projeto Brasil: Nunca Mais Digit@l (BNM Digit@l), a entidade levou para a plataforma mais de dois mil itens com processos judiciais movidos contra presos políticos, sobre torturas e violações de direitos humanos ocorridas durante a ditadura. A outra coleção consiste em 46 arquivos de relatórios da Comissão Nacional da Verdade (CNV), de nove comissões estaduais e de uma comissão temática. [Mais informações aqui](#).

■ Em nota conjunta, a Associa-

ção Brasileira de Imprensa (ABI) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) repudiaram a extinção das Rádios MEC e Nacional do Rio de Janeiro. O coronel Roni Pinto, diretor-geral da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), comunicou a gestores da estatal que, no prazo de um mês, as rádios seriam extintas.

► "A ABI e a SBPC manifestam seu repúdio a ela e conclamam a população brasileira a pressionar o Governo Federal para que volte atrás nessa decisão", diz a nota. "A MEC é a mais antiga emissora de rádio do Brasil, tendo sido criada em 1923, com o nome de Rádio Sociedade. Conquistou respeito generalizado devido à qualidade da sua programação. Já a Rádio Nacional foi o mais importante veículo de comunicação do País

em meados do século passado, tendo também uma extensa folha de serviços ao povo brasileiro. A única explicação possível para a medida anunciada é a conhecida aversão do atual governo a tudo o que é público".

■ O Meio&Mensagem anunciou a chegada de seis novas colunistas para sua plataforma *Women to Watch*: **Bruna Pastorini** (Druid), **Claudia Vassalo** (Nova PR), **Cris Guterres**, **Erlana Castro** (Radar da Antifragilidade), **Flavia Campos** (Artplan) e **Tatiana Lemos**.

■ A Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e a Comissão Oceanográfica Intergovernamental da Unesco lançam a segunda edição do *Edital Conexão Oceano de Comunicação Ambiental*. A principal novidade é inclusão da categoria *Fotografia* no processo, que distribuirá

até R\$ 30 mil em prêmios para imagens de espécies, paisagens e atividades relacionadas com o oceano e ambientes costeiro-marinhos. Na categoria *Jornalistas*, até cinco projetos de reportagem serão selecionados para receber bolsas de R\$ 8 mil cada. As inscrições podem ser feitas até 15 de maio por meio de [formulário](#) disponível no site da [Fundação Grupo Boticário](#).

■ O Comunique-se e a agência de notícias corporativas Dino apresentaram a primeira edição da pesquisa [O mercado de podcasts no Brasil](#). O levantamento contou com 1.100 respostas, de 24 de fevereiro a 11 de março, e teve como objetivo analisar a produção e o consumo de podcasts no País. A íntegra do relatório do levantamento está disponível gratuitamente para [download](#).

Para visualizar o material, [basta preencher um formulário online](#).

■ O Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo realizará em 12/4 o evento online *20 Anos do Projor: pelo fortalecimento da crítica da imprensa e do jornalismo local*. Aberto ao público geral, o evento terá início às 17h e será transmitido ao vivo pela página do [Observatório da Imprensa no Facebook](#).

■ Abraji e a Meta divulgaram o resultado dos selecionados para o programa *Acelerando a Transformação Digital*, projeto realizado em parceria com o Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ). Os participantes vão receber mentoria com especialistas durante três meses, de maio a julho, e contarão com apoio financeiro de até US\$ 2.500 cada um. A lista pode ser conferida pelo [site](#).





Nosso estoque do *Memórias da Redação* continua baixo. Se você tem alguma história de redação interessante para contar mande para baroncelli@jornalistasecia.com.br.

■ Esta é novamente uma colaboração de **José Maria dos Santos** (djose@uol.com.br), ex-Diários Associados, Manchete, Abril e Diário do Comércio, de São Paulo, entre outros.

O furo do Sangue de Boi

A leitura extremamente prazerosa do livro Samuel Wainer – O Homem que Estava Lá (*Companhia das Letras*), belíssima biografia do mestre,



escrita por **Karla Monteiro**, animou-me a rememorar o mais instigante entre os vários episódios que tive o privilégio de compartilhar com ele e que naturalmente passaria ao largo da pesquisa de Karla por ser irrelevante, mas que cabe no perfil de *Jornalistas&Cia*.

No início de 1969 – e fogue-me a data precisa –, Samuel estava tentando recuperar a Última Hora após retornar de um autoexílio salvo em Paris; o jornal cambaleava aos trancos e barrancos desde 1964. A iniciativa havia provocado uma revoada de antigos colaboradores – melhor dizendo, companheiros – para participar da empreitada, entre eles **João Ribeiro**, que me arrastou.

Conheci João na Folha da Tarde, do Grupo Folhas, nos idos de 1968; ele fora secretário do jornal, então

não recebi novas tarefas, suspeito porque já não havia outros jipes e nem verba de transporte.

O apartamento na Zona Sul transformou-se num quarto no Solar da Fossa, na Rua Lauro Müller, Botafogo, hoje o Shopping Rio Sul, que passei a dividir com a bela figura do chargista **Piankovski**. Tratava-se de uma pensão com dezenas de quartos que, já naquela época, se tornara templo da MPB e de qualquer outro lugar. Havia abrigado Caetano Veloso e sua turma nos seus primeiros tempos de sul maravilha; durante os poucos meses em que lá estive, os Novos Baianos haviam chegado e, coincidência ou não, um galo começou a cantar na madrugada, levando-me a supor que fazia parte da caravana. Devido ao seu notívago e bulçoso dia a dia, o Solar sempre me vem à mente quando ouço



José Maria dos Santos

sob o comando de **Jorge Miranda Jordão**, eterno braço direito de Samuel. Estava, portanto, tudo em família, com apenas um erro de cálculo: a decretação do Ato Institucional Nº 5, em 13 de dezembro de 1968. O ato escancarou a ditadura militar, provocou forte reação nas esquerdas, traduzida em guerrilha urbana, e, no caso de Samuel, praticamente abortou seu projeto que, apesar de tudo, foi levado penosamente adiante. (Àquela altura, se bem me lembro, Miranda já estava em lugar incerto e não sabido, procurado pela polícia política por ligações com o movimento armado MR-8, cujo título homenageia a morte de Che Guevara em 8 de outubro de 1967, na Bolívia).

A proposta que recebi havia sido tentadora, coerente com os tradicionais e generosos arroubos contratuais de Samuel, aliás, na maioria das vezes realizados: soma atraente e apartamento na Zona Sul carioca, algo deslumbrante para os meus 23 anos.

As coisas não se deram daquele jeito. Após apresentar-me à chefia, cujo nome me escapa, fiquei praticamente esquecido na redação. E não poderia ser de outra forma, pois o AI-5 havia alterado todo o cenário no qual estava assentado o reerguimento de Última Hora. Em todo caso, acabei recebendo a primeira incumbência: fazer a rota de um grupo guerrilheiro urbano que estava atuando na Baixada Fluminense, liderado, se não me trai a memória, por um ex-precincha.

Acomodei-me num jipe Willys dos anos 1940, de fabricação americana, com o logotipo da Última Hora, branco, sobre fundo azul, suas clássicas cores. O evidente mau estado foi confirmado a meio caminho. Empacou e me fez voltar de táxi para a redação, cujo reembolso jamais ocorreu. Depois desse insucesso,

a canção Amanhecendo, da magnífica e trepidante Sinfonia Paulistana, de Billy Blanco. Como São Paulo, o Solar também não amanhecia, apenas acertava a sua nova posição, pois sempre havia fogueiras ininterruptas com gente ao redor num quintalão ou terreno baldio, como se o planeta fosse insone; suspeito também que a canção Canto de um povo e de um lugar (1975), de Caetano, seja uma reminiscência do seu estágio ali, isto é, uma celebração ininterrupta do dia secundando a noite e vice-versa.



Solar da Fossa

MEMÓRIAS DA
REDAÇÃO

O escritor/colega **Ruy Castro** já disse que haver morado no Solar enriquece qualquer currículo. O nome do lugar advém da expressão fossa, que nos anos 1970 designava aquilo que **Nélson Rodrigues** classificava como a "mais cava depressão". Embora a fossa também pudesse ser o velho spleen proclamado pelo poeta Charles Baudelaire no século XIX e travestido para tempos contemporâneos, sugerindo que fosse artificialmente criado para produzir boas impressões ao redor, pois o spleen, mal du siècle, fossa, seja lá que nome se der, havia voltado à moda. Era uma melancolia difusa e inexplicável cujo intuito era produzir comoção no próximo e não raramente render alguma companhia feminina, masculina, ou ambas, no fim da noite. Ou vice-versa também. No tópico do salário, as coisas também não foram satisfatórias. Passei uns três ou quatro meses sem nada receber e somente não fui despejado do Solar porque Piankovski previa e provinha.

Meus caminhos se foram a cruzar com os de Samuel outra vez por volta

de 1972. Como jornalista da sucursal paulista de Bloch Editores, fui deslocado para atender ao Domingo Ilustrado, um jornal dominical que tinha Samuel como editor-chefe. Era material e graficamente sofisticado, pois trazia a impressão sempre impecável de Adolpho Bloch em sedoso papel-couchê de gramatura superior. Por ser efusivamente colorido, ganhou o apelido de arara, justamente para confirmar a qualidade da gráfica de Parada de Lucas e a tradicional falta de opinião sobre tudo e todos de Bloch Editores: bonito, mas não fala nada! Devia ser desconfortável para o sempre briguento Samuel, que talvez engolisse o silêncio por precisar do salário.

Em todo caso, o Domingo propiciou-me a aventura de tomar um porre com vinho Sangue de Boi, na companhia do cantor Waldick Soriano (1933-2008), e produzir um marco memorável na minha carreira. Samuel pediu-me para fazer uma entrevista na qual mostrasse em profundidade a breguice romântica de Waldick, então arrebatadora de corações nos quatro cantos do Brasil.

Durante a entrevista, iniciada às 10 da

manhã na sua casa no Jardim São Bento, Zona Norte de São Paulo, ele começou mudo e terminou calado. Logo percebi que a inibição tinha fundo sócio-cultural: Waldick parecia temer que a matéria enveredasse pela gozação, pois somente isso, no seu entendimento, poderia justificar que veículo tão sofisticado fosse tratar com um sujeito do interior nordestino; quem, como eu, tem familiaridade com a rígida pirâmide social do interior, na qual somente a elite é visível, sabe do que se trata.

Por volta do meio dia ele me convidou protocolarmente para almoçar. Aceitei. Queria ganhar tempo para obter algum material aproveitável. Minha decisão equivaliu a tirar um inesperado bilhete premiado. Ao início do almoço ele correu a mão



por debaixo da sua cadeira e pescou um garrafão de Sangue de Boi. Após começar a bater o efeito do vinho, tagarelou animadamente por trás dos irremovíveis óculos escuros; uma mesa de cachaça na biosca não faria melhor. Fiquei sabendo, entre outras confidências, que, nos seus tempos de

garimpeiro no sertão, salvo engano de Goiás, gostava de se vestir de preto nos fins de semana para bancar o Durango Kid (*) na vila mais próxima; uma das suas predileções era a de mexer nas bolas durante uma partida de bilhar em andamento. Imagino quantas porradas deu e levou.

Samuel, debochada e generosamente, elogiou a matéria: "Zé Maria dos Santos, você é o maior repórter do Brasil". Interiormente, transferi a saudação para o garrafão. Tudo na vida é uma questão de pompa e circunstância. Naqueles dias Waldick estava estourando com seu sucesso Eu não sou cachorro não, na qual se queixa do desprezo da mulher amada.

(Na minha referida passagem pela Última Hora carioca lembro que Samuel Wainer, mesmo naquelas dificuldades,

estava sempre vestindo bonita camisa azul com gravata bordô, combinação que era moda na época. O livro de Karla esclareceu-me que camisa daquela cor fora introduzida na vida dele por Danuza Leão, sempre doutora em elegância, quando ambos foram casados, nos anos 1960).

(*) Durango Kid, que nasceu em 1940, era interpretado pelo ator Charles Starret, razão pela qual eu sempre pensei que fosse o nome do herói quando estava à paisana, sem a máscara. Nossa MPB é pródiga em homenageá-lo: aparece em Cowboy fora da lei e Anarkilópolis, de Raul Seixas; Eu quero botar o meu bloco na rua, de Sérgio Sampaio. Como era faroeste B, portanto em preto e branco de má qualidade, o contraste da roupa preta com o cavalo branco produzia tal saturação que os pequenos espectadores das matinês ficavam cegos por alguns minutos nas tomadas em close quando Durango Kid estava cavalgando.



Durango Kid